



Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em História

**Excursionismo e conservação da natureza:
Do amor às árvores à ecologia (1920 – 1970)**

Hermes Marques Machado

BRASÍLIA
2023

HERMES MARQUES MACHADO

**Excursionismo e conservação da natureza:
Do amor às árvores à ecologia (1920 – 1970)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Linha de Pesquisa: Política, Instituições e Relações de Poder

Orientador: Prof. Dr. José Luiz de Andrade Franco

BRASÍLIA
2023

HERMES MARQUES MACHADO

**Excursionismo e conservação da natureza:
Do amor às árvores à ecologia (1920 – 1970)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Luiz de Andrade Franco (Orientador)
Universidade de Brasília

Prof. Dra. Maria Filomena Pinto da Costa Coelho
Universidade de Brasília

Prof. Dra. Alessandra Izabel Carvalho
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Agradecimentos

Esta dissertação está ligada à minha iniciação na escalada. Atividade que comecei em outubro de 2013, quando meu irmão, Hernane, que à época morava em Uberlândia – MG, convidou-me para uma viagem a Araxá, também no estado de Minas Gerais. Sem aquela – e muitas outras – viagens a paisagens bucólicas e pastoris, geralmente encrustadas entre campos de soja, criações de gado e áreas de mineração, escalando e, principalmente, partilhando momentos em fraternal companhia, as presentes reflexões não estariam aqui. Fica a ele o meu primeiro agradecimento, pois, apesar de escalarmos menos, transformou a minha vida e minha forma de ver o mundo.

Agradeço aos irmãos de corda (e, eventualmente, de *crash pads*), Pedro Almeida, Carolina Borges, Filipy Mesquita e Daniel Texidor. E, principalmente, ao companheiro de móveis e cordadas, com quem compartilhei a alegria de alcançar o cume do Dedo de Deus – e, tantas vezes, a belíssima Pedra do Canto em Unaí – e que acompanhou boa parte do processo de pesquisa e de escrita, Gabriel Rezende. Também agradeço aos muitos aqui não mencionados, que compartilharam comigo a alegria da escalada, e à Associação de Escalada do Planalto Central – AEP, a lançar outro olhar para as questões associativas e institucionais.

Agradeço à Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, que oportuniza aos professores, como política de estado, a possibilidade de se afastar das atividades docentes para a pós-graduação. À gestão de 2019 do CETELB e à de 2020 do CEF 01 do Núcleo Bandeirante, que me apoiaram, seja tornando possível que eu assistisse às aulas como aluno especial na Universidade de Brasília, seja no apoio para o processo de seleção do mestrado e da SEEDF para conseguir o afastamento. Ao Setor de Afastamento Remunerado para Estudos/EAPE, que acompanhou o processo prestando todo apoio, de forma humana e paciente. À Diretoria de Ensino Fundamental – DIEF, onde hoje me encontro e que me acolheu nos meses finais de duas gestações simultâneas.

A todos que colaboraram nesta pesquisa. Agradeço aos amigos do Centro Excursionista Brasileiro, que me receberam de braços abertos, principalmente: Dôra, Simone Leão, Lúcia, Horácio, Berardi, Cláudia, Celso e Neuza. A Waldecy Mathias Lucena, que me colocou em contato com diversos clubes de excursionismo. Aos amigos do Centro Excursionista Guanabara, que conheci em uma confraternização para comemorar os 40 anos da abertura da via Luiz Arnaud, na animada cobertura que é a sede do clube. A André Ilha pela entrevista

concedida na fase de prospecção da pesquisa. A Rodrigo Milone, do Clube Excursionista Carioca, que me recebeu na sede do clube. Ao Clube Niteroiense de Montanhismo, em cuja sede também fui recebido. Ao Grupo Excursionista Agulhas Negras, onde, embora eu não tenha continuado com a linha original da pesquisa, tive o prazer de conhecer Júlio e Igor Spanner, que me receberam no Parque Nacional do Itatiaia.

A Rosângela Gelly e família, cuja vivência e expressão, falada e escrita, foram fundamentais não só para a dissertação como para a vida.

Ao meu orientador, José Luiz, por ter topado me orientar nesta pesquisa, revivendo em mim o prazer da pesquisa acadêmica. A Juliana Souza, companheira presencial e remota numa pós-graduação realizada, grande parte, durante a pandemia de Covid-19, além de ter colaborado com insights preciosos sobre a Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza.

Quero agradecer aos irmãos que a vida me deu, e que estarão presentes em qualquer agradecimento. Em ordem cronológica. A Guilherme Lopes Guimarães, parceiro do curso de História da Universidade Federal de Uberlândia, onde quer que esteja, pó e espírito, marca indelével na minha trajetória. Ignácio Mendez Kersten, irmão gaúcho e tricolor que ganhei na aridez de Brasília, e que hoje é um homem telúrico das paragens austrais, mas mais perto do que nunca, principalmente nos jogos dos nossos tricolores.

A meus pais, Mônica e João. Agradeço pela vida, pela paciência, pela temperança e pelas oportunidades que tive e tenho. A meu irmão e minha cunhada, Hernane e Fabiana, pelo apoio e amizade. A Henrique e Tiago, meus sobrinhos, que tenho a oportunidade de ver crescer e tanto ensinam. Aos meus sogros, Sandra e Francisco, e a minha cunhada, Karen, pelas alegrias e pelo aprendizado para a vida.

A Beka, que, ao me levar para passear, ensinou-me diariamente durante o mestrado.

Agradeço, com muito amor, a Meggy, que topou embarcar comigo na jornada da vida, que sofreu e se alegrou com o andamento das pesquisas, que trabalhou incansavelmente para manter a minha saúde mental e que me trouxe de volta à razão nos momentos mais críticos. Esta dissertação não existe sem você. Assim como não existiria Pilar, nossa filha, gestada durante o processo de escrita da dissertação, e que há muitos meses nos transforma diariamente, lançando-nos em uma das maiores jornadas da nossa vida.

2.^a – Reencontro com a natureza – Sob o stress causado pela vida artificial da cidade, sufocado entre quatro paredes no lar e no trabalho, o homem precisa de espaços livres e de uma volta à Natureza da qual se afastou. Sua saúde física e mental está ameaçada. Tal fato explica o aumento gradativo das doenças mentais e psicossomáticas, originando o uso indiscriminado de psicotrópicos (...), demonstrando a necessidade da fuga à ansiedade ou do tédio, os grandes males da civilização.

O alpinismo representa então a válvula mais eficaz, prevenindo ou curando os referidos males. Quer banhado pelo sol quente, quer sofrendo a chicotada estimulante do vento ou do frio, caminhando nas alturas de um mundo silencioso, o montanhista sente o relaxamento física e emocionalmente. Na base da escalada ficaram os problemas da cidade. A montanha monopoliza inteiramente aquele que a escala.

Colaboração de José Bezerra Garrido, do C.E. Rio de Janeiro, para o artigo “Justificativas psíquicas do alpinismo”. Fonte: MONTANHISMO. *O Globo*. 6 jul. 1970, Edição Esportiva, p. 8-B.

Resumo

As associações excursionistas que emergiram na antiga capital do Brasil, a cidade do Rio de Janeiro, podem ser consideradas os espaços nos quais a prática do montanhismo organizado se desenvolveu e se institucionalizou no Brasil, mesmo que as atividades desses grupos não fossem exclusivamente de montanhismo. Esses grupos, formados majoritariamente por uma classe média urbana, cuja prática está diretamente relacionada com ambientes de natureza exuberante, advogaram em diferentes momentos pela proteção e conservação da natureza. Neste trabalho, busca-se apresentar como, em grupo e individualmente, os excursionistas se articularam em favor da natureza entre as décadas de 1940 e 1960. O primeiro capítulo busca compreender a fundação das associações excursionistas como parte de um processo histórico mais amplo, relacionado ao esporte amador e aos nacionalismos. No mesmo capítulo, são explorados a aproximação e o envolvimento das associações excursionistas com órgãos do poder público, como o Conselho Florestal Federal e o Serviço Florestal Federal. Os capítulos seguintes abordam a aproximação e o adensamento das relações entre excursionistas e conservacionistas, assim como a progressiva assimilação da conservação da natureza nos documentos institucionais do excursionismo. A pesquisa examina os registros nos boletins das associações excursionistas e jornais de grande circulação. Ao longo da pesquisa, foram encontradas numerosas evidências de que os excursionistas estavam cientes das ideias sobre conservação da natureza. Além disso, havia diálogo e incorporação ativa dessas ideias em seus processos educacionais.

Palavras-chave: excursionismo; montanhismo; Rio de Janeiro; conservação da natureza

Abstract

The excursionist associations that emerged in the former capital of Brazil, the city of Rio de Janeiro, can be considered the spaces in which the organized mountaineering was developed and institutionalized in Brazil, even though they were not strictly performing mountaineering activities. These groups, mainly formed by an urban middle class, whose practice is directly related to exuberant natural environments, advocated in different moments for nature protection and conservation. This work presents how, both collectively and individually, the excursionists advocated and worked in favor of nature between the 1940s and 1960s. The first chapter aims to understand the foundation of excursionist associations as part of a broader historical process related to amateur sports and nationalism. In the same chapter, the approach and involvement of excursionist associations with public authorities, such as the Federal Forestry Council and the Federal Forestry Service, are explored. The following chapters address the development and the intensification of the relations between excursionists and conservationists, as well as the progressive assimilation of nature conservation in the institutional documents of the associations. The research examines the records of the excursionist associations' bulletins and widely-circulation newspapers. During the research, there were found plenty of evidence that the excursionists were aware of nature conservation ideas. Furthermore, there was an active dialogue and incorporation of these ideas into their educational processes.

Palavras-chave: excursionism; mountaineering; Rio de Janeiro; nature conservation

Lista de Ilustrações

Figura 1 – O artigo de jornal mais antigo encontrado no qual excursionistas protestam contra a devastação das matas, p. 22.

Figura 2 – Oscar Azambuja sobre as devastações no jornal *A Noite*, p. 60.

Figura 3 – “Lagartixas” – Utilidade Pública, p. 64.

Figura 4 – Vida Excursionista, p. 70.

Figura 5 – Vida Escoteira, p. 70.

Figura 6 – Vida Evangélica, p. 71.

Figura 7 – Vida Católica, p. 71.

Figuras 8 e 9 – Elementos da propaganda da Campanha de Educação Florestal, p. 78.

Figura 10 – Excursionistas receberam medalhas da Campanha Florestal, p. 79.

Figura 11 – Eventos em “combinação com o *Correio da Manhã*”, p. 83.

Figura 12 – “O Dedo de Deus é nosso!”, p. 90.

Figura 13 – Natureza brasileira em debate amanhã na Rádio Roquete Pinto, p. 91.

Figura 14 – “Com chuva e tudo”, p. 94.

Figura 15 – Mais 45 defendem natureza carioca, p. 101.

Figuras 16 e 17 – Seção Montanhismo e sua disposição gráfica, p. 105-106.

Figura 18 – Ética na Montanha, p. 109.

Figura 19 – Montanhista!, p. 109.

Figura 20 – Natureza e Excursionismo, p. 125.

Figura 21 – Como o excursionista colabora, p. 127.

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Palestras sobre conservação no Centro Excursionista Brasileiro (Parte 1), p. 132.

Tabela 2 – Palestras sobre conservação no Centro Excursionista Brasileiro (Parte 2), p. 135.

Tabela 3 – Publicações sobre conservação da natureza nos boletins do C.E. Brasileiro, 1971-1974, p. 136.

Lista de Abreviaturas

CBAE – Confederação Brasileira de Associações Excursionistas

CBE – Clube Brasileiro de Excursionismo

C.E. Brasileiro – Centro Excursionista Brasileiro / Centro dos Excursionistas

C.E. Carioca – Clube Excursionista Carioca

C.E. Guanabara – Centro Excursionista Guanabara

C.E. Light – Centro Excursionista Light

C.E. Peixinhos – Clube Excursionista Peixinhos

C.E. Pico da Bandeira – Centro Excursionista Pico da Bandeira

C.E. Pico do Itatiaia – Centro Excursionista Pico do Itatiaia

C.E. Ramos – Clube Excursionista Ramos

C.E. Rio de Janeiro/CBE – Centro Excursionista Rio de Janeiro/ Clube Brasileiro de Excursionismo

CEEF – Comissão Excursionista de Educação Florestal

CFF – Conselho Florestal Federal

CMC – Círculo dos Marumbinistas de Curitiba

CND – Conselho Nacional de Desportos

CNEF – Campanha Nacional de Educação Florestal

CPFCN – Centro de Pesquisas Florestais e Conservação da Natureza

DPCN – Departamento de Pesquisa e Conservação da Natureza

FBCN – Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza

FCM – Federação Carioca de Montanhismo

FMERJ – Federação de Montanhismo do Estado do Rio de Janeiro

HDB/BN – Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional

IAB – Instituto de Arqueologia Brasileira

IUCN – União Internacional para a Conservação da Natureza

IUPN – União Internacional para a Proteção da Natureza

PDF – Prefeitura do Distrito Federal

PNI – Parque Nacional do Itatiaia

PNSO – Parque Nacional da Serra dos Órgãos

PNT – Parque Nacional da Tijuca

SFDF – Serviço Florestal do Distrito Federal

SFF – Serviço Florestal Federal

UBE – União Brasileira de Excursionismo

Sumário

Agradecimentos	4
Resumo.....	7
Abstract	8
Lista de Ilustrações	9
Lista de Tabelas	10
Lista de Abreviaturas	11
INTRODUÇÃO.....	15
Capítulo 1 – Montanhismo: homem, natureza e nação	21
1.1 - Preservação e montanhismo: um longo passado.....	21
1.2. Ciência e Esporte.....	25
1.2.1. O esporte	27
1.2.2. Associações	31
1.3. As associações esportivas e o excursionismo no Brasil.....	37
1.4. A Raça e o Corpo Excursionista.....	42
1.5. O território excursionista	47
1.6. Excursionistas, pátria e natureza	50
1.6.1. Uma escola de virtudes	50
1.6.2. Natureza e propaganda nas publicações do C.E. Brasileiro	54
1.6.3. O amor às árvores	58
1.7. Utilidade Pública e Natureza.....	62
Capítulo 2 – Excursionismo, Conservacionismo e Jornalismo.....	67
2.1. Excursionistas e imprensa carioca na década de 1950	67
2.1.1. No Excelsior da glória	71
2.1.2. Estado, Excursionismo e Natureza	73
2.2. Excursionismo, Educação e Reflorestamento	76
2.2.1. Campanha de Educação Florestal.....	77
2.3. Caminhadas e Dedo de Deus	82
2.3.1. Jornais, Caminhadas e Educação.....	82
2.3.2. O Dedo de Deus é Nosso!	85
2.3.3. “Mais Perto do Céu”	91
2.3.4. Caminhadas do Correio da Manhã	93
2.3.4. Cursos de Conservação do CPFCN	95
2.4. Adensando relações	102
Capítulo 3 – Ética, Excursionismo, Conservação da Natureza e Conflitos (1964-1972).....	103
3.1. Montanhismo (O Globo).....	104
3.1.1. O verdadeiro excursionista: ética e natureza	107

3.1.2. Antônio Ivo Pereira.....	116
3.2. Instituições e a Conservação nos Estatutos.....	118
3.2.1. Conservacionistas e Excursionistas: os caminhos da parceria	119
3.3. PNSO, IBDF e Excursionismo: entre críticas e colaborações	127
3.3.1. Montanhismo interrompido.....	128
3.3.2. Conservacionismo debatido	132
CONCLUSÃO.....	139
Referências Bibliográficas:	142
1. Fontes – Programas, Boletins e Estatutos:.....	142
1.1. Boletins:.....	142
1.2. Seções de Excursionismo/Montanhismo em jornais:	142
1.3. Artigos de revistas e periódicos:.....	142
2. Bibliografia:	143

INTRODUÇÃO

Explorar e trazer à tona a relação entre a prática do excursionismo e a preocupação com a natureza foi o fio condutor da presente dissertação. O desenvolvimento do que conhecemos como montanhismo e a organização de associações excursionistas no Brasil, na transição entre os séculos XIX e XX, podem ser entendidos como parte de uma ampla transformação na maneira de se perceber a natureza e de expressão do corpo em espaços onde ela se apresentava menos modificada. Estas práticas estão historicamente relacionadas com as classes médias urbanas, que buscam o contato com a natureza como um contraponto à vida urbana, ao sedentarismo do escritório, às funções intelectuais que operam durante o período de trabalho.

Na trajetória desta pesquisa, foi constatado que a preocupação dos excursionistas com o mundo natural se deu de variadas formas ao longo do tempo. Em diferentes momentos, eles se mobilizaram para colaborar, participar, influenciar e criticar as políticas públicas desenhadas para proteger, principalmente, as áreas por eles frequentadas. Muitos fatores concorreram para embasar esta forma de agir. Entre eles, pode-se citar a experiência sensorial na natureza, a relação com a nação e o fazer científico. A mobilização se deu de muitas maneiras, envolvendo articulações tanto com o poder público, com meios de comunicação e com organizações civis preocupadas com o mundo natural.

No início do século XX, predominava a percepção de que a natureza considerada pristina, menos modificada, revelava uma conexão íntima, primordial, entre os que se aventuravam nas matas e a sua nação. A árvore era o totem, objeto metonímico, central deste culto à nação. A proteção das matas era, portanto, uma tarefa patriótica, civilizatória, com a qual o habitante da cidade deveria se comprometer. Ao mesmo tempo, a natureza surgia como uma escola de vida inquestionável, formando o indivíduo física, intelectual, emocional e moralmente. Após a Segunda Guerra Mundial, com o questionamento do nacionalismo e o advento das ideias conservacionistas, as associações excursionistas passaram por um processo relacionado com a adoção da conservação da natureza no âmbito da *Ética Excursionista*, um conjunto de princípios e normas transmitidas por meio de palestras, cursos, comunicações externas e, até mesmo, pelas páginas dos jornais.

Para adentrar esta senda, amparei-me na perspectiva da história ambiental, ao lidar com dois conjuntos de questões, apontadas por Donald Worster em seu texto seminal sobre este

campo.¹ O primeiro é na abordagem da influência do excursionismo em ações sobre o território, incluindo ações de reflorestamento, demarcação e uso de áreas protegidas. O segundo é na exploração das percepções, valores éticos, leis e estruturas de significação que emergiram da relação entre excursionistas e o ambiente.

O segundo conjunto de questões predominou no decorrer da dissertação, principalmente pela multiplicidade de fontes escritas consultadas, nas quais eram profusos os sentidos atribuídos à ideia de natureza. Como argumentou Williams, a “ideia de natureza contém, embora muitas vezes de forma despercebida, uma quantidade extraordinária de história humana”.² Ela é portadora de sentidos e valores diversos, como os implicados nos conceitos de recurso natural, nacionalidade, religiosidade, valor recreativo, valor científico, que não são excludentes, podendo se sobrepor e produzir certa tensão.³

Além disso, é importante atentar para a história do esporte moderno e do excursionismo no Brasil. Os principais materiais consultados foram a obra dos pesquisadores Cléber Dias, Victor Andrade de Melo e Tauan Maia. Nela, eles se debruçaram sobre temas fundamentais para entender a formação dos clubes excursionistas no Brasil, buscando compreender as influências europeias, principalmente inglesas, na cidade do Rio de Janeiro, cujos clubes, fundados por ingleses, tiveram grande importância na estruturação das sociabilidades esportivas da antiga capital. Também se dedicaram à compreensão do fenômeno do excursionismo e dos significados que a palavra carregou antes de aproximar do campo semântico do montanhismo.⁴ Ao mesmo tempo, em diferentes momentos do trabalho, foi preciso compreender a legislação esportiva e significado do termo “utilidade pública”, sem o qual se torna complicado o entendimento da busca pela legitimidade dos clubes e entidades de representação do esporte.

¹ WORSTER, Donald. Para fazer História Ambiental. *Estudos Históricos*, v. 4, n. 8, p. 198-215, 1991.

² WILLIAMS, Raymond. *Problems in materialism and culture: selected essays*. London: Verso, 1980, p. 67.

³ ROLSTON, Holmes. *Environmental ethics: duties to and values in the natural world*. Philadelphia: Temple University Press, 1988.

⁴ MELO, Victor Andrade De. *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010; MAIA, Tauan Nunes. *O montanhismo no Rio de Janeiro: eugenia, higienismo e a febre esportiva, c.1900-1920*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019; DIAS, Cleber; MAIA, Tauan Nunes. Conhecendo o Rio de Janeiro a pé: “excursionismo”, “pedestrianismo” e “montanhismo” entre os séculos XIX e XX. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. 13, p. 523-534, 2017; DIAS, Cleber Augusto Gonçalves. *Urbanidades da natureza: o montanhismo, o surfe e as novas configurações do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

A divisão dos capítulos da dissertação se deu em uma perspectiva cronológica, levando em consideração processos históricos específicos em conjunto com a própria disponibilidade das fontes encontradas nos diferentes momentos do percurso. Tendo isso em conta, apresento os capítulos explicando concomitantemente as fontes utilizadas.

O primeiro capítulo se volta para a construção do montanhismo como esporte moderno, elucidando diferentes conexões que o colocam em contato com a natureza. Seja a partir de um elo com a exploração científica, ao qual a exploração de cadeias montanhosas se alia; a partir da relação da perspectiva sanitaria e eugênica da dicotomia cidade-natureza, presente no discurso médico; ou ainda no elo entre natureza e pátria, evocado no contato com a “terra-mãe”. Em seguida, busco explicar o surgimento da atividade no Brasil, nomeada frequentemente como excursionismo, e o seu desenvolvimento institucional. Ao tratar do desenvolvimento institucional, procurei identificar as relações que os excursionistas construíram junto ao poder público, sobretudo junto a órgãos como o Conselho Florestal Federal (CFF) e o Serviço Florestal Federal (CFF). Além disso, a caracterização do excursionismo como uma atividade de “utilidade pública”, serviu como forma de legitimar a atuação e de promover as associações de excursionistas.

Para este momento, que se estende até meados da década de 1950, amparei a pesquisa em jornais encontrados na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional (HDB/BN), principalmente nos periódicos *A Noite*, *Jornal do Brasil*, *Jornal do Commercio* e *Correio da Manhã*. *O Globo* tem um acervo próprio, que foi bastante utilizado. Além disso, tive acesso aos boletins de clubes excursionistas, entre eles os do Centro Excursionista Brasileiro (CEB), que se tornam perenes a partir de 1932, e do Centro Excursionista Rio de Janeiro (CERJ), a partir de 1939. No caso do C.E. Brasileiro, tive acesso à biblioteca de sua sede. No caso do C.E. Rio de Janeiro, tive acesso aos boletins digitalizados no site.

O segundo capítulo se volta para uma complexa relação que se desenvolve entre excursionistas, jornais de grande circulação, órgãos governamentais e conservacionistas. A partir de 1954, dentro de um processo de profissionalização da imprensa carioca, seções dedicadas ao excursionismo se tornam cada vez mais frequentes, chegando a um público bastante amplo. Nesses anos de avanço da pauta desenvolvimentista do governo Juscelino Kubitschek, conjugam-se também esforços para fortalecer a luta pela conservação da natureza, tendo sido criada a Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza (FBCN), em 1958. A partir de jornais de grande circulação, percebe-se como conservacionistas e excursionistas se articulam e se unem em diferentes pautas, incluindo a própria formação da FBCN e a campanha

pela regularização fundiária da área do Dedo de Deus. No início da década de 1960, a defesa do conservacionismo se torna uma das bandeiras hasteadas pelo excursionismo como forma de exercício e reconhecimento de sua “utilidade pública”, levando à colaboração com o Centro de Pesquisas Florestais e Conservação da Natureza (CPFCN), órgão do governo do Estado da Guanabara dedicado à “vulgarização” da ciência, com grande influência de membros da FBCN.

Em razão da realização de caminhadas promovidas pelo jornal *Correio da Manhã*, por meio das seções semanais *Vida Excursionista*, *Um Pouco de Ciência* e *Parques & Jardins*, esta parte do trabalho está profundamente relacionada com as pesquisas no jornal mencionado. *Vida Excursionista* foi dirigida desde a sua criação, em 1954, por Idalício Manuel de Oliveira Filho, jornalista e membro do Centro Excursionista Brasileiro. Idalício também dirigiu seções de excursionismo em *O Globo* e *O Jornal*. As seções *Um Pouco de Ciência* e *Parques & Jardins* eram capitaneadas, respectivamente, por Fuad Atala e Rossini Pinto, que foram fundadores e eram membros da FBCN. Outra seção relevante para a pesquisa foi *Diário Excursionista*, publicada no *Diário de Notícias*, dirigida por Carlos Manes Bandeira, entre 1955 e 1960, e por Raul Cunha, entre 1960 e 1962. Manes Bandeira se tornou membro da FBCN. Também realizei pesquisa nos boletins do C.E. Brasileiro, mas não nos do C.E. Rio de Janeiro, cujo período não é coberto pelo acervo *online*.

O terceiro capítulo se volta para o período imediatamente subsequente ao Curso de Conservacionismo feito pelos excursionistas no âmbito do CPFCN, no início de 1964. Tratou-se de descrever, ao mesmo tempo, o adensamento das relações com a FBCN, com quem, a partir de 1966, os clubes excursionistas passariam a colaborar com mais intensidade, e as relações conflituosas com o governo federal, principalmente no que tange ao uso do Parque Nacional da Serra dos Órgãos (PNSO). Parte da exploração que realizo neste capítulo diz respeito à incorporação da conservação da natureza à Ética Excursionista, conservação que passou a estar presente nos estatutos da Federação Carioca de Montanhismo (FCM) e da sua sucessora, a Federação de Montanhismo do Estado do Rio de Janeiro (FMERJ), a partir de 1968. Outro assunto relevante é retratar como o fechamento do PNSO, em 1967 e em 1969, se refletiu nas discussões sobre conservação da natureza dentro do C.E. Brasileiro, assim como no nível de articulação adotado com servidores públicos e com membros da FBCN.

Neste capítulo, recorro principalmente à seção *Montanhismo*, escrita por Idalício, até 1964, e por Antônio Ivo Pereira, a partir deste mesmo ano. Esta seção, publicada na Edição Esportiva do jornal *O Globo*, tem grande relevância, uma vez que os jornais concorrentes ou se enfraquecem ou deixam de ter espaços semanais dedicados ao excursionismo. Além disso, Ivo

é um dos articuladores da FCM, sendo o seu primeiro presidente. Recorro também aos boletins do C.E. Brasileiro e aos boletins do C.E. Rio de Janeiro, este último somente a partir do ano de 1974.

O caminho – ou avenida – dos jornais de grande circulação foi apontado pela obra de Waldecy Mathias Lucena, que realizou boa parte de sua pesquisa na Hemeroteca da Biblioteca Nacional, antes da digitalização do arquivo.⁵ A presente pesquisa, no entanto, foi realizada a partir das ferramentas de busca da Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional (HDB/BN) e do acervo de *O Globo*. Ambos funcionam com tecnologia de reconhecimento de caracteres (OCR). Embora o modelo digital apresente uma grande facilidade de pesquisa, principalmente para quem se encontra longe do acervo, também existem desafios e problemas relacionados à sua apresentação, como a fragmentação do texto jornalístico, que muitas vezes deixa de ser apresentado como um conjunto, levando à descontextualização.⁶

Por esta razão, a busca foi realizada em quatro etapas diferentes. A primeira foi de identificação dos periódicos e de leitura na ordem cronológica das seções, o que ocorreu entre 2019 e 2021. Em seguida, procedi à identificação de palavras-chave que pudessem levar a buscas compostas, com mais de uma variável, principalmente relacionando os termos ‘excursionismo’, ‘excursionista’, ‘montanhismo’ e ‘montanhista’ com nomes e siglas de termos que pudessem refinar os resultados, como “Fundação Brasileira para Conservação da Natureza”, “Conselho Nacional de Desportos”, “FBCN”, “Serviço Florestal Federal”, “SFF”, “Alceu Magnanini”, entre outros. Ao fim de cada busca, cataloguei em ordem cronológica e separados por jornal, as referências. A quarta operação envolveu folhear livremente alguns números de jornais, observando a sua composição e a transformação do local de publicação das seções de excursionismo em relação às outras notícias. Por fim, procedi à busca manual por seções e notícias que não foram identificados na busca por OCR, seja em momentos nos quais verifiquei lacunas de publicações, seja por indicação da existência de publicações em outras fontes. A análise dos periódicos foi realizada principalmente a partir das contribuições de Martins e Luca e de Ribeiro⁷.

⁵ LUCENA, Waldecy Mathias. *História do Montanhismo no Rio de Janeiro: dos primórdios aos anos 1940*. Rio de Janeiro: Publit, 2008.

⁶ BRASIL, Eric; NASCIMENTO, Leonardo Fernandes. História digital: reflexões a partir da hemeroteca digital brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 69, p. 196–219, 2020.

⁷ MARTINS, A. L.; LUCA, T. R. DE. *História da Imprensa no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Contexto, 2012; RIBEIRO, A. P. G. *Imprensa e História no Rio de Janeiro dos anos 50*. Tese

Na conclusão, reúnos os modos como, a princípio, a proteção e a conservação da natureza são consideradas pelos excursionistas cariocas, tanto dentro como fora da perspectiva formal das associações. Ela se manifesta a partir de indivíduos que se envolvem diretamente com esses movimentos, tornando-se chaves na divulgação desses conhecimentos no interior das associações. Dentro das associações, passam a compor os comportamentos esperados dos seus praticantes. Isso ocorre primeiramente como parte do (auto)reconhecimento da “utilidade pública” desses grupos e, posteriormente, como parte da Ética Excursionista. Da mesma forma, é necessário “calibrar” o envolvimento dos excursionistas em razão dos seus próprios interesses.

(Doutorado em Comunicação) Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

Capítulo 1 – Montanhismo: homem⁸, natureza e nação

1.1 - Preservação e montanhismo: um longo passado

O montanhismo e a preservação do mundo natural são práticas sociais que caminham lado a lado. Primeiramente, são atividades que à primeira vista remetem ao distanciamento do conforto urbano, contrapondo os complexos conceitos de natureza e cultura, e projetam a atividade do seu ativista ou praticante em uma paisagem idílica ou hostil. Em segundo lugar, transparece um desafio. Ele pode ser moral: uma mudança de comportamento com relação ao mundo natural, uma relação de aparente respeito e privação material. Ele pode ser finalístico: alcançar um *topos*, no caso do montanhista, ou um *utopos*, no caso do ativista.

Uma percepção mais subjetiva, ao focar ambas as questões, me remete a um terceiro paralelo. As duas atividades mencionadas são mais ou menos recentes, “do mundo moderno”. O montanhismo se orienta por uma estética contracultural, por uma admiração aos que “vivem o sonho”, abandonando a vida urbana e partindo em constante peregrinação aos locais de escalada, para se estabelecer nas “Mecas”. Uma versão brasileira dos *climbing bums*⁹, “ovelhas que se desgarram da Babilônia”. Trata-se de uma versão alternativa dos *self-made man*, onde a contracultura encontra a vida monástica das grandes paredes. Esforço e privação. O ativista encontra a sua face mais conhecida quando cerra fileiras na luta pelos direitos civis, nas ONGs do *marketing* de guerrilha. Montanhista e ativista são figuras que emergem da subversão do *status quo*. Esta percepção mais subjetiva é a de alguém que nasceu, cresceu e viveu longe das grandes cidades onde o montanhismo se estabeleceu e se consolidou no Brasil: Rio de Janeiro, Curitiba e São Paulo.

Foram dois os momentos em que pude transformar essas percepções mais subjetivas. O primeiro foi a leitura do livro do montanhista Waldecy Mathias Lucena, *História do Montanhismo no Rio de Janeiro: dos Primórdios aos Anos 1940*, fruto de mais de uma década de pesquisa. Foi a partir dele que comecei a compreender que a organização do montanhismo como esporte moderno e organizado precede a década de 1970.¹⁰ Assim como os clubes eram

⁸ O termo "homem" foi intencionalmente utilizado. Adiante explora-se a representação da natureza como entidade feminina que desempenha o papel de mãe e de formadora do "homem".

⁹ Escaladores que vivem uma vida bastante restrita, vivendo na estrada, comendo restos de comida para escalar.

¹⁰ LUCENA, Waldecy Mathias Lucena. *História do Montanhismo no Rio de Janeiro: dos Primórdios aos Anos 1940*. Rio de Janeiro: Publit/Montanhar, 2006.

(e são) formados por grupos mais heterogêneos de pessoas do que o meu contato inicial com o montanhismo me fez presumir.

O segundo foi o meu contato com o livro *Proteção à Natureza e Identidade Nacional no Brasil, anos 1920-1940*, de José Luiz de Andrade Franco e José Augusto Drummond.¹¹ Nele, deparei-me com o fato de que a preocupação com a natureza antecede bastante a década de 1970. A obra também me apresentou um indício que foi fundamental para o início desta pesquisa: a colaboração dos montanhistas do Centro Excursionista Brasileiro com as autoridades brasileiras na proteção da natureza na década de 1940. Foi a partir daí que passei a pesquisar as relações na história entre os diferentes momentos do cuidado com a natureza – proteção, conservação e ecologia – e o montanhismo.

Figura 1 – O artigo de jornal mais antigo encontrado no qual excursionistas protestam contra a devastação das matas.



Fonte: DEFENDAMOS AS MATTAS DA TIJUCA. *A Noite*. 25 jul. 1920, p. 3.

Buscando estabelecer a relação entre montanhismo e ambientalismo, entrei em contato com a associação de montanhismo mais antiga em funcionamento do Brasil, o Centro

¹¹ FRANCO, José Luiz de Andrade; DRUMMOND, José Augusto. *Proteção à Natureza e Identidade Nacional no Brasil, anos 1920-1940*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2009.

Excursionista Brasileiro (CEB), em 2019, ano de comemoração do seu centenário. Após a visita, o presidente do C.E. Brasileiro à época, Horácio Ragucci, cedeu-me uma notícia de jornal do periódico *A Noite* de 25 de julho de 1920 (Figura1). Provavelmente a mais antiga notícia a relacionar os excursionistas ao cuidado com a natureza.¹² A notícia teve impacto sobre a pesquisa, ampliando o horizonte temporal da investigação.

No final de 2021, retornei ao C.E. Brasileiro quando este começava a abrir as portas, depois de tê-las fechado, em decorrência da pandemia de Covid 19. Folheando os seus boletins, encontrava reflexões sobre a natureza, ações de reflorestamento, frases de conscientização e outros materiais que podem ser relacionados com o cuidado com a natureza. O que me chamou atenção, no entanto, foram algumas relações com o que Guttorm Hanssen chamou de “Excursionistas do Passado”, em um texto de mesmo nome, de 1989:

Desde os tempos em que os primeiros navegantes e descobridores voltavam do Novo Mundo, encantados com os papagaios verdes e contando maravilhas de seus índios amigos, nossa terra exerceu certa mágica atração sobre os povos do Velho Mundo. Mareantes encheram-se de coragem, dispostos a cruzar o oceano em frágeis caravelas e enfrentar os perigos da terra selvagem e desconhecida. Uns, no início a maioria, vinham ávidos de riquezas, sonhando com as novas terras, não se sabe bem porque, sempre imaginadas como repletas de tesouros, à disposição dos valentes prontos a enfrentar os dragões que os guardavam. Outros, os primeiros cientistas, queriam estudar a flora e a fauna desconhecidas e ainda outros, não sonhavam com tesouros nem vinham em busca de novos gêneros e espécies animais e vegetais. Vinham ver simplesmente. Habitados em sua terra natal a galgar montanhas e percorrer vales, sentiam-se atraídos por novas paisagens. É destes últimos que vou tratar, que voltaram para seus países de origem mais pobres do que tinham vindo, e também dos que botaram por vezes, de lado, seus instrumentos e pesquisas e saíram por aí, extasiados com o panorama que se descortinava ante seus olhos ávidos de novos horizontes.¹³

A partir do século XIX, Hanssen traça uma linha de continuidade entre os excursionistas do presente, os montanhistas, os cientistas e os curiosos daquele século. Algo possível, em razão da própria plasticidade do termo excursionista. Ao seu modo, excursionaram pelo Brasil alguns estrangeiros menos conhecidos e outros mais, como os bávaros Karl Friedrich von Martius e Johann Baptist Spix, o naturalista dinamarquês Peter Lund e o botânico britânico George Gardner.

¹² DEFENDAMOS AS MATTAS DA TIJUCA. *A Noite*. 25 jul. 1920, p. 3.

¹³ HANSSSEN, Guttorm. Excursionistas do Passado. *Boletim do Centro Excursionista Brasileiro*. Centro Excursionista Brasileiro, Rio de Janeiro, nov/dez, 1989, p. 4.

Hanssen não foi o único, nem o mais antigo, a relacionar os excursionistas com os exploradores do passado. Outros o fizeram. Orlando Amaral o fez em colorações mais nacionalistas, em pleno Estado Novo, época em que o clube recebia subsídio do governo federal e as publicações do C.E. Brasileiro passavam pelo crivo do Departamento de Imprensa e Propaganda. Em seu texto, uniu atributos como a abnegação e o conhecimento sobre o mundo natural. A comparação, no entanto, não era com os naturalistas europeus, mas com os bandeirantes, em um momento em que tinham sido alçados ao panteão da pátria:

Bem áspera foi essa tarefa inicial e se o interesse pelo excursionismo medrou, cresceu, agigantou, floresceu e frutificou, o mérito é todo dos dirigentes das excursões que sempre, com invulgar abnegação, juntavam ao seu sacrifício físico e pessoal um necessário cabedal de conhecimentos geográficos, históricos e botânicos que profusamente esbanjavam no decorrer das excursões. Forçavam desse modo simples um descortínio de novidades interessantes para o neófito excursionista e instintivamente alargavam os horizontes de sua cultura, tornando-o um fervoroso adepto de tão utilíssimo desporto.

Com o transcorrer dos anos, os Guias de excursões, impulsionados por arrojado espírito bandeirante – aventureiros audazes e conquistadores temerários – laboriosamente acumularam o acervo de realizações do CENTRO EXCURSIONISTA BRASILEIRO, com vitórias de grata e incontestável repercussão que sobremodo enaltecem o montanhismo nacional, equiparando-o em valor e arrojo às mais estupendas conquistas, obtidas nesse setor desportivo no cenário internacional.¹⁴

Em junho de 1980, o boletim do Centro Excursionista do Rio de Janeiro (CERJ) foi dedicado aos povos indígenas. Luiz Fernando Sayão, à época Diretor de Divulgação do C.E. Rio de Janeiro, explicou que o fazia orientado pelo lema da associação: “Conhecer o Brasil”:

Essa orientação tem implicações bastante gerais, devendo esse conhecimento abranger não somente aspectos geográficos e físicos (como o conhecimento dos lugares, caminhadas e montanhas), mas também o conhecimento de nossa cultura, nossos problemas, nossa fauna e flora e o conhecimento de nossa história. Desse modo estaremos sendo coerentes com o que preconiza o nosso Lema: “Conhecer o Brasil”.

(...) Seguindo esse raciocínio, dedicamos nosso Artigo de Capa desse mês aos índios. Nossos irmãos que vivem em harmonia com a natureza, que tem muito a nos ensinar e que precisam ser respeitados.¹⁵

¹⁴ AMARAL, Orlando R. de. Vigésimo quarto aniversário. *Boletim Mensal do Centro Excursionista Brasileiro*. Centro Excursionista Brasileiro, Rio de Janeiro, nov, 1943, p. 2.

¹⁵ SAYÃO, Luiz Fernando. Introdução. *Boletim do Clube Excursionista Rio de Janeiro*. Clube Excursionista Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, jun, 1980, p. 2.

Com uma seleção bastante eclética de letras de músicas, recortes de jornais, poemas e aforismos, o boletim aproxima os indígenas, em razão do seu conhecimento e de sua antecedência na ocupação e exploração do Brasil, aos excursionistas. Mais como portadores de um conhecimento e de um modo de vida moralmente superior do que como iguais.

Depois de tantas leituras, percebeu-se que os excursionistas contemporâneos, ao menos aqueles que compõe o montanhismo como esporte organizado, identificam-se com referências e práticas do passado para compor a sua identidade e prática nos presentes em que se localizam. Percebe-se que a relação com a natureza é mediada pelas práticas e valores de figuras diversas, como os indígenas, os bandeirantes, os navegadores e os que se dedicam à ciência. A partir de algumas dessas imagens foi possível pensar esta relação.

1.2. Ciência e Esporte.

A ascensão de um escavador de cristais e de um médico ao Mont Blanc em 1786, respectivamente Jacques Balmat (1762-1834) e Michel Gabriel Paccard (1757-1827), consolidou-se como o marco fundador do montanhismo. A ascensão se deu no contexto de uma “corrida”, depois que o estudioso dos Alpes, Horace-Bénédict de Saussure ofereceu “um prêmio pela descoberta de uma rota de acesso” ao cume.¹⁶ Depois do feito, Balmat conduziu o próprio Saussure ao cume em uma excursão que foi monumentalizada em seu centenário, no ano de 1887.

De acordo com Saussure, ele buscava levar à cabo uma experiência em dois níveis, que estabeleceria um elo entre o homem de ciência e o montanhista: a experiência dos sentidos, buscando a transcendência estética, talvez de cunho espiritual, e a experiência científica, da medição e compreensão do mundo. Como afirma Schama, o ato seria “a conquista suprema do Iluminismo, pois representaria, ao mesmo tempo, os dois sentidos de Aufklärung: iluminação espiritual e profunda compreensão.”¹⁷ As condições nas quais Saussure chegou ao cume, no entanto, eram duras. Ele enfrentou o ambiente hostil dos mais de 4.800 metros acima do nível do mar, onde pouco conseguiu permanecer e teve grande dificuldade para realizar as medições com os seus instrumentos científicos:

¹⁶ CARVALHO, Alessandra Izabel de. *Montanhas e memórias, uma identificação cultural no Marumbi*. Tese (Doutorado em História) Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas - SP, 2005, p. 49.

¹⁷ SCHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 489.

(...) nunca (...) se sentira tão mortal. Executou suas tarefas científicas — verificou a pressão do barômetro, fez meticulosos levantamentos de altitude, utilizou o higrômetro para medir a umidade do ar (embora sua pele rachada e queimada lhe dissesse tudo de que precisava saber sobre esse tópico). O coração parecia flutuar dentro do peito; a cabeça latejava em função da alternância de insônia e narcolepsia em que se encontrava a mais de 2 mil metros de altura; as pernas pesavam como chumbo; a respiração era tão difícil e dolorosa que lhe dava a impressão de lascas de gelo perfurando-lhe os pulmões.¹⁸

Saussure, diferentemente dos excursionistas do passado de Hanssen, atravessa uma espécie de portal criado retrospectivamente para se referir à história do montanhismo. Ele é, ao mesmo tempo um homem que buscava melhorar a “teoria da Terra”, por meio de suas pesquisas alpinas, e um homem que vai acompanhado de Balmat à glória das montanhas. No início do século XIX, enquanto o interesse científico pelo palmilhado cume das montanhas diminuía, em tendência contrária e em consonância com o desenvolvimento do esporte moderno, a busca esportiva aumentava. Primeiramente na Inglaterra, onde o *The Alpine Club* foi fundado, em 1857, e em seguida nos países que circundavam a cadeia montanhosa dos Alpes.¹⁹

Compreender a ascensão do montanhismo como esporte, no entanto, é compreender um mosaico de elementos em um dado momento da história. Pode-se e se deve questionar a condição de marco histórico da ascensão de 1786 ao Mont Blanc. Ao mesmo tempo, é um marco que estabelece um elo entre o montanhismo como esporte moderno, a busca por um valor científico do mundo natural e pela valorização da fruição estética e religiosa da natureza. Alusões que são encontradas nos “excursionistas do passado”. O marco valoriza alguns dos elementos que contribuíram com o estabelecimento de diversos esportes na natureza, como apontam Dias, Melo e Alves Júnior:

(...) o crescimento das cidades; a nova organização do trabalho e a valorização dos momentos de lazer; o higienismo; a noção de pitoresco; a doutrina do sublime e o romantismo; a teologia natural; a difusão da figura do homem acadêmico; a popularização de algumas ciências e os avanços tecnológicos; tudo articulado com o conjunto de mudanças de natureza econômica.²⁰

¹⁸ *Ibid.*

¹⁹ DAFLON, Flávio; DAFLON, Cíntia. *Escale melhor e com mais segurança*. Rio de Janeiro: Editora Companhia da Escalada, 2014; HANSEN, PETER H. *History of British Mountaineering*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University, 1991.

²⁰ DIAS, Cleber Augusto Gonçalves; MELO, Victor Andrade de; ALVES JUNIOR, Edmundo D. Os estudos dos esportes na natureza: desafios teóricos e conceituais. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, v. 7, p. 358–367, 2007, p. 363.

Há, portanto, diferentes elementos de explicação para o fenômeno esportivo moderno que se sobrepõe em camadas de explicação.

1.2.1. O esporte

Hans Ulrich Gumbrecht defende que para compreender a estruturação do esporte moderno é importante focalizar o período entre o fim do século XVIII e o início do século XIX, pois trata-se de um momento de “reação à insistência da cultura iluminista na primazia da mente e da razão sobre o corpo e os sentidos”, no qual se busca “retomar os aspectos mais sensoriais da vida”.²¹ Ele cita, em alguns de seus exemplos, figuras pertencentes ao romantismo ou relacionados a este movimento, que veem com bons olhos as atividades físicas. Um deles é Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), que considerava a prática de atividades físicas essencial para a sua escrita. Outro é Jean-Jacques Rousseau²², que defende em seu tratado pedagógico, *Emílio*, a importância da educação física e da “apreciação ativa da autenticidade da natureza intocada”. A transformação relatada é, ainda para Gumbrecht, sinal de uma “mudança cultural na direção dos sentidos e da experiência corpórea”, da qual o montanhismo faz parte. Atividades de lazer e de admiração da paisagem, antes reservadas aos nobres, passaram a ser “uma promessa feita a todos os cidadãos”, pela modernidade.²³

A partir de uma perspectiva mais urbana e centrada no montanhismo, Joseph Taylor III, em seu *Pilgrims of the Vertical*, formula o fenômeno esportivo a partir das tensões da modernidade. Para ele, a urbanização e industrialização crescentes, que transformaram a cidade de Londres na mais populosa do mundo, em meados do século XIX, tornaram a vida cada vez mais confinada aos “edifícios, fábricas e escritórios que reestruturaram as atividades humanas por meio de molduras artificiais de relógios e contratos”. Junto a isso, principalmente em meio aos profissionais médios, a própria noção de êxito dentro da sociedade foi reformulada, sendo medida:

(...) por seu lugar dentro das estruturas corporativas, a provisão das propriedades e a ostentação de objetos produzidos pela sociedade de consumo emergente. A base da identidade que dominou a sociedade agrária estava

²¹ GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Elogio da Beleza Atlética*, São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 89–90.

²² Sobre Rousseau, a nova relação com a natureza do período romântico e o alpinismo, cf. CARVALHO, *Montanhas e memórias, uma identificação cultural no Marumbi...* p. 184-186.

²³ Idem.

desaparecendo lentamente, e com ela o acesso aos lugares pastorais e selvagens que eram o foco dos populares pintores de paisagens daquela época. De forma mais direta, as antigas formas de medir o sucesso estavam perdendo o significado, os antigos caminhos para a masculinidade estavam desaparecendo. (...)

Muitos homens jovens, abraçaram avidamente essas formas de jogar porque elas performavam “um papel importante na redefinição do critério da masculinidade da classe média, indo além da relação do homem com o seu trabalho e a sua família para incluir o seu caráter e o seu eu físico”.²⁴

Esta relação entre os esportes na natureza e as cidades também é percebida por Cléber Dias em meados do século XX, em seu *Urbanidades da natureza: o montanhismo, o surfe e as novas configurações do esporte no Rio de Janeiro*.²⁵

Aprofundando a análise do esporte moderno como um fenômeno relacionado às classes médias urbanas, Richard Holt atenta para a centralidade da expressão do corpo do homem neste processo. Holt o faz por meio de uma análise do amadorismo em Londres, onde surgiu o *The Alpine Club*, a primeira associação não profissional dedicada à atividade. Para ele, a nova cultura física que emerge no século XIX é parte do *amadorismo*. O amadorismo é tradicionalmente compreendido como o principal vetor de popularização do esporte moderno, sendo formado por “distintas práticas e valores esportivos, que enfatizam a associação voluntária, a participação ética e ativa, e o repúdio ao profissionalismo e à aposta”.²⁶ No entanto, ele defende que a prática amadora é um conjunto de valores mais abrangente, é:

(...) a crença em um novo tipo de cultura física vigorosa baseada na reforma de jogos e atividades antigos; um princípio organizador baseado na associação voluntária e a criação de estruturas representativas nacionais; um código de conduta escrito e não-escrito que promove o princípio competitivo; e, uma estética do próprio esporte. Foi um fenômeno complexo com causas complexas. Emergiu de mudanças dramáticas das condições de vida e da cultura da classe média em meados do período vitoriano.²⁷

A partir dessas mudanças, Holt examina brevemente três tópicos.

²⁴ TAYLOR, Joseph E. *Pilgrims of the Vertical*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2010, p. 17-18.

²⁵ DIAS, Cléber Augusto Gonçalves. *Urbanidades da natureza: o montanhismo, o surfe e as novas configurações do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

²⁶ HOLT, Richard, The Amateur Body and the Middle-class Man: Work, Health and Style in Victorian Britain, *Sport in History*, v. 26, n. 3, p. 352–369, 2006, p. 1.

²⁷ *Ibid.*, p. 2.

O primeiro é a mudança nos padrões de trabalho da classe média, uma vez que a emergência do amadorismo surge no “mesmo momento em que uma mais ampla cultura competitiva de trabalho tomou o Reino Unido vitoriano”.²⁸ Holt afirma que o amadorismo, naquele momento, era uma “doutrina de competição ativa”, muito relacionado a ideias liberais que valorizavam a igualdade, o autogoverno, o empreendedorismo e a adaptabilidade, enquanto modelo pessoal e como projeto de nação. Por outro lado, buscava desvalorizar a *idle wealth* (riqueza parada) em contraposição com o capital ativo. Holt nota que foi em 1859 que Samuel Smiles publicou o clássico da autoajuda, *Self-Help*, em que ele defendia que as pessoas deveriam melhorar a si mesmas “não pelo *patronage*²⁹ alheio, mas por sua própria força de vontade e disciplina. Assim ele estabelece um paralelo com a cultura esportiva da época:

Há um óbvio paralelo aqui com a cultura do corpo que enfatiza a participação extenuante à mera diversão. O esforço irrestrito era mais importante do que o resultado de qualquer disputa. (...) Poucos podiam jogar bem, mas isso não era importante. Tentar tanto quanto fosse possível o era. Ao fazer isso, os *sportsmen* adquiriam qualidades necessárias para o êxito no mundo mais amplo. O resultado era muito menos importante do que o comprometimento que ele gerava, independentemente de ser pessoal ou coletivo.³⁰

O segundo tópico é a mudança em relação à saúde pública e pessoal. Holt não defende que o ideal amador tornou a saúde pública parte da agenda, embora tenha sido influenciada pela opinião pública à época, preocupada com os problemas de saúde decorrentes da vida demasiado urbana e com a opinião médica sobre os benefícios do exercício para o corpo. Havia a preocupação com a qualidade do ar nas cidades, em pleno desenvolvimento industrial. Era um problema que não escolhia classes sociais, embora a classe média tivesse condições de viver nos subúrbios, em função do desenvolvimento do transporte público, e buscar o “ar puro”. As montanhas e as praias eram a antítese da cidade. Keller explicita como esses locais se tornaram, para muitos, na Alemanha e na Áustria, sanatórios para a condição humana, ou um lugar sagrado, o mais próximo da natureza indomada e sagrada, o local ancestral onde o ser humano foi gerado.³¹ Holt destaca que o conhecimento médico mudou bastante no século XIX: enquanto as gerações anteriores eram alarmadas no que dizia respeito aos perigos do excesso de atividade

²⁸ Ibid., p. 354.

²⁹ Embora uma tradição direta da língua inglesa remeta a patronagem, patrocínio, favoritismo ou apadrinhamento, preferi manter o termo original.

³⁰ HOLT, *The Amateur Body and the Middle-class Man...*, p. 356.

³¹ KELLER, Tait. *Apostles of the Alps: mountaineering and nation building in Germany and Austria, 1860-1939*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2016, p. 47.

física, o movimento constante passou a ser concebido como positivo para a longevidade. “Ao invés de perceber o corpo como uma vela que queimava, os fisiologistas passaram a concebê-lo como uma máquina que trabalha melhor com o uso constante.”³² A crença médica, principalmente a partir da década de 1860, dos efeitos positivos – e até da cura – da tuberculose pelo ar puro das altas montanhas, também afamou a prática do montanhismo em oposição à poluição industrial da cidade.³³

E, por último, o tópico da emergência de uma nova estética da masculinidade. A atividade física constante e, muitas vezes, pesada, passou a ser aceitável, desde que não deformasse o corpo. Esse novo corpo masculino poderia ser forte, mas não com sobrepeso ou ‘deformado’. Os amadores deveriam ter um corpo de proporções neoclássicas, balanceado. Isto era algo que na Inglaterra era favorecido pelo ideal amador, que costumava condenar a especialização esportiva até, pelo menos, o final do século XIX. O *sportsman* não deveria se especializar em uma atividade. Este novo ideal ia de encontro aos esportistas correlatos do século XVIII, como os pugilistas e os jockeys, uns muito grandes, outros muito pequenos, de acordo com especialização da sua atividade. O caráter estético era não só físico, era também moral. O *sportsman* não deveria ser esquelético, mas deveria ser “forte e belo”, noções que eram contrapostas a “fraco e afeminado”. Neoclássico também no sentido de que deveriam se espelhar no ideal ateniense, uma união entre a beleza física e a força mental. Havia no estético, também, a restrição gestual. Holt lembra que Adam Smith ressaltou que nenhum nacional que não o inglês era tão contido em seus gestos. Não se deveria gesticular muito na vitória ou na derrota.

Além das propriedades afeitas ao amadorismo da metade do século XIX, o montanhismo, que não era um esporte popular, também reforçava a percepção de classe e gênero. Taylor aponta que era um esporte caro, cujos custos eram uma barreira de entrada, além da demanda física e mental, comparadas com a de uma espécie de arte marcial, formando assim um marcador interno em uma classe média ampla na Inglaterra. Sobre o marcador de gênero, Taylor assevera: “montanhismo era um jogo sério, ele possibilitava que homens jovens se representassem como santos do deserto, em contraste com os dândis afeminados dos salões”.³⁴

³² HOLT, *The Amateur Body and the Middle-class Man...*, p. 360.

³³ FRANK, Alison F. *The Air Cure Town: Commodifying Mountain Air in Alpine Central Europe*, *Central European History*, v. 45, n. 2, p. 185–207, 2012.

³⁴ TAYLOR, *Pilgrims of the Vertical*, p. 20.

1.2.2. Associações

Em concordância com a ideia de Holt sobre o amadorismo e as bases do esporte moderno, Taylor enfatiza que a institucionalização esportiva na cidade de Londres foi o que mais contribuiu para a expansão do montanhismo como atividade física.³⁵ Esse processo, no entanto, não começou na capital inglesa, mas em Chamonix e em vilas alpinas próximas, onde pessoas com os mesmos interesses e de determinados grupos sociais passaram a dividir espaço em algumas hotelarias da localidade. O *The Alpine Club* foi formado posteriormente na cidade de Londres, restrito a uma classe média alta, o que levou Paul Veyne a classificar o montanhismo como uma “invenção da burguesia”, em um artigo de 1979 para a revista *L’Histoire*.³⁶ Schut e Taylor reforçam que entrar para o clube inglês, assim como ocorreu em clubes de outros países como Áustria, Alemanha, França e Itália, era fazer parte de um círculo de informações sobre o montanhismo e com conexões sociais, restrito.

O *Alpine Club* foi a primeira e, talvez, a mais excludente associação nacional de montanhismo. Entre 1870 e 1890, 823 pessoas entraram para o clube. Em 1957, cem anos após a sua fundação, o clube acumulava 2.213 associações. O número enxuto não era por falta de interessados. Para ser aceito na diminuta comunidade era necessário ter experiência em expedições alpinas e, principalmente, fazer parte da classe média alta do Reino Unido. Uma pessoa do quadro do clube chegou a descrevê-lo como um clube único, “um clube para *gentlemen* que também escalam.”³⁷ Apesar do caráter eminentemente esportivo, a estrutura do clube e as suas atividades foram influenciadas pelas sociedades acadêmicas e científicas de Londres. A busca pelo conhecimento científico, embora não fosse predominante, continuou vigorando dentro dessas entidades. Eram realizadas excursões botânicas, geológicas, meteorológicas e fotográficas, mas com a aventura predominando sobre a ciência.³⁸ Embora muitas vezes a associação tenha sido percebida como uma “aristocracia intelectual”, formada por clérigos, cientistas e nobres, ela foi mais dominada por representantes de uma classe média profissional, composta por homens de negócios ou das finanças, no final do século XIX. Por último, e não menos importante, Hansen afirma que:

³⁵ TAYLOR. *Pilgrims of the Vertical...*, p. 22.

³⁶ SCHUT, Pierre-Olaf. Sport as a Major Player in the Development of Tourism: The History of Mountaineering in the Pelvoux Massif, France, from 1861 to 1914, *The International Journal of the History of Sport*, v. 30, n. 12, p. 1329–1350, 2013, p. 1332.

³⁷ HANSEN, Peter H. Albert Smith, the Alpine Club, and the Invention of Mountaineering in Mid-Victorian Britain, *Journal of British Studies*, v. 34, n. 3, p. 300–324, 1995, p. 310.

³⁸ *Ibid.*, p. 314.

(...) o montanhismo e o atletismo cultivavam a masculinidade, uma ampla e diversa categoria no período vitoriano que incluíam elementos do vigor físico ou saúde, qualidades patrióticas ou militares, tradições de cavalaria e honra, e códigos de conduta morais ou espirituais. Qualidades heroicas e militares eram símbolos especialmente ressonantes com a identidade nacional britânica. A masculinidade dos ingleses como oposta à feminilidade dos franceses foi um tópico central na redefinição cultural da aristocracia e dos escalões superiores da sociedade britânica durante as guerras contra a França e na expansão do império durante os séculos XVIII e XIX. No entanto, seria errado identificar essas virtudes marciais com valores aristocráticos. Essas qualidades eram adaptadas mesmo quando adotadas por homens da classe média.³⁹

Os clubes nos países adjacentes aos Alpes surgiram na década seguinte. Uma das explicações eram as condições políticas para a sua formação. Em decorrência das revoluções de 1848, havia restrições ou proibições para a criação de clubes políticos na Áustria e na Prússia. Quando as restrições foram afrouxadas na década de 1860, os grupos de classe média de associação voluntária aumentaram em número. Outra explicação é o aumento do turismo alpino, relacionado à pesquisa científica e ao progresso social, aqui entendido como a melhoria das condições de vida da população. O “pontapé” inicial veio de dois pesquisadores, Eduard Suess e Franz Senn. Suess chegou a propor uma organização educacional alpina em 1856. Senn conseguiu alavancar o turismo na cidade de Vent, nos alpes tirolezes, na mesma década. Foram três alunos de Suess, com a ajuda do professor, que atraíram colegas acadêmicos com interesses profissionais nos Alpes e que, por meio de anúncios no jornal, formaram a Associação Alpina Austríaca, em novembro de 1862, com 630 membros, todos homens. Nas propagandas, falava-se sobre as explorações do Alpine Club britânico, e perguntava-se onde estavam os exploradores austríacos. Na verdade, perguntavam “onde estão os homens austríacos?”. O chamado era uma provocação ao senso de nacionalidade e à masculinidade austríaca, que foi bem-sucedido. Ao contrário dos britânicos, os austríacos não impunham barreiras além da associação financeira para os que desejavam entrar no clube. Keller também afirma que:

As atividades do clube refletiam a origem acadêmica dos seus associados. Membros iam tipicamente às reuniões mensais, quando convidados davam palestras sobre uma variedade de tópicos relacionados aos Alpes. Uma palestra em fevereiro poderia versar sobre a flora alpina e uma reunião em março poderia discutir sobre os Alpes na literatura. Leituras selecionadas poderiam ser publicadas nos procedimentos do clube. Vários membros contribuíram para a edição revisada da popular série *The German Alps: A*

³⁹ *Ibid*, p. 312.

Handbook for Travelers de Adolf Schaubach, primeiramente produzida entre os anos de 1845 a 1847. De várias maneiras, o clube se comportou como uma associação acadêmica, não como uma organização turística. A orientação educacional da associação era parcialmente preenchida por um propósito primário: “para aumentar o conhecimento pelos Alpes, em particular, cultivar o amor pelos Alpes austríacos, e facilitar a viagem pelas montanhas”.⁴⁰

A Associação Austríaca em sua concepção acabou decepcionando os seus fundadores, principalmente Senn. A entidade tinha um caráter centralizado, não permitindo a abertura de novas seções [*chapters*]. Por esta razão, o conselho acabou privilegiando as atividades em Viena, com a produção de publicações, como livros e boletins, em detrimento da abertura de trilhas e de refúgios nos Alpes. Senn, insatisfeito com essa situação, juntou-se aos círculos bávaros de montanhismo, na cidade de Munique, onde fundaram, em maio de 1869, a *Deutscher Alpenverein* (Associação Alpina Germânica/Alemã), dois anos antes da unificação alemã, em 1871.

A *Deutscher Alpenverein* seguia princípios muito parecidos aos de sua coirmã e rival austríaca, buscando cultivar o amor, o conhecimento e as viagens pelos Alpes. A grande diferença foi sua descentralização, favorecendo a diversidade de identidades regionais germânicas, portanto, a possibilidade de que cada seção pudesse investir em suas questões locais. Ao fim do primeiro ano, a associação contava com 700 membros e 16 seções. Em 1871, 1.584 membros e 26 seções. O crescimento da associação germânica levou à fusão com a austríaca, que apesar da resistência acabou por entrar na associação em razão do aumento do montante destinado às publicações. A *Deutscher und Österreichischer Alpenverein* chegou a 31.358 membros e 214 seções em 1864, a 86.200 membros e 383 seções em 1909, e às vésperas da Primeira Guerra Mundial ultrapassou a barreira dos cem mil associados. Era a maior associação do tipo no mundo. Keller ressalta que a sua composição social tinha uma base similar e que os valores de associação eram proibitivos para o orçamento das classes mais baixas. Ressalta também que o processo interno de decisão e debate era mais democrático do que o do correlato britânico, uma vez que todos os seus membros tinham direito a voto, poderiam participar das excursões e propor temas e pautas.

Apesar da diversidade de seções espalhadas por Alemanha e Áustria, manteve-se o caráter educativo vislumbrado inicialmente pelos fundadores. Palestrantes eram trazidos às

⁴⁰ KELLER, *Apostles of the Alps...*, p. 24.

seções para falar sobre temas diversos nos encontros mensais das associações. Havia o interesse de criar uma cultura comum de alpinismo nos dois países:

A atividade mais comum era a reunião mensal da seção. Os membros se reuniam, consumiam grandes quantidades de comida e bebida (Munique realizava suas reuniões mensais na cervejaria local, Löwenbräukeller - um dos benefícios da associação), davam palestras sobre suas experiências nas montanhas e apresentavam palestrantes de outras seções. De acordo com os objetivos da associação, as palestras eram educativas, embora normalmente não excessivamente científicas; em vez disso, destinavam-se ao leigo bem-informado. A maioria das palestras versava sobre um determinado pico ou cadeia montanhosa. As palestras que ostentavam tecnologia moderna, como apresentações de slides de aventuras alpinas, eram especialmente populares. Poemas humorísticos, peças teatrais e caricaturas às vezes forneciam entretenimento adicional. Quase todas as seções organizaram atividades em grupo ao ar livre, como passeios locais no campo ou excursões mais longas aos Alpes. As seções mais próximas das montanhas, como Munique ou Innsbruck, podem levar a vários passeios curtos de picos próximos ao longo do ano, enquanto as seções em Berlim, Hamburgo ou Praga podem oferecer apenas uma única viagem mais longa durante o verão. As palestras, passeios e outros eventos em nível local visavam criar uma cultura comum de alpinismo na Alemanha e na Áustria.⁴¹

Além do esforço para construir uma cultura comum desses países alpinos, duas transformações da virada do século XIX para o XX têm grande influência para a forma que elas tomariam. A primeira é o envelhecimento dos montanhistas e a perda do caráter de novidade da prática, com o surgimento de novas formas de ocupação espacial e expressão corporal nos Alpes, como a prática do ski. A segunda é o desenvolvimento de transportes cada vez mais eficientes para se alcançar locais que antes eram pouco frequentados, o desenvolvimento do turismo e um público menos especializado e socialmente mais diverso. Isso fez com que os

⁴¹ (Tradução livre do original) While the chapters' appeal, interests, and vitality reflected local conditions, all chapters conformed to the aims and culture of the association. The most common activity was the monthly chapter meeting. Members gathered, consumed copious amounts of food and drink (Munich held its monthly meetings at the local brewery, Löwenbräukeller—one of the benefits of membership), gave talks about their mountain experiences, and hosted speakers from other chapters. In keeping with the association's aims, the talks were educational, though typically not overly scientific; rather, they were meant for the well-informed layperson. Most lectures discussed a particular peak or range. Talks that featured newfangled technology, like picture slide shows of Alpine adventures, were especially popular. Humorous poems, plays, and caricatures sometimes provided additional entertainment. Nearly every chapter organized outdoor group activities, such as local jaunts in the countryside or longer excursions to the Alps. Sections closest to the mountains, like Munich or Innsbruck, might lead several short tours of nearby peaks throughout the year, whereas chapters in Berlin, Hamburg, or Prague might offer only a single, longer trip during the summer. The lectures, outings, and other events at the local level were intended to create a common culture of Alpinism across Germany and Austria. *Ibid.*, p. 31.

esforços da *Alpenverein* fossem direcionados ao desenvolvimento de uma consciência ambiental, principalmente entre adolescentes, concentrando esforços para atrair e educar pessoas jovens sobre o Alpinismo, unindo, portanto, duas preocupações: a conservação da natureza e a autopreservação.

Havia desde a década de 1890 movimentos de jovens que buscavam o autoconhecimento, como o *Wandervögel*, o que era fonte de preocupação, uma vez que eram grupos informais de adolescentes que caminhavam em ambientes não urbanos sem a supervisão de um adulto. Keller afirma que o *Wandervögel*, “expressava atitudes neorromânticas em relação à natureza. Brincar nas florestas e ao longo dos campos era liberador. Longe da supervisão de adultos, pessoas jovens poderiam se descobrir em seus próprios termos.”⁴² Na perspectiva da associação, principalmente de um professor engajado nessa ideia, Ernst Enzensperger, os jovens deveriam ser atraídos às montanhas, incentivados, por meio de leituras sobre os Alpes, onde passariam por uma “escola da vida”. Nela, iriam se preparar para os desafios da vida. O caminho, no entanto, não deveria ser um “treinamento de choque”, mas uma “lenta aclimatação” para que os jovens desfrutassem daquele ambiente e a sua apreciação pela natureza alpina crescesse. O projeto foi colocado em prática e, quando se percebeu o seu bom funcionamento, foi institucionalizado pela *Alpenverein*. Os ensinamentos não eram homogêneos, mas havia uma preocupação em estabelecer uma conexão entre a juventude e a identidade germânica, assim como com a terra.⁴³

O engajamento dos *Alpenverein* na conservação da natureza não foi imediato. Seguindo o exemplo de grupos na Itália e na Suíça, a partir de 1900, eles passaram a se preocupar com a proteção das plantas alpinas. Envolveram-se nos anos seguintes com iniciativas de compra de terras nos Alpes e para a criação de reservas e parques ambientais, ainda nas duas primeiras décadas do século XX. O lobby pró-natureza, no entanto, era bastante fraco diante das grandes indústrias, e a sua defesa menos atraente do que o discurso do progresso. Uma das formas de enfrentar a crescente degradação do ambiente ligado à industrialização era a afirmação de que o “ambiente natural moldava o caráter nacional”, tornando o patriotismo “parte intrínseca da preservação da natureza”. A partir dessa nacionalização da natureza, foram criadas leis para restringir a destruição do campo, em 1902, na Prússia, e representantes do *Alpenverein*, assim como outros profissionais, como botânicos e geógrafos, passaram a integrar o *Landesausschuss für Naturpflege* (Comitê de Estado para o Cuidado da Natureza). É

⁴² *Ibid.*, p. 80.

⁴³ *Ibid.*, p. 81–82.

interessante notar que muitos dos apelos feitos por meio do *Alpenverein* adjetivavam a natureza como “primitiva”, “quase intocada”, “não destruída”, embora, como Keller ressalta, os Alpes fossem impactados pela ação antrópica há milênios:

Ao contrário das reflexões românticas sobre a pristina natureza selvagem [pristine wilderness], os Alpes sentiram o toque da humanidade por milênios. Caçadores neolíticos, como Ötzi o homem de gelo, desbravaram as alturas. Mercadores romanos já frequentaram as passagens ao longo da bacia hidrográfica de Brenner. Derretendo e minerando na região desde o fim da Antiguidade. Durante a era medievá e moderna, a fundição de minério de ferro era feita no topo das montanhas, aproveitando o vento e derrubando florestas para alimentar as forjas. (...) No início do século XII, gerenciadores locais da terra levantavam preocupações sobre o desflorestamento. Em meados do século XIX, mais ou menos na mesma época em que clubes cívicos de montanhismo se formavam, florestas alpinas supriam quase um quarto da madeira necessária para toda a indústria de carvão da Áustria...⁴⁴

Keller segue o texto, descrevendo como o ambiente alpino era supervisionado, para que o pasto não fosse degradado além do limite de utilização. Problemas de gerenciamento poderiam ter grande impacto em um ambiente com recursos restritos. A utilização do ambiente para a sobrevivência ia até onde o prado alpino estivesse, ir além era energia gasta com algo que não traria um resultado material.

Um maior fluxo de turistas, no entanto, começou a partir da década de 1860, com o grande aumento da malha ferroviária nos países que circundavam os Alpes e as ferrovias foram construídas até mesmo para conectar partes antes não alcançadas da Suíça. O tempo era de processo acelerado de urbanização das principais cidades da Europa. Londres, Paris, Viena, Berlin, Salzburg, movidas principalmente pela industrialização das metrópoles. Keller afirma que não há coincidência.

A urbanização afastou as montanhas da metrópole. Com a prosperidade veio a poluição. A queima do carvão tornou as cidades escuras com sua fumaça, fuligem e sujeira. O ar sujo era a marca dos centros urbanos, junto com a

⁴⁴ (Tradução livre do original) The club’s activities reflected the membership’s academic background. Members typically attended monthly meetings, where guest speakers gave lectures on a wide variety of topics related to the Alps. A lecture in February could focus on Alpine flora, and the talk in March might discuss the Alps in literature. Select lectures might be published in the club’s proceedings. Several members contributed to the revised edition of Adolf Schaubach’s popular series *The German Alps: A Handbook for Travelers*, first produced in the years 1845 to 1847. In most ways, the club behaved like a scholarly association, not a tourist organization. The association’s educational orientation partially fulfilled its primary purpose: “To increase knowledge about the Alps, in particular cultivate love for the Austrian Alps, and facilitate travel to the mountains.” *Ibid.*, p. 18.

expansão territorial, a miséria e a falta de saneamento. O atraso na tecnologia de gerenciamento de resíduos significava que a maioria das pessoas se afundava em sua própria sujeira. (...) Os alpes formavam a antítese natural ao crescimento das paisagens urbanas pela Europa. A luz não filtrada dos picos, o nítido ar glacial e os aparentemente intocados campos de neve se contrapunham aos becos escuros, à atmosfera sufocante e à suja existência urbana. Visões da montanha “vazia” seduziam aqueles que queriam escapar das multidões e aumentavam os associados dos clubes alpinos cívicos.⁴⁵

Desse modo, as paisagens alpinas se constituíram em mecas para os que buscavam por experiências que proporcionassem alívio e uma sensação de transcendência em relação aos limites físicos e espirituais impostos pela agitação e aglomeração dos ambientes urbanos.

1.3. As associações esportivas e o excursionismo no Brasil

De acordo com Melo, o Rio de Janeiro teve como modelos de associação esportiva as que foram formadas principalmente na França e na Inglaterra, embora a ascendência germânica e suíça tenha sido bastante identificada em trabalhos e relatos sobre o montanhismo no Rio de Janeiro, desde o fim do século XIX. A ascendência germânica e suíça também era bastante comum no montanhismo, inclusive com a formação de colônias de imigrantes em regiões de montanhas.⁴⁶ É interessante fazer uma separação entre associações formadas por lá antes e depois da metade do século XIX, uma vez que há uma transformação em sua fundação, passando, geralmente, de grupos aristocráticos que, muitas vezes, eram espectadores de atividades mais atléticas – como o boxe, muito ligado às apostas esportivas – ou praticantes de atividades relacionadas à nobreza. O surgimento das associações esportivas no Rio de Janeiro está relacionado à estruturação do mercado do entretenimento na capital do Império. Inicialmente, com a participação de estrangeiros oriundos do Reino Unido, com a prática do turfe, do cricket e do remo, com organizações próprias dos anglófonos. Nesse mesmo período, no início da década de 1870, surgiram os *clubes atléticos*, dedicados aos chamados esportes atléticos [*athletic sports*], que eram realizados sem o uso de cavalo ou barcos, principalmente às corridas a pé. Melo ressalta que as competições eram realizadas principalmente dentro de

⁴⁵ *Ibid.*, p. 21.

⁴⁶ LUCENA, Waldecy Mathias. *História do Montanhismo no Rio de Janeiro: dos primórdios aos anos 1940*. Rio de Janeiro: Publit, 2008; SPANNER, Júlio; SPANNER, Igor. *Guia da Região de Itatiaia – Escaladas e Montanhismo*. 2ª ed, Rio de Janeiro, 2019.

clubes destinados a colônias anglófonas, como foi o caso do *The British and American Club* e do *British Amateur Athletic Sports*.⁴⁷

Neste último, em 1880, a participação de amadores de qualquer nacionalidade foi aberta. No início desta década, a participação de brasileiros aumentou bastante, principalmente nas corridas do *British Amateur Athletic Sports* e no *Rio Cricket Club*. Não era incomum a presença da Corte Imperial em eventos mais festivos, como foi o caso da comemoração de 7 de setembro, em 1880. Também passou a ser mais comum a presença do Conde d'Eu e da Princesa Isabel no *Rio Cricket Club*, quando este se mudou para um terreno no bairro das Laranjeiras, em frente ao palácio onde viviam.⁴⁸

Junto à participação dos brasileiros nas atividades esportivas da comunidade anglófona no Rio de Janeiro, Melo aponta para como a forma da prática esportiva pelos britânicos passa a ser percebida pela imprensa. Ainda em 1880, cita uma crônica da Gazeta de Notícias, na qual o jornalista argumenta que “os nacionais ganhariam muito se aprendessem com os anglófonos costumes que cada vez mais se impunham para uma sociedade que desejava progredir”.⁴⁹ Aponta também que um dos nomes que se destacavam nas corridas, o de Alberto do Couto, participou como artífice para a fundação da primeira agremiação atlética de Niterói, o Clube Atlético Brasileiro, “pioneiro da atividade conduzida por brasileiros”. No clube, fundado no bairro do Barreto eram promovidos “eventos celebrados como verdadeiras ‘festas de educação física’ e contributos para o progresso e processo civilizacional”.⁵⁰

É interessante ressaltar que o processo que Melo descreve tem relação com a criação de associações esportivas no Rio de Janeiro por brasileiros e com a comunidade anglófona que aqui estava. Para o autor não há uma “transferência” de valores ou cópia de modelos, mas um trânsito cultural, “que deve ser entendido como uma postura ativa de apropriação e ressignificação de bens e representações”.⁵¹

⁴⁷ MELO, Victor Andrade, Trânsitos culturais: as experiências dos primeiros clubes athletic do Rio de Janeiro (1873-1883). *Movimento (ESEFID/UFRGS)*, v. 25, p. 1–13, 2019, p. 2.

⁴⁸ *Ibid.*, p. 9.

⁴⁹ MELO, Victor Andrade de. *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010, p. 9.

⁵⁰ MELO, Victor Andrade de. Trânsitos culturais: as experiências dos primeiros clubes athletic do Rio de Janeiro (1873-1883)..., p. 9.

⁵¹ *Ibid.*, p. 10.

Clubes que envolvessem atividades relacionadas ao montanhismo surgiram apenas na década de 1890, embora a sua prática não estivesse exclusivamente restrita a eles.⁵² Maia e Dias afirmam que:

(...) sabemos que desde os fins do século XVIII realizavam-se passeios pelas montanhas do Rio de Janeiro, de modo bastante semelhante ao que ocorria na Europa mais ou menos na mesma época, embora aparentemente envolvendo menos pessoas. Ao longo da primeira metade do século XIX, se consolidou a noção de casas de campo para o veraneio ou para o fim de semana. Na esteira desse processo, algumas regiões foram também consagradas como lugares privilegiados para instâncias de descanso e de recreio em meio à natureza, como é o caso de Botafogo, Tijuca, Petrópolis e o Jardim Botânico. Finalmente, na mesma época, sedimentaram-se ainda práticas sobre o modo de se usufruir um dia de lazer na natureza.⁵³

Botafogo e Tijuca, até meados do século XIX, eram áreas localizadas nos arrabaldes da cidade. Petrópolis era uma instância de descanso nas montanhas, próxima à Serra dos Órgãos. Locais de repouso e recuperação, distantes da agitação e das moléstias do centro da urbe carioca. O contato com a natureza, principalmente em algumas áreas de acesso ao mar e de montanhas, fazia parte do imaginário dos estratos mais elevados da sociedade colonial e, posteriormente, imperial, como uma prática de saudável.⁵⁴ Na segunda metade do século XIX, “todos esses costumes não apenas se mantiveram como se ampliaram, envolvendo grupos cada vez mais numerosos”.⁵⁵

Embora a fundação de algumas associações excursionistas tenha ocorrido ainda no século XIX, foi no século XX que elas obtiveram mais êxito e foram disseminadas pela antiga capital e, eventualmente, ao Estado do Rio de Janeiro. A denominação desses clubes não foi de alpinismo ou montanhismo, mas de excursionismo. A consolidação do nome se remete às excursões realizadas ainda no século XIX. As atividades identificadas como excursionistas tinham, geralmente, um caráter de lazer realizado nos arrabaldes do Rio de Janeiro. No entanto, atividades como a exploração científica e o deslocamento interurbano de comerciantes-

⁵² MELO, *Os sports e as cidades brasileiras* p. 23.

⁵³ DIAS, Cleber; MAIA, Tauan Nunes, Conhecendo o Rio de Janeiro a pé: “excursionismo”, “pedestrianismo” e “montanhismo” entre os séculos XIX e XX. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, v. 13, p. 523–534, 2017, p. 526–527.

⁵⁴ SERRANO, Celia Maria de Toledo. *A invenção do Itatiaia*. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1993, p. 102.

⁵⁵ DIAS; MAIA, Conhecendo o Rio de Janeiro a pé: “excursionismo”, “pedestrianismo” e “montanhismo” entre os séculos XIX e XX..., p. 527.

viajantes também poderiam receber a denominação.⁵⁶ As atividades de lazer geralmente eram formadas por grupos que realizariam convêscotes, tocariam canções, ao redor de comidas, bebidas e jogos, apreciando paisagens consideradas belas e encantadoras, como as montanhas da cidade. Embora predominassem os passeios realizados por “setores mais elitizados da população”, não era incomum entre extratos médios e populares.⁵⁷

As excursões que se aproximam mais da ideia de montanhismo, envolvendo atividade física, também eram praticadas, embora parecessem estar mais consolidadas entre estrangeiros que viviam na cidade.⁵⁸ Uma matéria do jornal *The Rio News*, destinado ao público estrangeiro, traz as percepções do *Uncle Abner* – tio Abner. Escrita em formato de crônica, Abner relatava a vida de um inglês no Rio de Janeiro. Em uma das colunas, ele comenta sobre as majestosas montanhas da cidade e de como a maior parte daqueles que se aventuravam nas escaladas eram estrangeiros:

É um mistério para mim que os brasileiros tenham tão pouco interesse neste lugar (Corcovado), pois nos meus primeiros dias aqui era, de fato, raro ver um brasileiro nestes lugares mais distantes. Talvez a familiaridade com o grande panorama que apresenta a eles faça com que fiquem insensíveis a estes recantos e rincões, parece incrível que eles sejam completamente cegos a estas atrações. Eles também são constitutivamente avessos ao esforço físico, e nunca caminham quando é possível encontrar um bonde para carregá-los. Eu encontrei centenas de excursionistas nas montanhas e jardins no meu tempo, mas eles eram quase exclusivamente estrangeiros – franceses, alemães, ingleses, americanos – e quase, também, exclusivamente de origem da Europa do norte. Por que isso acontece? (...) É provavelmente um resultado indireto do clima, de os nativos dos países tropicais serem menos inclinados ao esforço físico.⁵⁹

Embora as impressões do *Uncle Abner* apresentem questões nacionais associadas à ideia de raça, sobretudo no que diz respeito à inclinação dos europeus para o esforço físico, a prática do montanhismo como atividade física nas montanhas parecia não ser comum para os brasileiros na cidade do Rio de Janeiro. Dois trabalhos podem elucidar melhor o assunto. O primeiro é o de Waldecy Lucena, montanhista que se dedicou a levantar a história do montanhismo no Estado do Rio de Janeiro. Ele afirma, a partir de matérias de jornais e da

⁵⁶ *Jornal do Commercio*. 20 jan. 1892, p. 2; *Jornal do Commercio*. 10 fev. 1892, p. 1; *Jornal do Commercio*. 26 set. 1894, p.1; *Jornal do Commercio*. 26 set. 1899, p. 4.

⁵⁷ DIAS; MAIA, Tauan. *Conhecendo o Rio de Janeiro a pé...*, p. 528.

⁵⁸ *Idem*.

⁵⁹ (Tradução livre) UNCLE ABNER’S RECOLLECTIONS: early impressions of Rio. *The Rio News*. 15 ago. 1899, p. 8-9.

literatura produzida pelas associações excursionistas, que havia a predominância de europeus e de seus descendentes na prática do montanhismo no Rio de Janeiro no início do século XX.⁶⁰ O segundo é de Maia, que, em sua tese, oferece uma explicação para a predominância e a contribuição dos europeus para o início da atividade: a política migratória eugênica adotada no Brasil no final do século XIX e início do século XX.⁶¹ O que ocorre ao mesmo tempo em que há uma transformação na cultura do corpo, favorecendo as práticas esportivas que demandam o esforço físico. Práticas que, assim como nos países europeus, também foram enquadradas em perspectivas higienistas e eugênicas.

Os termos “excursionista” e “excursionismo” passaram a ser empregados no início do século XX também para diferentes práticas, como o “pedestrianismo”, que consistia em “excursões ou competições de corrida exclusivamente a pé, mas não necessariamente pelas montanhas”, e o “turismo”.⁶² A diferenciação entre pedestrianismo, turismo e excursionismo se tornaria mais evidente após a fundação do C.E. Brasileiro, em 1919, que ao longo das suas duas primeiras décadas de existência acabaria se especializando em atividades de montanhismo. Em meados do século XX, colunas dos jornais *A Noite*, *Jornal do Commercio* e *Correio da Manhã* dedicadas ao excursionismo referiam-se às atividades dos clubes que o praticavam.

A partir desta perspectiva, podemos afirmar que o C.E. Brasileiro foi fruto de seu tempo. Como é indicado no livro publicado para a comemoração dos 100 anos do clube, o centro nasceu de uma *raid*⁶³ de Madureira a Petrópolis no início de abril de 1919, reunindo dois grupos distintos: “um proveniente do Centro Athletico Sampaio, um clube de práticas desportivas como boxe e levantamento de peso; e outro ligado ao tiro da Associação dos Empregados do Comércio”.⁶⁴ A estruturação do clube ocorreria durante o ano de 1919, culminando em sua fundação no dia 1º de novembro daquele ano. Lucena aponta que a principal atividade física praticada no âmbito no centro era o pedestrianismo. Os associados defendiam a bandeira do clube em provas de grandes percursos, muitas vezes promovidas pelo clube, como “a ‘Volta do Distrito Federal’, a ‘Rio-Petrópolis’, a ‘Meyer-Barra do Pirahy’ e a prova ‘Hilton de

⁶⁰ LUCENA, *História do Montanhismo no Rio de Janeiro...*

⁶¹ MAIA, Tauan Nunes. *O montanhismo no Rio de Janeiro: eugenia, higienismo e a febre esportiva, c.1900-1920*. 2019. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

⁶² DIAS; MAIA, *Conhecendo o Rio de Janeiro a pé: “excursionismo”, “pedestrianismo” e “montanhismo” entre os séculos XIX e XX...*, p. 532.

⁶³ Raid é como eram chamadas provas de pedestrianismo de grande duração, neste caso, uma caminhada. A caminhada de 52 quilômetros entre Rio e Teresópolis ocorreu em uma estrada não asfaltada, uma vez que isso teria ocorrido apenas na década seguinte. *Revista Automóvel-Club*, 1925, nº2.

⁶⁴ CENTRO EXCURSIONISTA BRASILEIRO. *Centro Excursionista Brasileiro: um século de conquistas*. Rio de Janeiro: E-papers, 2019, p. 16.

Oliveira””.⁶⁵ Os percursos eram, muitas vezes, bastante longos. Como exemplo, a volta ao Distrito Federal tinha um traçado de 80 quilômetros. Outra atividade associada ao clube eram as “Grandes excursões de propaganda”:

Trens e embarcações marítimas conduziam as centenas de pessoas, em sua grande maioria do sexo feminino, que compareciam a estas excursões. Seus principais destinos eram a Ilha de Paquetá, as Represas do Rio d’Ouro, Mangaratiba, dentre outros. As atividades praticadas nestes eventos envolviam concursos fotográficos, danças e pequenas provas desportivas para rapazes e moças. A primeira excursão realizada com estas características teve como destino as Represas do Rio d’Ouro e contou com mais de duzentos participantes.⁶⁶

As Excursões de Propaganda foram fundamentais para a expansão do número de associados do centro, sustentando-o em seus primeiros anos. Com a reforma estatutária de 1927 “a prática do montanhismo se tornou o foco” das atividades do clube.⁶⁷

Algo que é importante de ser ressaltado, e cuja pesquisa no acervo da Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional tornou possível, é a constatação de que ao longo da década de 1920 a palavra excursionista se torna cada vez mais utilizada no contexto das atividades do montanhismo, embora não tenha caído em desuso como sinônimo de “turista”, mesmo que urbano, por completo. No meio esportivo ela passou a integrar o campo semântico da palavra montanhismo. Embora compreendesse as mesmas atividades, tinha, ainda, um significado mais amplo. Apesar dos outros clubes em atividade terem surgido apenas na década de 1930, vale ressaltar que o C.E. Brasileiro não foi o primeiro clube do tipo no Brasil, nem foi o único na década de 1920.⁶⁸

1.4. A Raça e o Corpo Excursionista

Como aponta Maia em sua dissertação, a sociedade carioca passava, no final do século XIX e início do século XX, por um “um processo de capitalização, aburguesamento e cosmopolitização”. Este processo, no entanto, não era uma exclusividade do Rio de Janeiro, ele

⁶⁵ LUCENA, *História do Montanhismo no Rio de Janeiro: dos primórdios aos anos 1940*, p. 53.

⁶⁶ *Ibid.*, p. 50.

⁶⁷ CENTRO EXCURSIONISTA BRASILEIRO, *Centro Excursionista Brasileiro...* p. 32.

⁶⁸ EXCURSIONISMO. *Correio da Manhã*. 14 jul. 1925, p. 8.

se deu nos principais centros urbanos do país e no exterior. Com a instauração da República, havia muita dúvida, mas, ao mesmo tempo, como afirma Schwarcz:

A atmosfera geral era de euforia, assim como pairava a certeza, por parte das novas elites que ascenderam com a República, de que o Brasil “andava a braços” com os novos ditames do capitalismo, do progresso e da civilização. Não por acaso, o novo regime inscreveu na bandeira da nação os dísticos “ordem e progresso”, refletindo não só sua filiação ao positivismo como a noção de que o progresso era certo, único, derradeiro, evolutivo e ordeiro; grande utopia desse momento, dado a máquinas voadoras (como o *14 bis* de Santos Dumont) e a projetos amplos e abrangentes de higienização. Civilização e controle eram as palavras de ordem do período, que vivenciou a globalização mundial e um dinamismo jamais experimentados.⁶⁹

De acordo com Schwarcz, as elites brasileiras buscavam “se espelhar no cidadão europeu”, com o intuito de civilizar os seus modos,⁷⁰ sendo que esse espelhamento tinha como base o que era chamado de “aperfeiçoamento físico, moral e material”, que deveria ser levado à cabo pelos governantes. O aperfeiçoamento, para essas elites, deveria ser realizado por meio da ciência, que em sua neutralidade “deveria ser o cerne para a gestão das diferenças sociais e dos problemas da cidade”.⁷¹ A eugenia, por meio das teorias raciais do fim do século XIX, era um dos campos onde o debate acerca do modelo do “elemento nacional” ocorria. Elemento que, em última instância, levaria à cabo a tarefa do desenvolvimento nacional.

Longe de haver um pensamento único sobre o tema, Maia aponta para a tendência inicial da adoção do debate eugênico no Brasil, com a predominância da inferiorização das etnias negras e indígenas. No primeiro caso, os negros eram caracterizados como avessos à civilização e indolentes, em função da raça e não do recente passado de escravização e da realidade social adversa enfrentada naquele momento. A ideia de progresso (e de ordem) estava, muitas vezes, associada a “sociedades puras, sem miscigenação”. No contexto nacional, no qual o fim gradual (e tardio) da escravidão institucional e do progressivo incentivo da importação de mão-de-obra europeia e asiática, a eugenia passou a ser um dos pilares da construção dessa nova “civilização”, uma palavra de ordem que tomou os periódicos deste período.

⁶⁹ SCHWARCZ, Lilia Moritz *et al* (Orgs.), *História do Brasil nação: 1808-2010*, Rio de Janeiro, RJ: Madrid: Objetiva; Fundación Mapfre, 2011, p. vol 3 p 39.

⁷⁰ MAIA, *O Montanhismo no Rio de Janeiro: eugenia, higienismo e a febre esportiva, c.1900-1920*, p. 30.

⁷¹ *Ibid.*, p. 30–31.

Embora, a princípio, a associação da miscigenação com a impossibilidade de progresso fosse bastante forte, principalmente a partir de teorias racistas norte-americanas, essa ideia foi bastante relativizada no Brasil do início do século XX. Schwarcz aponta para uma tensão relacionada com a miscigenação:

Assim, uma série de representações acerca do elemento nacional convivia muitas vezes de forma tensa. Se algumas teorias destacavam a apatia e a degeneração dos mestiços, relatos de viajantes e cronistas enalteciam o que designavam como modo de vida puro e caipira – imagem que, por sua vez, se contrapunha à dos sanitaristas que (...) reconheciam neles um Brasil doente e decaído.⁷²

Maia afirma que apesar de, inicialmente, o debate eugênico favorecer a percepção de que o elemento nacional deveria ter uma raça pura, sendo a branca considerada o modelo de todas as outras, os modelos internacionais passaram por embates e adaptação. A defesa da mestiçagem entre as três etnias, brancos, negros e indígenas, com maior influxo de sangue branco, passou a ser defendido por alguns intelectuais, como Sílvio Romero, do Instituto Geográfico Brasileiro. Para ele, o mestiço estaria mais adaptado ao meio. É a partir desta percepção que o problema nacional recairia não sobre “fatores raciais e étnicos”, mas, como afirma Maia, sobre “a higiene encarada como ciência moderna, o braço direito da saúde corporal e da salubridade urbana”. A higiene se torna, portanto, fundamental para a ideia de regeneração e de fortalecimento da nação.

O esporte, portanto, fazia parte da construção dessa modernidade, embora ela fosse um campo plural de disputas. Era percebido como uma “ferramenta para a educação moral, física e intelectual”, capaz de inculcar os valores de uma nação moderna e pacífica. Como afirma Maia:

Cabe destacar que o montanhismo, pode ser compreendido como um mecanismo de autoidentificação e distinção social, suavizando as mazelas de viver em uma cidade atrasada e em um país que passava por profundas transformações. Como a distinção também estava associada ao prazer, felicidade, familiaridade, cooperação e ao patriotismo / nacionalismo, o montanhismo era encarado como fundante do que se esperava de uma nação

⁷² SCHWARCHZ, Lilia Moritz. População e Sociedade. In: SCHWARCHZ, Lilia Moritz (Orgs.). *A abertura para o mundo: 1889-1930*. Rio de Janeiro/Madrid: Editora Objetiva/Fundación Mapfre, v.3, 2012, p. 64.

moderna e pacífica. Os valores atribuídos ao montanhismo como desafio, exercício físico, estética corporal, honestidade e probidade moral, entendidos enquanto escola de virtudes, eram essenciais em um país que passava por profundas transformações e buscava os rumos da civilização.⁷³

O montanhismo é capaz de unir dois aspectos importantes para a formação da nacionalidade de acordo com teorias do final do século XIX, como a de Hypollite Taine: o meio físico e geográfico e a “raça”. Esta pode ser percebida no contexto do montanhismo, pelo seu aspecto eugênico ou pelas vias educacionais, na modernização dos hábitos de higiene dos brasileiros a partir de critérios científicos. Das duas formas, o esporte e a educação física estão relacionados a discursos que têm por objetivo o abandono do passado colonial e escravocrata e, conseqüentemente, a formação de uma identidade nacional ligada à modernidade e ao progresso pretendidos. Para Del Priore e Amantino:

A partir da década de 1880, a higiene passou a ser entendida como um instrumento privilegiado de promoção do conforto e do progresso, assim como uma ciência incorporada à assepsia e, portanto, preparada para combater as impurezas invisíveis a “olho nu”. Seus exercícios proporcionariam uma nova autonomia do corpo diante das forças naturais, e sobretudo, uma independência brasileira em relação ao que se considerava, ao mesmo tempo, um passado colonial escravocrata, indolente e atrasado.⁷⁴

Entre as intervenções higienistas, está a formação de crianças e jovens, buscando a preparação de homens fortes, na preparação de soldados, de *sportsmen* e de uma elite eugênica governante. A Educação Física, que era negligenciada nas escolas, passou a ser uma ferramenta para o desenvolvimento do ideal do *gentleman* europeu. Maia explica em sua tese como os jornais copiavam os ideais de formação transmitidos na Europa.⁷⁵

A imprensa teve o papel de difundir a ideia de que a escola deveria atuar na criação de bons hábitos e forjar o futuro da nação, formando um corpo sadio e uma consciência nacionalista. Melo aponta para como a educação física escolar passa a ser percebida como um

⁷³ MAIA, *O Montanhismo no Rio de Janeiro: eugenia, higienismo e a febre esportiva, c.1900-1920*, p. 5.

⁷⁴ DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Márcia. *História do corpo no Brasil*. Editora Unesp, São Paulo, 2011, p. 306.

⁷⁵ MAIA, *O Montanhismo no Rio de Janeiro: eugenia, higienismo e a febre esportiva, c. 1900-1920...*

instrumento civilizatório.⁷⁶ Um dos padrões de comparação foi a Guerra do Paraguai. O desastroso conflito, que se estendeu entre 1864 e 1870, formou a percepção de uma juventude fraca e se tornou o parâmetro para a transformação.

Assim como em outros esportes, o montanhismo foi impregnado por ideais físicos, morais e intelectuais. Os físicos estão relacionados à robustez, à virilidade, à resistência à dor, à limpeza, à conservação da saúde e à higiene. Entre os valores morais, a capacidade de enfrentar o perigo, demonstrando bravura, coragem, heroísmo e destemor. Mais valorizados são os atributos morais da capacidade de cooperação, da simplicidade, da simpatia e do refreamento da vaidade. Além disso, havia o cultivo do intelecto, da agilidade mental na tomada de decisões, do cálculo dos riscos e do conhecimento científico.

A literatura excursionista trata dessas questões com mais interesse e vigor a partir da década de 1930, com grande predominância nos boletins do C.E. Brasileiro, que foi, ao menos até a década de 1950, a publicação excursionista mais estruturada e contemplava questões sociais mais complexas, não se limitando apenas à divulgação da programação e dos eventos sociais da associação. Percebe-se uma forte ligação com as ideias de Alberto Torres e de Edgard Roquette-Pinto sobre esta questão. Torres acreditava na existência de uma superioridade europeia, no entanto, acreditava que era temporária, pois o melhoramento da “raça” brasileira seria possível por meio da educação e da saúde.⁷⁷ Roquette-Pinto se colocou contra a ideia de branqueamento a partir da Primeira Guerra Mundial, e afirmou que “o homem, no Brasil, precisa ser educado e não ser substituído”.⁷⁸ As ideias desses pensadores não pertenciam apenas ao campo da discussão científica da época, eram também “evidentemente permeadas por convicções de ordem política e ideológica”, podendo ser percebidas como nacionalistas e vinculadas ao ideário autoritário, posto que defendiam a ideia de um Estado forte e intervencionista, governado pelo que entendiam ser a elite pensante do país.⁷⁹ Esta ideia de raça, defendida por Roquette-Pinto, aproximar-se-ia, portanto, da raça como “característica étnico-cultural”, e não da característica biológica.⁸⁰

⁷⁶ MELO, Victor Andrade de; PERES, Fabio de Faria. Relações entre ginástica e saúde no Rio de Janeiro do século XIX: reflexões a partir do caso do Colégio Abílio, 1872-1888. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, v.23, n.4, out/dez, p.1133-1151, 2016, p. 1139.

⁷⁷ GÓIS JUNIOR, Edivaldo. Alberto Torres e os higienistas: intervenção do Estado na educação do corpo (1910-1930), *Saúde e Sociedade*, v. 23, n. 4, p. 1445–1457, 2014, p. 1449.

⁷⁸ HOFBAUER, Andreas, Roquette-Pinto: uma vida dedicada ao progresso da nação. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 44, p. 562–568, 2009, p. 566.

⁷⁹ *Idem*.

⁸⁰ ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019, p. 24.

1.5. O território excursionista

Em um artigo datado do ano 2000, José Murilo de Carvalho explora o motivo edênico no imaginário social brasileiro. Ele faz referência a uma pesquisa pública realizada, em 1997, na cidade do Rio de Janeiro, em que o motivo pelo qual os brasileiros mais se orgulham do país é por sua natureza, seja por aspectos específicos dela, por sua monumentalidade, pelos recursos naturais que oferece, pelo clima e, até mesmo, pela ausência de terremotos. Alguns aspectos foram indicados por Carvalho como fatores possíveis para que a natureza estivesse no imaginário brasileiro, entre os quais o próprio Hino Nacional Brasileiro.⁸¹

O orgulho da natureza simboliza, de alguma forma, como os brasileiros se identificam com o seu país, tanto pelo seu significado material quanto pelo simbólico. Isto não implica, no entanto, a proposição de políticas públicas para a proteção dos recursos naturais. Trata-se, como aponta Pádua, de uma construção social, que é reformulada com o passar do tempo.⁸² A natureza pode ser percebida como divina ou demoníaca, uma máquina fabricada pelo grande relojoeiro ou a manifestação da desordem total, fronteira de recursos ou deserto infértil, mas, geralmente, como um campo vazio a ser conquistado, à espera de uma ordenação civilizatória.

No final do século XIX, principalmente a partir de 1870, e no início do século XX, parte da elite intelectual do país concordava com o fato de que não se fazia um uso previdente dos recursos naturais. O entendimento era de que não havia uma ordenação civilizatória capaz de levar à prosperidade econômica, uma vez que os recursos úteis estavam sendo desperdiçados pela devastação. O assunto não era novo. José Bonifácio de Andrada e Silva o abordara em seu período no Brasil. Formado pela Universidade de Coimbra reformada, ele foi influenciado pelo naturalista Domenico Vandelli. Bonifácio criticava veementemente o mau uso das terras e alertava para as consequências hídricas da destruição da natureza.

O início do século XX, como coloca Góis Junior, foi marcado pelo debate entre intelectuais brasileiros, como Alberto Torres, Oliveira Vianna, Monteiro Lobato, Gilberto Freyre, Fernando de Azevedo e Manoel Bonfim, que buscavam pensar os problemas do Brasil:

⁸¹ CARVALHO, José Murilo de. The edenic motif in the Brazilian social imaginary. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, n. spe1, p. 111–128, 2000.

⁸² PÁDUA, José Augusto. The Dilemma of the “Splendid Cradle”: Nature and Territory in the Construction of Brazil. In: PÁDUA, José Augusto; SOLURI, John; LEAL, Claudia (org.). *A Living Past: Environmental Histories of Modern Latin America*. New York: Berghahn, 2018. v. 1p. 91–114, p. 93.

“o que mais interessava a esses intelectuais era conceber o porquê da falta de desenvolvimento econômico em um país imenso e berço de inúmeras riquezas naturais”.⁸³ Pensava-se, portanto, em um projeto de modernização do Brasil. Esses intelectuais tiveram grande influência sobre a ciência produzida no Brasil. E muitas de suas ideias podem ser notadas nos textos relacionados às associações excursionistas.

Franco e Drummond apresentam o contexto político dessa influência.⁸⁴ O período após a Proclamação da República é marcado por uma organização calcada nas oligarquias estaduais e em políticas liberais, com menor envolvimento do Poder Executivo Federal em questões nacionais. Alguns intelectuais brasileiros, como Alberto Torres, que participava da vida política desde o fim do século XIX, publicou suas ideias no livro “A Organização Nacional”. Para ele, a vida política do país estava desorganizada e deveria ser “organizada” pela constituição de um governo forte e centralizador, a partir de uma elite intelectual capaz de levar a tarefa adiante. Tratava-se de uma perspectiva antiliberal, contrária às práticas da Primeira República, que buscava se distanciar do passado colonial. A organização proposta se vinculava a ideia de um processo de modernização, de construção da nação física e da identidade nacional.

O mundo natural também é abrangido por esta noção de organização. Pádua mostra em sua obra a preocupação de pensadores com a destruição da natureza no território brasileiro desde o século XVIII até o fim do regime imperial.⁸⁵ Esta preocupação é retomada pelos cientistas e intelectuais que atuaram durante os primeiros anos da República. Muitos desses pensadores eram defensores do papel forte do Estado, especialmente para garantir uma relação mais harmoniosa com o mundo natural. Isso ocorria tanto por fatores científicos, estéticos e econômicos. Alberto Torres, por exemplo, entendia que a devastação da natureza representava um desperdício do potencial agrícola do país. A efetividade da utilização do patrimônio natural era fundamental para ele, assim como o foi para os muitos influenciados por suas ideias. Emergia, além disso, um olhar atento para a preservação das belezas cênicas como patrimônio

⁸³ GÓIS JUNIOR, Edivaldo. Alberto Torres e os higienistas: intervenção do Estado na educação do corpo (1910-1930). *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 23, n. 4, p. 1445–1457, 2014, p. 1446.

⁸⁴ FRANCO, José Luiz de Andrade; DRUMMOND, José Augusto. *Proteção à natureza e identidade nacional no Brasil, anos 1920-1940*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2009.

⁸⁵ PÁDUA, José Augusto. *Um sopro de destruição: pensamento político e crítico no Brasil escravista (1786-1888)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

nacional e para a proteção de paisagens e espécies que poderiam ser destruídas com o descaso dos brasileiros.⁸⁶

Havia uma forte preocupação com o papel educacional do Estado. Os brasileiros deveriam aprender sobre as riquezas do seu país para preservá-las. O trabalho seria grande, uma vez que havia uma percepção negativa da população brasileira sobre o ambiente tropical, a mistura de raças e a alienação dos brasileiros de sua própria realidade. Na construção da identidade nacional brasileira, a elite intelectual, por meio da ciência, teria um papel central.⁸⁷ O Brasil seria construído de cima para baixo, e o povo seria formado a partir do conhecimento científico.

De acordo com Franco e Drummond, “as poucas instituições científicas existentes no Brasil tiveram uma função básica na organização e no impacto alcançado por estes cientistas ligados à conservação”. Suas preocupações sobre a destruição do patrimônio natural brasileiro e a dedicação ao ativismo voltado para a proteção da natureza tiveram um grande impacto sobre a sociedade. Os autores citam como cientistas protetores da natureza Edgar Roquette-Pinto e seu filho, Paulo Roquette-Pinto, Berta Lutz, Heloisa Alberto Torres, Armando Magalhaes Corrêa, Alberto José Sampaio e Frederico Carlos Hoehne.⁸⁸

A concepção de mundo desses cientistas influenciou diversos grupos preocupados com a proteção da natureza. Alguns deles são a Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, a Sociedade Geográfica do Rio de Janeiro, a Sociedade de Amigos do Museu Nacional, a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, a Sociedade de Amigos das Árvores e o Centro Excursionista Brasileiro.

A construção do Brasil a partir dos seus nacionais e do território também perpassou as associações excursionistas da primeira metade do século XX. É significativo que alguns desses clubes tenham buscado uma identificação nacional, como o Centro Excursionista Brasileiro, o Grêmio Excursionista Nacional – de curtíssima existência na década de 1920 – e o Club Brasileiro de Excursionismo (atual C.E. Rio de Janeiro), sendo que os lemas do primeiro e do último citados são: “Quereis conhecer o nosso torrão? Vinde em nossa companhia!” e

⁸⁶ FRANCO, José Luiz de Andrade; DRUMMOND, José Augusto. Wilderness and the Brazilian Mind (II) the First Brazilian Conference on Nature Protection (Rio de Janeiro, 1934). *Environmental History*, Chicago, v. 13, n. 1, p. 82–102, 2009. b.

⁸⁷ *Ibid.*

⁸⁸ *Ibid.*, p. 88.

“Conhecer o Brasil!”⁸⁹ Naquele momento a penetração no território, a “marcha para o oeste”, inculcada como missão civilizatória do estado, eram sinal de profundo patriotismo. Essa identificação não ficou restrita à capital do país, estando presente no Círculo dos Marumbinistas de Curitiba, fundado em 1943. Carvalho afirma que o "apelo ao patriotismo foi, de fato, uma constante na história do CMC, tanto que seu lema era 'conheça melhor o Brasil para melhor o amar'".⁹⁰

1.6. Excursionistas, pátria e natureza

De forma diferente, mas comparável, ao que ocorreu em outros países, o território ocupado pelo mundo natural exerce diferentes funções nos textos dos montanhistas e dos excursionistas. Neste trabalho, três delas estão destacadas e relevantes para compreender o tratamento e as razões para a sua proteção. A primeira delas é perceber a natureza como uma “escola de virtudes”, como foi destacado anteriormente, para a “formação da raça”. A segunda, também relacionada a uma questão pedagógica, é a formação do vínculo entre o país e o seu nacional por meio da exploração do seu território. A terceira, vinculada à segunda, é a representação do mundo natural, do território, por meio da figura da árvore.

1.6.1. Uma escola de virtudes

A prática esportiva e a educação física estavam, no início do século, bastante relacionadas à formação da “raça brasileira”. Como aponta Góis Júnior, desenrolou-se um profundo debate sobre a influência física e moral de determinadas atividades sobre o corpo e, também, sobre a formação da nação. Duas formas de se pensar o esporte entre as décadas de 1930 e de 1950 são importantes para compreender os textos excursionistas. Uma é a defesa de sua prática coletiva e individual como forma de “construção do espírito de coesão nacional”, que forjaria uma “ética necessária ao processo de consolidação de uma unidade nacional”. O esporte também “esteve associado ao discurso eugenista, considerado como uma ferramenta que deveria estar a serviço do aperfeiçoamento da raça”. Outra é a percepção de que os esportes

⁸⁹ CENTRO EXCURSIONISTA BRASILEIRO. *Centro Excursionista Brasileiro: um século de conquistas*. Rio de Janeiro: E-papers, 2019.

⁹⁰ CARVALHO, Alessandra Izabel. *Montanhas e memórias, uma identificação cultural no Marumbi*. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas - SP, 2005, p. 38.

talvez não fossem a melhor forma de educar as crianças e os jovens, um vez que alguns deles estavam mais relacionados ao espetáculo e às apostas, como era o caso do futebol e mesmo das corridas. Haveria, neste último caso, a corrupção dessas atividades.⁹¹

A defesa do excursionismo como modelo de formação física e moral era, portanto, bastante adequada a estas ideias, expressas nos boletins excursionistas e em revistas especializadas, como a *Educação Física*. Como não era praticado em estádios e nem era uma atividade com facilidade de ter espectadores ou torcedores, havia uma dificuldade em transformá-lo em espetáculo massificado. Tampouco era o excursionismo suscetível ao mercado de apostas. Em razão dessa estrutura, também ficou inculcada a ideia de que tratava-se de um esporte onde rareia e, até mesmo, inexistente a competição, apenas a cooperação, aspecto que contrasta com outros esportes e reitera virtudes de formação de uma ideia de Brasil e de brasileiro.⁹² Ressalta-se que, apesar de não haver um oponente claro, a inexistência de competição no montanhismo é amplamente contestável.⁹³ Ainda assim, muitos dos valores relacionados com a ideia de cooperação e solidariedade estiveram – e estão – no seio das crenças sobre o montanhismo, coadunando-se com as condutas do esporte amador.⁹⁴

Além de inviabilizar quase que de forma total os espectadores, a prática na natureza também fazia parte da argumentação a favor do montanhismo como o melhor esporte para formar o brasileiro. Primeiramente, pelo argumento de que o ato de conhecer o país “palmilhando” a nação despertaria no brasileiro um vínculo de amor com o Brasil. Em segundo lugar, o enfrentamento do ambiente hostil, a natureza, que toma a forma antropizada, impondo desafios que formariam o homem de forma pedagógica. Ela seria uma escola de virtudes, formando o soldado, o cidadão, e aprimorando a raça.⁹⁵

Textos relacionados a essas formações surgem em momentos diversos. Quanto ao soldado, aparece no primeiro boletim, em 1926, no texto “Pela educação física do nosso

⁹¹ GÓIS JUNIOR, Edivaldo; MELO, Victor Andrade de; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves, Para a construção da nação: debates brasileiros sobre educação do corpo na década de 1930. *Educação & Sociedade*, v. 36, n. 131, p. 343–360, 2015.

⁹² MAIA, *O Montanhismo no Rio de Janeiro...*

⁹³ Alguns filósofos do esporte, como Kevin Krein, apontam para a ideia de uma competição mediada pela natureza, ao menos na prática da escalada.; GÓIS JUNIOR, Edivaldo; MELO, Victor Andrade de; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves, Para a construção da nação: debates brasileiros sobre educação do corpo na década de 1930. *Educação & Sociedade*, v. 36, n. 131, p. 343–360, 2015.

⁹⁴ DONNELLY, Peter Take my word for it: Trust in the context of birding and mountaineering. *Qualitative Sociology*, v. 17, n. 3, p. 215–241, 1994.

⁹⁵ O conceito de raça aqui deve ser compreendido a partir do pensamento eugênico e do higienismo do início do século XX.

soldado”, cujo tema é a participação do clube em uma atividade esportiva da Liga de Sports do Exército.⁹⁶ Os textos sobre a formação do cidadão passam a ser mais comuns a partir de 1937, quando foi publicado um texto de Salvador Hernandez Barron, do Touring Club do México, no qual ele aponta para os efeitos da realização de excursões ao ar livre no âmbito escolar, que constituiriam “inesgotável manancial de energia moral e física e estabelece[ria] maiores laços de afeição entre professores e discípulos”.⁹⁷ Em novembro de 1937, Orlando Amaral, termina o seu texto, chamado “Por que excursionar?” retificando esse caráter educacional:

E é essa a razão de excursionar que mais nos ufana – a consciência do aproveitamento material e moral do desporto que praticamos; interpretando melhor o nosso lema para: “VINDE, CONOSCO, CONHECER AS BELEZAS DO NOSSO TORRÃO, CONCORRENDO DIRETAMENTE PARA A SUA PROEMINÊNCIA”.⁹⁸

A ideia de formação, portanto, perpassa este período, sendo bastante comum, em textos sobre a formação das crianças e do soldado, que geralmente citavam a ideia de melhoramento da raça.⁹⁹

Os boletins do C.E. Rio de Janeiro/CBE, embora tragam poucos textos, são abundantes em referências externas. Em maio de 1939, logo no ano da fundação daqueles clubes, publicou-se uma nota que mencionava: “o nosso quadro social muito tem apreciado os números de ‘Educação Física’ que a Cia. Brasil Editora tem enviado desde janeiro”.¹⁰⁰ A revista, analisada por Góis Júnior, “destacava a inculcação de hábitos higiênicos e cuidados com o corpo para o

⁹⁶ PELA EDUCAÇÃO FÍSICA DO NOSSO SOLDADO. *Revista do Centro Excursionista Brasileiro*. CEB, Rio de Janeiro, mai, 1926, p.4.

⁹⁷ BARRON, Salvador Hernandez. A importância das excursões como exercício ao ar livre. Programa para o mês de maio de 1937. *Centro Excursionista Brasileiro*, mai, 1937, p. 2-4. Tradução: Hélio Vianna.

⁹⁸ AMARAL, Orlando R. de. Por que excursionar? *Boletim Mensal do Centro Excursionista Brasileiro*: programa para o mês de novembro de 1937. Centro Excursionista Brasileiro, nov, 1937, p. 2 e 12.

⁹⁹ AMARAL, Orlando R. O Excursionismo e a Criança. *Boletim Mensal do Centro Excursionista Brasileiro*. CEB, Rio de Janeiro, nov, 1940, p. 15; MIRANDA, Zeny. A criança excursionista. *Boletim Mensal do Centro Excursionista Brasileiro*. CEB, Rio de Janeiro, fev, 1939, p. 9-10; DINIZ, Henrique. O Excursionismo e o Soldado. *Boletim Mensal do Centro dos Excursionistas*. CEB, Rio de Janeiro, abr, 1945, p. 2; BLUME, Hugo. O nosso 22º aniversário. *Boletim Mensal do Centro Excursionista Brasileiro*. CEB, Rio de Janeiro, nov, 1940, p. 2; AMARAL, Orlando. Ideal. *Boletim Mensal do Centro Excursionista Brasileiro*. CEB, Rio de Janeiro, mar, 1943, p. 2; AMARAL, Orlando. Escola Sadia. *Boletim Mensal do Centro Excursionista Brasileiro*. CEB, Rio de Janeiro, fev, 1943, p. 2.

¹⁰⁰ CENTRO BRASILEIRO DE EXCURSIONISMO. Boletim do Centro Brasileiro de Excursionismo. CBE/CERJ, Rio de Janeiro, mai, 1939, p. 4.

aprimoramento da saúde individual e coletiva da população”.¹⁰¹ A revista tinha como foco a difusão – ou a vulgarização – de conhecimentos sobre hábitos de higiene, costumes em relação à saúde e o fortalecimento físico, além de se preocupar com a formação moral da juventude.

Nela foram publicados alguns artigos sobre excursionismo ao longo de sua história. Eles tratavam sobre: a) a fundação da União Brasileira de Excursionismo, ocorrida em 1944, que foi a primeira instituição de governança do esporte que funcionou no país; b) um texto, em 1942, de Hollanda Loyola, intitulado “Montanhismo: um esporte que deve predominar nas preferências da juventude do Brasil”; e c) outro de 1944, pelo mesmo Orlando Amaral, do C.E. Brasileiro, chamado “Educação Técnica no Excursionismo”.¹⁰²

Neles eram reiteradas a formação física e moral, o trabalho cooperativo e o desenvolvimento do amor a uma pátria com belezas naturais inigualáveis. O montanhismo é descrito como um:

excelente processo para sua (da juventude) educação física, para o prazer sadio da vida ao ar livre, em contacto com a natureza, com o solo sagrado da Pátria. (...) É um agradável desporto de extraordinários recursos para o desenvolvimento do físico e de certas qualidades morais, para o robustecimento da saúde e para a recreação do espírito como um poético motivo de estesia.¹⁰³

A sua vantagem em relação aos outros residia no fato de que:

(...) sendo o obstáculo a vencer o próprio meio, tendo como adversário a própria natureza, o atleta desenvolve no mais alto grau sua capacidade de adaptação, sua ténpera de carácter, o autodomínio, a coragem, o destemor; não é tomado por essa febre de competição que leva às rivalidades agressivas como quando o atleta procura sobrepujar o seu semelhante, vencer as forças do outro atleta, num duelo renhido, que nem sempre prima pela cortesia; é um desporto sadio que integra o homem na posse de suas mais belas qualidades

¹⁰¹ GÓIS, Edivaldo. Revista Educação Física e a higiene dos corpos (1932-1945). *Recorde: Revista de História do Esporte*, v. 6, n. 1, p. 1–13, 2013, p. 2.

¹⁰² LOYOLA, Hollanda. Montanhismo: um esporte que deve predominar nas preferências da juventude do Brasil. *Educação Física*, n. 62-63, jan-fev, p. 40- 43, 1942; Excursionismo: o excursionismo e o pensamento do Conselho Nacional de Desportos. *Educação Física*, n. 77, mar, p. 18- 19, 1944; UNIÃO BRASILEIRA DE EXCURSIONISMO. Excursionismo. *Educação Física*, n. 78, abr, p. 33, 1944; MOREIRA, Aroldo. Educação Técnica no Excursionismo. *Educação Física*, n. 87, jan-fev, p. 39-40, 1945.

¹⁰³ LOYOLA, Hollanda. Montanhismo... p. 42.

viris, na alegria sã e generosa de esplêndido recreio para o espírito e para o corpo.¹⁰⁴

Reiterava, portanto, o seu caráter formativo, afirmando a natureza como uma “escola de virtudes”.

1.6.2. Natureza e propaganda nas publicações do C.E. Brasileiro

O C.E. Brasileiro teve diferentes publicações antes de chegar ao formato que se consolidou no final da década de 1930. Houve uma publicação isolada em 1926, que foi posteriormente retomada em 1932, quando foi impressa no formato de revista, a *Brasil Excursionista*. Em 1936, a revista deu lugar à publicação de programas de atividade, que se tornaram “mensários” em janeiro de 1939 e boletim mensal em setembro do mesmo ano. Um dos objetivos das publicações, a partir de 1932, era divulgar as belezas do Brasil, no caso, um Brasil próximo à capital federal. Praias e montanhas eram os destaques, embora houvesse também espaço para a exploração de patrimônios culturais. Este objetivo, expresso no lema do clube, e depois no lema do Club Brasileiro de Excursionismo – fundado a partir de uma divisão interna do C.E. Brasileiro em 1939, e que depois mudou de nome em 1944 para Club Excursionista Rio de Janeiro – “Conhecer o Brasil”¹⁰⁵, estava relacionado a um ideal patriótico expresso em seu estatuto:

Art. 2.º - Este Centro tem por fim:

§ 1.º - Realizar excursões de toda e qualquer espécie;

§ 2.º - Incrementar o excursionismo em todo o território nacional;

§ 3.º - Promover e auxiliar a abertura e conservação de caminhos, dando acesso a pontos pitorescos inatingíveis a viaturas e animais;

§ 4.º - Colocar em todo e qualquer caminho taboetas indicadoras, que informem o acesso aos pontos de interesse para o excursionismo;¹⁰⁶

Estas finalidades que eram constantemente lembradas em suas revistas e boletins, até mesmo com uma perspectiva educativa, como no artigo intitulado “Educação”:

¹⁰⁴ LOYOLA, Hollanda. Montanhismo... p. 43.

¹⁰⁵ CENTRO EXCURSIONISTA BRASILEIRO. *Boletim nº 98*. Rio de Janeiro, Centro Excursionista Brasileiro, mar. 1947.

¹⁰⁶ ALGUNS ARTIGOS DE INTERESSE GERAL EXTRAÍDOS DOS ESTATUTOS DO CENTRO EXCURSIONISTA BRASILEIRO. *O Excursionista*. CEB, ano 1, n. 2, dez, 1932, p. 11.

O CENTRO EXCURSIONISTA BRASILEIRO impôs a si mesmo a tarefa de despertar no povo brasileiro, especialmente no carioca, o gosto pelas belezas naturais e outros encantos do Brasil. Assim sendo, vem a treze anos lutando e vencendo, pois tem conseguido reunir em torno de sua bandeira centenas de associados que, em cada semana, abandonando os passeios das avenidas vão por montes e vales, habituando-se a apreciar e amar cada vez mais a nossa pátria.”¹⁰⁷

O conhecimento do patrimônio, como descrito por Franco e Drummond, se vinculava a uma ideia de proteção da natureza fortemente relacionada com a construção da identidade nacional. Os autores afirmam que, entre as décadas de 1920 e de 1950, cientistas “compartilhavam (...) uma série de valores e crenças que perpassavam o ambiente político-intelectual da época: o nacionalismo, o cientificismo, a necessidade de auscultar uma ‘realidade brasileira’, a vocação para integrar uma elite dirigente e um sentimento de urgência”.¹⁰⁸ Citam também que havia um clima de mobilização patriótica entre 1930 e 1934. Aqueles que se intitulavam protetores da natureza geralmente tinham um caráter nacionalista.

Durante a existência das revistas *O Excursionista* e *Brasil Excursionista*, publicadas pelo C.E. Brasileiro, diferentes locais foram privilegiados em suas páginas, principalmente aqueles que estão dentro e nos arredores da cidade do Rio de Janeiro, a maior parte deles citados no texto “Os recursos excursionísticos do Districto Federal”.¹⁰⁹ O texto aponta para a facilidade de acesso às serras na seguinte ordem: “a) morros do litoral; b) serras do maciço da Tijuca; c) serras do maciço da Pedra Branca; d) serras dos limites com o Estado do Rio de Janeiro. A partir dos programas percebe-se que as serras elencadas em a e b são as mais frequentadas, provavelmente, como explica o artigo, pelo tempo necessário à excursão. Locais de acesso a praias como a Barra da Tijuca, Paquetá, Saquarema e Jacuecanga, assim como visitas a patrimônios culturais também apareciam em suas páginas com o objetivo de apresentar o Brasil aos brasileiros.

Nos anos seguintes a 1937, quando passam a ser publicados boletins e programas, as publicações apresentam mais relatos de associados ao clube, que descrevem as suas próprias experiências. Os textos se tornam mais informais, possivelmente, porque eram destinados aos associados. A quantidade de anúncios foi reduzida drasticamente, com a continuidade de

¹⁰⁷ MARTINS, J. Ribeiro. Educação. *O Excursionista*. CEB, Rio de Janeiro, nº 3, jan, 1933, p. 20.

¹⁰⁸ FRANCO; DRUMMOND, *Proteção à natureza e identidade nacional no Brasil, anos 1920-1940*, p. 41.

¹⁰⁹ OS RECURSOS EXCURSIONÍSTICOS DO DISTRICTO FEDERAL. *O Excursionista*. CEB, Rio de Janeiro, nº 3, jan, 1933, p. 7-12.

anúncios de alguns sócios. Percebe-se o aumento dos textos mais técnicos do montanhismo e de atividades congêneres, como o escotismo.

A propaganda do clube como um conjunto que se dedica a explorar as belezas da natureza com o intuito de apresentá-las aos brasileiros se torna cada vez mais intensa, especialmente nos textos publicados no mês de comemoração do aniversário do clube: novembro. Em 1937, ao festejar o décimo oitavo aniversário, o editorial “Por que excursionar?” celebrava que a “associação de exclusiva finalidade desportiva (...) concorreu de modo seguro e eficiente no surgimento do turismo indígena”.¹¹⁰ O texto do décimo nono aniversário elogia a trabalhosa atividade de conhecer melhor o Brasil colocando-se como “paladino de um grande ideal, querendo, desprendidamente, praticar uma obra de sã brasilidade”.¹¹¹ Essa mensagem foi se transformando e se reafirmando ao longo dos anos. Em 1944, o diretor do boletim, Aroldo Moreira, afirma no jubileu de 25 anos que “como um timoneiro seguro e arrojado (...) vem (...) dedicando a sua técnica, a sua experiência, o seu patriotismo e a coesão de seus componentes na realização de seu ideal maior: desvendar as belezas dêsse torrão sem fim – o Brasil”.

Durante o período Vargas, a proteção da natureza obteve avanços, como com a criação do Código Florestal, em 1934, e com a criação de parques nacionais. Os locais que se tornaram o Parque Nacional de Itatiaia, em 1937, e o Parque Nacional da Serra dos Órgãos, em 1939, já eram frequentados pelos excursionistas do Distrito Federal. Os motivos para a criação de parques nacionais neste período congregavam, então, duas funções: a científica e a contemplativa, com cunho turístico e educacional.¹¹²

A identificação com o local de criação destes dois parques, tão próximos à capital federal, existia antes mesmo da sua criação. Serrano defende em sua tese, *A invenção do Itatiaia*, que o Parque Nacional do Itatiaia, quando foi criado, era um território ocupado pelos montanhistas e cientistas.¹¹³ Drummond também descreve a visitação desses locais e a sua importância para exploradores e cientistas que passaram pelos parques, corroborando a ideia de

¹¹⁰ AMARAL, Orlando R. de. Porque excursionar? *Programma para o mez de novembro de 1937*. CEB, Rio de Janeiro, nov, 1937, p. 2;12.

¹¹¹ RODRIGUES, Rodolfo. Campanha victoriosa. *Programma de aniversário*. CEB, Rio de Janeiro, nov, 1938, p. 6;14-16.

¹¹² FRANCO; DRUMMOND, *Proteção à natureza e identidade nacional no Brasil, anos 1920-1940*.

¹¹³ SERRANO, Celia Maria de Toledo. *A invenção do Itatiaia*. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1993.

que os foram criados para atender a demandas de lazer da população da cidade do Rio de Janeiro.¹¹⁴

A criação das áreas protegidas carrega simbolismo para os excursionistas e, em certa medida, reafirmam a missão patriótica de divulgar as paisagens belas, sublimes e pitorescas do país. Um momento que simboliza essa reafirmação é a fundação da Confederação Brasileira de Associações Excursionistas, em novembro de 1939, dias antes da criação do Parque Nacional da Serra dos Órgãos – PNSO.¹¹⁵ Ela ocorreu na cidade de Teresópolis por cinco clubes do Estado do Rio de Janeiro: um de Petrópolis (1931), um de Nova Friburgo (1935), um de Teresópolis (1939), um de Niterói (1939) e um da capital, o já mencionado Club Brasileiro de Excursionismo.¹¹⁶ A fundação foi presidida pelo prefeito local. A cidade em questão é simbólica, pois dali pode-se observar um dos maiores ícones do montanhismo nacional, o Dedo de Deus. Localizado em meio a outras elevações da Serra dos Órgãos, curiosamente, o Dedo foi incorporado à área do PNSO apenas em 1958.¹¹⁷ O evento foi noticiado em uma coluna excursionista no *Jornal do Commercio* (RJ):

Oxalá que esta louvável iniciativa (CBAE) de esforçados propagadores das belezas naturais de nossa terra, possa servir de base para a ampliação do turismo brasileiro. É oportuno lembrar que já surgem motivos imperiosos para a existência desta Confederação, haja visto a patriótica iniciativa para a criação do Parque Nacional da Serra dos Órgãos, motivo este já divulgado em diversos órgãos da imprensa carioca.¹¹⁸

A relação dos clubes com os parques nacionais se desenvolveu ao longo dos anos, modificando-se de acordo com a transformação da própria ideia de parque nacional, do

¹¹⁴ DRUMMOND, *Devastação e preservação ambiental no Rio de Janeiro*.

¹¹⁵ EXCURSIONISMO. *Jornal do Commercio*. 17 nov. 1939, p. 9.

¹¹⁶ Em 1939, o CBE/CERJ, criado em janeiro do mesmo ano, participou de excursões em conjunto com o C.E. Petropolitano e com o Centro Excursionista Friburguense (1935). Posteriormente, foram fundados o Centro Excursionista Icaraí (1939) – na cidade de Niterói – e o Clube Excursionista Therezópolis (1939). Índícios da relação entre esses clubes estão documentados nas publicações do CBE/CERJ de 1939. Esses cinco clubes fundaram a Confederação Brasileira de Associações de Excursionismo em dezembro de 1939.

¹¹⁷ O Dedo foi escalado pela primeira vez em 1912. O seu simbolismo para o montanhismo nacional tem relação com a forma pela qual se dá a sua conquista. Após uma excursão alemã alegar que era impossível subir a montanha, cinco habitantes de Teresópolis realizam a sua ascensão. O Dedo também a primeira feição geológica a figurar no brasão de um clube de excursionismo, no caso, o Centro Excursionista Brasileiro. O fato ocorreu em 1931 após a segunda repetição da conquista. GELLY, Rosângela, *Dedo de Deus: a montanha impossível*, Rio de Janeiro: Ed. da Autora, 2022; LUCENA, *História do Montanhismo no Rio de Janeiro: dos primórdios aos anos 1940*.

¹¹⁸ EXCURSIONISMO. *Jornal do Commercio*. 17 nov. 1939, p. 9.

progressivo abandono do Governo Federal, das demandas dos montanhistas e do desenho institucional do esporte no país.

1.6.3. O amor às árvores

Antes de os “tree-huggers”, ou, abraçadores de árvores, tornarem-se uma forma pejorativa de se referir aos ativistas ambientais ou simpatizantes, o culto à árvore fazia parte de uma forma de ver a natureza.¹¹⁹ Tratava-se de uma natureza associada aos hábitos simples, ao ensino da autossuficiência e a uma vida social harmônica, respeitosa à hierarquia. Ela também é associada à beleza monumental de um ambiente intocado e à paz de espírito que remete a um sentimento religioso. Se muitos se referem à natureza como uma “escola de virtudes”, em muito ela se assemelha a uma fonte de sabedoria e de conhecimento. Esse aprendizado, não poucas vezes, é citado como uma forma mais eficiente do que a leitura para se aprender. Ali, o conhecimento é tirado das lições, sejam elas botânicas, zoológicas, morais ou espirituais, sem qualquer intermédio com o aprendiz. A fonte deste conhecimento é uma natureza que aparece santificada, seja por compor parte da obra divina, seja por ser ela mesma a própria divindade.

A natureza era muitas vezes aprendida por meio de seus indivíduos, que acabaram se tornando símbolos de algo maior e, na primeira metade do século XX, o principal símbolo que a representava era a árvore. Não é exagero dizer que havia um culto à árvore, a qual, para muitos, representava um modelo moral: aquele que serve sem nada pedir em troca; que nos acompanha no decorrer da vida, fornecendo a madeira para o berço, para o lar e, na morte, como esquife. Avançando um pouco, podemos chegar ao texto que Saul Navarro escreveu para o boletim do C.E. Brasileiro de 1932, *O Grande Crime*, no qual a árvore martirizada é o “Christo verde”. A árvore, em seu texto, não é comparada apenas ao Cristo, mas também possui as características da figura feminina, representando o ciclo, a totalidade da vida:

A árvore é tão bella e quasi tão boa como a mulher... Bondade que dá sombra. Belleza que floresce. E alimenta com o fructo saboroso. E ainda perfuma. Abatida, mesmo depois de morta a sua belleza, transfigurada pelo martyrio, torna-se cruz, imagem, mesa, cama, berço e féretro, onde desenha um symbolo, que vale pela biografia negra e synthetica de Christo, lyrio divino que floresceu no lôdo da Terra... E é lenho sagrado; altar; sustentáculo para as delicias do gosto; ninho da vida e escrínio da morte...¹²⁰

¹¹⁹ Para o termo tree-hugger, cf. MCNEILL, J. R.; ENGELKE, Peter. *The Great Acceleration*, Cambridge & London: Harvard University Press, 2014, p. 192.

¹²⁰ NAVARRO, Saul de, O grande crime. *CENTRO EXCURSIONISTA BRASILEIRO*. Boletim nº 2, n. 2, p. 2-3, 1932.

Duarte e Ostos chamam a atenção para o simbolismo da árvore expresso por meio de um dia dedicado a ela no período em questão, relacionando-a como um símbolo cívico. Até meados da década de 1920, a comemoração do Dia da Árvore costumava se dar no mesmo Dia da Declaração de Independência, 7 de setembro, “numa clara associação entre a Nação e a natureza de seu território”.¹²¹ As autoras também ressaltam duas associações simbólicas referentes à árvore, a partir da década de 1920. A primeira delas é à figura materna, generosa e abnegada, que se sacrifica pelo homem, a idealização de uma mãe exemplar. A segunda, a representação da árvore “quase como um totem, elo entre o homem e a natureza, mediado pela nação”.¹²² Nos dois casos, são expressas visões organicistas e/ou corporativas da família e da sociedade, em consonância com o projeto centralizador do Governo Vargas.

Alguns outros exemplos podem ser notados em textos das revistas e boletins do C.E. Brasileiro, assim como nas colunas de jornal, até a década de 1960. São diversos os tipos de texto que exploram esse totem. Aqui cito alguns. Há textos em forma de parábola, nos quais a figura abnegada da árvore conversa com seres humanos para apresentar lições de moral aos personagens ou aos leitores da história¹²³; outros que não tornam a árvore humana, mas como uma companheira que tudo oferece, como o fez Icléa Freixo¹²⁴; e em textos mais diretos, sobre a importância de se proteger a integridade árvore em ações de proteção e de conservação da natureza.¹²⁵

A árvore, neste período, torna-se símbolo e objeto central da ação dos clubes e da recém fundada União Brasileira de Excursionismo – UBE, entidade de representação das associações excursionistas. As principais atividades realizadas neste período para colaborar com a proteção da natureza eram: a) a condenação da omissão do governo na aplicação do Código Florestal, principalmente quando se tratava do desmatamento em áreas protegidas ou áreas frequentadas pelos excursionistas; b) o monitoramento das áreas frequentadas e as ações de reflorestamento¹²⁶.

¹²¹ DUARTE, Regina Horta; OSTOS, Natascha Stefania C., Entre ipês e eucaliptos: comemorações do “Dia da Árvore”. In: FRANCO, José Luiz de Andrade *et al* (Orgs.), *História Ambiental: fronteiras, recursos naturais e conservação da natureza*, Rio de Janeiro: Garamond, 2012, v. 1, p. 227.

¹²² *Ibid.*, p. 228.

¹²³ como no texto de Genaro Ponte (bol abril/1940p.2) e de Thomé Guimarães (Bol out/1945, pág6)

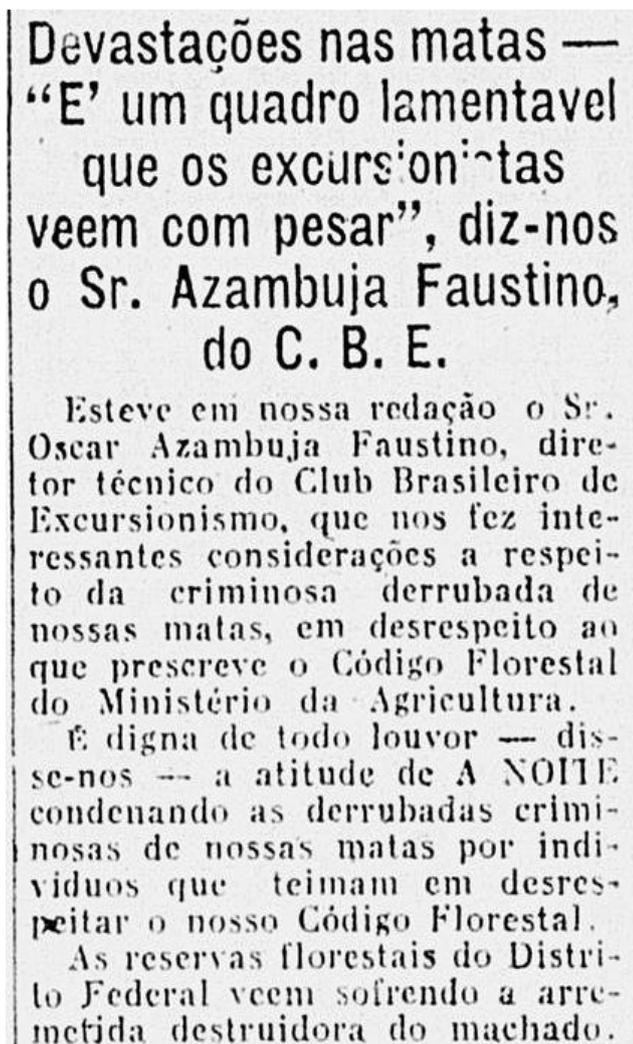
¹²⁴ (Icléa Freixo, Bol set/1948/p7)

¹²⁵ Referenciar textos sobre proteção e conservação da natureza (Rumo ao Paraíso?)

¹²⁶ Texto Boletim PNI out1940/desmatamento. // 2/08/41 – p7 A noite, Excursionismo.

Nos primeiros anos da década de 1940, a coluna Excursionismo, do jornal *A Noite*, trouxe notícias sobre o engajamento dos montanhistas na proteção da natureza, principalmente no que diz respeito à interlocução de Oscar Azambuja, presidente do C.E. Rio de Janeiro/CBE, com o Serviço Florestal Federal – SFF e o Serviço Florestal Municipal. Embora possa não ter sido o único clube a realizar esta interlocução, a seção descreve como ela foi feita por Azambuja, principalmente entre 1941 e 1943. Em 1941, a seção trazia a condenação da destruição das matas (Figura 2), junto à oferta da ajuda excursionista: “de hoje em diante, concluiu, o Club Brasileiro de Excursionismo denunciará, documentadamente, àquele poder [Conselho Florestal Federal] todo atentado contra a violação de nossas matas”.¹²⁷

Figura 2 – Oscar Azambuja sobre as devastações no jornal *A Noite*.



Devastações nas matas —
“E’ um quadro lamentavel
que os excursionistas
veem com pesar”, diz-nos
o Sr. Azambuja Faustino,
do C. B. E.

Esteve em nossa redação o Sr. Oscar Azambuja Faustino, diretor técnico do Club Brasileiro de Excursionismo, que nos fez interessantes considerações a respeito da criminosa derrubada de nossas matas, em desrespeito ao que prescreve o Código Florestal do Ministério da Agricultura.

É digna de todo louvor — disse-nos — a atitude de A NOITE condenando as derrubadas criminosas de nossas matas por indivíduos que teimam em desrespeitar o nosso Código Florestal.

As reservas florestais do Distrito Federal veem sofrendo a arremetida destruidora do machado.

¹²⁷ Jornal A Noite – Coluna Excursionismo – 02/08/1941 página 7.

Fonte: EXCURSIONISMO. *A Noite*. 02 ago. 1941, p. 7

A publicação seguinte da mesma seção trazia a notícia de que o C.E. Rio de Janeiro/CBE enviou ao CFF um ofício questionando como os excursionistas deveriam agir caso se deparassem em suas excursões com condutas ofensivas ao Código Florestal.¹²⁸ Em 1942, a seção traz a informação de que o C.E. Rio de Janeiro/CBE recebeu do SFF um ofício “solicitando daquele clube assídua correspondência com referência às infrações florestais verificadas nas suas excursões”.¹²⁹ Após colocar o clube à disposição do SFF, o texto termina com o seguinte parágrafo: “jamais o facão ou a machadinha de um componente de uma associação excursionista se levanta para ferir uma árvore ou tirar a vida de um animal útil, pois seu lema é: proteção à fauna e à flora de nossa Pátria”.¹³⁰

A relação entre o SFF e o C.E. Rio de Janeiro/CBE se tornaria oficial em 1943, quando os “membros do Quadro de Guias do progressivo Club Brasileiro de Excursionismo foram nomeados guardas florestais por portaria do Exmo. Sr. ministro da Agricultura”. Ao final da seção, exalta-se a figura de Azambuja: “Parabéns, para vocês, guardas florestais do C.B.E. e principalmente para você, Oscar Azambuja, grande figura do excursionismo aborígene que concretizou plenamente o objetivo dos autores desta secção que sempre pugnaram pela nobre campanha de proteção à natureza”.¹³¹

Apesar de pouco documentada, a colaboração com o SFF se expandiu para outros clubes. Em 1944, o jornal *A Manhã* relatou a ação de um guia do Centro Excursionista Leopoldinense, que apreendeu material utilizado para a derrubada de árvores na Serra Carioca, local que era parte do patrimônio da União. Na notícia, é descrita a ação e um pouco da modalidade de cooperação entre as partes:

Os Clubes de excursionismo do Distrito Federal, dentro dos quais se encontra uma mocidade vigorosa e dedicada a preservação de suas matas, adotaram uma modalidade de colaboração com o Serviço Florestal do Ministério da Agricultura, que tem dado resultados bastante apreciáveis em favor daqueles salutareos objetivos. Enquanto escalam montanhas ou procuram grutas, galgando serras ou transpondo rios, descobrindo novos ângulos panorâmicos ou mergulhando no sombrio das florestas protetoras, os rapazes desses Clubes dentre os quais quase todos os guias das excursões são Guardas Florestais, de função relevante e autoridade federal, designados pelo ministro da Agricultura, vão atuando aqui, denunciando dali, apreendendo acolá – num

¹²⁸ EXCURSIONISMO. *A Noite*. 02 ago. 1941, p. 7.

¹²⁹ EXCURSIONISMO. *A Noite*. 19 ago. 1941, p. 7.

¹³⁰ *A noite*, 19/08/1942, p7. Coluna Excursionismo.

¹³¹ *Jornal A Noite – Coluna Excursionismo – 24/09/1943 página 7.*

trabalho desinteressado de cooperação com a Seção de Proteção Florestal, contra os intrusos, os devastadores, e os infratores de toda espécie do Código Florestal.¹³²

Este mesmo texto foi publicado na mesma data no *Correio da Manhã*.¹³³ O acordo, no entanto, durou até o fim da década de 1940. Já as ações de reflorestamento se tornaram mais frequentes a partir de meados da década de 1940, seja por iniciativa dos clubes, como se percebeu no C.E. Brasileiro, seja em conjunto com o Ministério da Agricultura. Em 1946, por exemplo, divulgou-se no boletim do C.E. Brasileiro uma campanha realizada por este ministério, colocando à disposição da população mudas para a realização de reflorestamento.¹³⁴ Os clubes, no entanto, se organizaram de forma mais efetiva a partir da década de 1950. O C.E. Brasileiro, por exemplo, promoveu a Campanha de Reflorestamento, promovida por uma comissão formada com este intuito.¹³⁵ A partir de 1956, em conjunto com o Ministério da Agricultura, o C.E. Brasileiro realizou ações de reflorestamento no âmbito da Campanha Nacional de Educação Florestal.¹³⁶

Apesar da UBE ter sido fundada em 1944, ela parece não ter lidado com questões relacionadas à proteção da natureza, em um primeiro momento. Foi apenas no final da década de 1958, quando ela teve o seu “canto do cisne”, que ela foi central na campanha pelo Dedo de Deus, além de seus dirigentes terem algum envolvimento no incentivo à fundação da Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza - FBCN.

1.7. Utilidade Pública e Natureza

Em 1933, o C.E. Brasileiro foi declarado uma associação de *utilidade pública* pela prefeitura do Distrito Federal. Nos anos que se seguiram, outros clubes conseguiram estas declarações por diferentes órgãos legislativos. Embora não seja um aspecto muito destacado em seus primórdios, esse tipo de declaração tinha aspectos financeiros e simbólicos para as associações. Durante a pesquisa, tornou-se claro que mesmo que não fossem declarados de

¹³² OS EXCURSIONISTAS COLABORAM COM O SERVIÇO FLORESTAL. *A Manhã*. 11 nov. 1944, p. 10.

¹³³ MINISTÉRIO DA AGRICULTURA. *Correio da Manhã*. 11 nov. 1944, p. 3.

¹³⁴ CAMPANHA FLORESTAL DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA. *Boletim Mensal do Centro dos Excursionistas*. CEB, Rio de Janeiro, set, 1946, p. 5.

¹³⁵ PINTO FILHO, Jayme Quartin. Center of Excursionism. *Boletim do Centro dos Excursionistas*. CEB, Rio de Janeiro, jul, 1954, p. 3;5.

¹³⁶ A grafia do nome de Jorge Speciale tinha variações, sendo, por vezes Giorgio Speciale ou G. Speciale.

“utilidade pública” pelo poder público, os clubes de excursionismo passaram a cultivar uma imagem de associações que se aliavam ao Estado colaborando com serviços públicos prestados à população. A busca pela também conferia um caráter de oficialidade das associações, como ocorreu com a emissão dos alvarás pelo CND. Apesar disso, faz-se necessária um estudo mais aprofundado das implicações mais práticas, como a concessão de subvenções aos clubes, percebidos em diferentes momentos da pesquisa.

Se há dificuldade em mapear o recebimento de subvenções concedidos às associações, pode-se afirmar que a realização de atividades consideradas de utilidade pública chegou a ser utilizada como pleito para o seu recebimento. Destaco aqui um momento de transição, nas décadas de 1950 e de 1960, quando o pagamento das subvenções chegou a ser suspenso. Uma notícia, possivelmente publicada a pedido do C.E. Brasileiro, faz menção ao recebimento da subvenção da prefeitura do Distrito Federal. Outra, dois anos depois, possivelmente publicada pela UBE, afirmava que as associações não recebiam a subvenção a despeito do trabalho prestado à sociedade.

A primeira afirma que:

Há uma subvenção da Prefeitura, de Cr\$ 50 mil anuais, mas depende dos vereadores, depois do Prefeito, da burocracia. E a preocupação para que não caia em exercício findo. Sábado passado, dia 31 de dezembro, foi uma correria na Secretaria de Finanças. Cinco minutos antes da meia-noite, saiu o dinheiro...¹³⁷

A notícia de 1958, em *O Globo*, foi publicada no contexto de uma série de reportagens intitulada “A Sobrevivência do Esporte Amador”, realizada em razão da realização do I Congresso das Federações Amadoristas da cidade do Rio de Janeiro.¹³⁸ O Congresso ocorreu

¹³⁷ LAGARTIXAS E PERFUMISTAS. *Tribuna da Imprensa*, 06 jan. 1956, Caderno 2, p. 3.

¹³⁸ Entre as atividades estavam: (1), motociclismo (2), remo (3), basquete (4), vôlei (5), tênis (6), futebol de salão (7), tênis de mesa (8), pugilismo (9), tiro ao alvo (10), ciclismo (11), excursionismo (12), esgrima (13), hipismo (14), caça submarina (15), malha (16), vela (17), ginástica (18) e natação (19). ATLETISMO – CAMPEÃO SEM ESTÍMULO. *O Globo*, 29 ago. 1958, Caderno 1, p. 15; QUILOMETRO ZERO NO MOTOCICLISMO. *O Globo*, 02 set. 1958, Caderno 1, p. 17-18; O REMO – MAIS UM ESQUECIDO. *O Globo*, 03 set. 1958, Caderno 1, p. 17-18; BASQUETE – PROPAGANDA QUE O BRASIL NÃO PAGA. *O Globo*, 04 set. 1958, Caderno 1, p. 17; LUTA O VOLIBOL FORA DAS QUADRAS. *O Globo*, 05 set. 1958, Caderno 1, p. 13; A FALTA DE QUADRA IMPEDE O DESENVOLVIMENTO DO TÊNIS. *O Globo*, 08 set. 1958, Caderno 1; FUTEBOL DE SALÃO – O ESPORTE QUE MAIS CRESCE. *O Globo*, 09 set. 1958, Caderno 1; SALÕES E VERBAS PARA O TÊNIS DE MESA. *O Globo*, 10 set. 1958, Caderno 1, p. 15; FALTA UM GINÁSIO PARA O PUGILISMO. *O Globo*, 11 set. 1958, Caderno 1, p. 15; PROBLEMAS DE IMPORTAÇÃO AMEAÇAM O TIRO AO ALVO. *O Globo*, 12 set. 1958, Caderno 1, p. 17; INDISPENSÁVEL UM VELÓDROMO PARA O CICLISMO. *O Globo*, 15 set. 1958, Caderno 1; LAGARTIXAS – UTILIDADE PÚBLICA SEM VERBAS NEM FAVORES OFICIAIS. *O Globo*, 16 set. 1958, Caderno

para debater, principalmente, as dificuldades enfrentadas pelas diversas modalidades, cobrando do poder público para o seu desenvolvimento. Os artigos geralmente ressaltavam as características da atividade, a sua importância esportiva e simbólica, e os problemas que poderiam ser sanados, principalmente, com a ajuda de verbas, subvenções e construção de espaços para a sua realização. A dos excursionistas tinha como título: “‘Lagartixas’ – Utilidade Pública Sem Verbas Nem Favores Oficiais” (Figura 3). A linha fina declarava: “Apesar dos auxílios que prestam ao ponto e às autoridades, os montanhistas não recebem ajuda oficial”. A colaboração dos excursionistas a serviços prestados durante a prática das suas atividades foi destacada no primeiro parágrafo:

Excursionismo ou montanhismo, entretanto, não é apenas diversão de um grupo de jovens que, aos domingos pela manhã, sai com mochilas às costas, botas cardadas e cantil, para regressar tarde da noite, extenuado, mas compensado pela satisfação de ter vencido a montanha. Seu caráter não é competitivo, seus recordes são simplesmente as dificuldades maiores procuradas para tentar as subidas, mas com suas contribuições no terreno da espeleologia e da arqueologia, nos diferentes aspectos históricos e científicos, de grande valor documentário, têm sido relevantes, chegando quase todas essas agremiações a serem oficialmente reconhecidas como de utilidade pública. Em todo o País existem hoje perto de cinquenta clubes, cerca de 5000 praticantes, mais da metade concentrada no Rio de Janeiro. (...)¹³⁹

Figura 3 – “Lagartixas” – Utilidade Pública

A Sobrevivência do Esporte Amador (12)

“Lagartixas” - Utilidade Pública Sem Verbas Nem Favores Oficiais

Apesar Dos Auxílios Que Prestam ao Povo e às Autoridades, os Montanhistas Não Recebem Ajuda Oficial — A Fôlha de Serviços da União Brasileira de Excursionismo — Atividades em Diferentes Setores. Sempre em P r o l da Cultura, da Arte e do Esporte — Os Feitos do Excursionismo Nacional

Fonte: “LAGARTIXAS” – UTILIDADE PÚBLICA SEM VERBAS NEM FAVORES OFICIAIS. *O Globo*, 16 set. 1958, Caderno 1, p. 11.

1, p. 11 e 20; TÍTULO ABANDONADO POR FALTA DE VERBA. *O Globo*, 17 set. 1958, Caderno 1, p. 15; CONTINUA O HIPISMO LUTANDO COM DIFICULDADE. *O Globo*, 18 set. 1958, Caderno 1, p. 19; A CAÇA SUBMARINA TEM 5.000 PRATICANTES. *O Globo*, 22 set. 1958, Caderno 1; MALHA – VELHO ESPORTE DA ENTIDADE CAÇULA. *O Globo*, 23 set. 1958, Caderno 1, p. 17; VELA NÃO É PRIVILÉGIO DE MILIONÁRIOS. *O Globo*, 24 set. 1958, Caderno 1, p. 15; RECLAMA VERBAS A GINÁSTICA. *O Globo*, 25 set. 1958, Caderno 1, p. 15; CAMINHA SEM RECURSOS A NATAÇÃO CARIOCA. *O Globo*, 29 set. 1958, Caderno 1.

¹³⁹ LAGARTIXAS – UTILIDADE PÚBLICA SEM VERBAS NEM FAVORES OFICIAIS. *O Globo*, 16 set. 1958, Caderno 1, p. 11 e 20.

No decorrer do artigo, também destacam outras atividades de *utilidade pública* realizadas em razão do conhecimento técnico necessário para a sua prática ou do contato com a natureza resultante dela:

AS ATIVIDADES DE UTILIDADE

(...)

Não fica somente nisso, porém, Clubes, como o Centro dos Excursionistas, dão cursos especiais, com matrículas gratuitas, aos oficiais e praças do Serviço de Salvamento e Proteção do Corpo de Bombeiros, ensinando-lhes técnica de escalada de montanha. Coube, também, aos “lagartixas” ministrar aulas e prática de montanhismo a oficiais e praças paraquedistas. Ainda o C.E. Brasileiro é membro da Campanha Nacional de Educação Florestal, colabora com os Ministérios da Educação e Cultura e da Agricultura, com a Secretaria Geral de Educação e Cultura e com o Departamento de Turismo e Certames da Prefeitura. É entidade tutelar do Instituto Nacional do Pinho, pela participação relevante nas campanhas de reflorestamento. Acentue-se que a maior parte desses clubes, de comprovada utilidade pública, não recebe subvenções, bem como a entidade encarregada de coordenar as suas atividades.¹⁴⁰

Sobre o recebimento de subvenção, sabe-se que a UBE a recebeu no final da década de 1940, no entanto, esteve em situação irregular, deixando de recebê-la na década seguinte. O C.E. Brasileiro ainda a recebia parcialmente em 1968, como declarado no boletim de janeiro do mencionado ano. Embora a pesquisa não tenha se debruçado na continuidade do seu recebimento, é sabido que o contingenciamento das subvenções foi uma das questões que levou à reestruturação das despesas de alguns clubes a partir da década de 1960.

Sobre a declaração de utilidade pública, importa colocar que regulamentada no âmbito da União principalmente a partir da Lei nº 91, de 28 de agosto de 1935, um dos marcos regulatórios do setor filantrópico no Brasil, sendo mais ampla ou restrita ao longo do tempo, geralmente relacionada a associações que tivessem ações relacionadas a “educação, atividades de pesquisa científicas, de cultura, inclusive artísticas, ou filantrópicas”.¹⁴¹ Instituições privadas de caráter assistencial ou cultural, regularmente organizadas, poderiam ser beneficiadas pela legislação. Ressalta-se que esta pode ser uma das chaves de leitura do esforço das associações na obtenção do seu caráter oficial.

A importância financeira, de manutenção dos clubes, no entanto, é uma das dimensões do reconhecimento como “utilidade pública”. O excursionismo adquire um capital simbólico

¹⁴⁰ *Idem.*

¹⁴¹ SOUZA, Fabíola Amaral Tomé. “*Gangsters da caridade*”: Sistema político subvencional brasileiro e a manutenção de formação de clientela eleitoral no período de 1946 a 1964. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaço, Rio de Janeiro, 2019, p. 193.

diferenciando-se de outras atividades esportivas, tornando-se o “Esporte Diferente”, em razão dos serviços “patrióticos” que prestam ao Brasil, que se constitui, ao mesmo tempo, uma conduta esperada para os seus próprios praticantes. Se, na década de 1950, a colaboração com as forças de segurança e de salvamento era parte relevante da colaboração com o serviço público, a inserção nas campanhas de reflorestamento e de educação florestal se tornavam cada vez mais relevantes na imagem de “utilidade pública” que as associações tomaram.

A interiorização dessa tarefa, e da imagem pública do excursionista como amigo e protetor da natureza, arraigou-se nas formações dos quadros dos clubes e nos seus instrumentos de divulgação, como boletins, jornais e estatutos, tornando-se, posteriormente, parte do que viria a ser chamado de “ética excursionista” ou de “ética montanhista”. E, para isso, como mostram os capítulos seguintes, foi de fundamental importância as aproximações com órgãos estatais e não-estatais que estavam à frente do pensamento ambiental e da criação e execução de políticas públicas no Brasil naquele momento.

Vários temas presentes neste e nos outros capítulos, como a industrialização, o higienismo, a eugenia e a formação de associações constam no trabalho seminal de Alessandra Izabel de Carvalho sobre o marumbinismo, que além de uma inspiração para o presente trabalho, se estabeleceu, no seu decorrer, como um ponto de referência para um diálogo, que embora nem sempre citado, permaneceu ao longo de toda a dissertação.¹⁴²

¹⁴² CARVALHO, Alessandra Izabel. Montanhas e memórias, uma identificação cultural no Marumbi. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas - SP, 2005.

Capítulo 2 – Excursionismo, Conservacionismo e Jornalismo

2.1. Excursionistas e imprensa carioca na década de 1950

As publicações em jornais referentes ao excursionismo não eram novidade nas décadas de 1930 e de 1940. No entanto, entre as décadas de 1950 e de 1970, alguns dos jornais cariocas de maior circulação, incluindo diários com alcance nacional, passaram a ter seções dedicadas ao excursionismo. A relação entre excursionistas e jornais diários pode ser percebida a partir do esforço de divulgação da atividade, algo que se materializou nos próprios jornais ou por meio dos boletins de cada clube. A divulgação era parte importante da atividade excursionista e, por meio dela, é possível acessar as relações estabelecidas com outros grupos sociais, bem como as próprias conexões que se formavam a partir da atividade jornalística.

Um dos primeiros espaços de divulgação na grande imprensa surgiu em 1954, no jornal *Correio da Manhã*, que, à época, tinha a segunda maior tiragem dos jornais matutinos do Distrito Federal, com, aproximadamente, 72 mil exemplares diários vendidos. O espaço intitulado como *Vida Excursionista* ficou sob a responsabilidade de Idalício Manoel de Oliveira Filho¹⁴³, entre 1954 e meados de 1964. Além do *Correio da Manhã*, Idalício também trabalhou como jornalista e fez publicações sobre o excursionismo em outros periódicos. Entre eles, *O Globo*, onde era responsável pela seção *Montanhismo*, entre o fim da década de 1950 e setembro de 1964, e *O Jornal*, até o início de 1960.¹⁴⁴ Outros jornais para qual escreveu foram *A Noite e Última Hora*.¹⁴⁵ Foi um dos condutores do programa de rádio *Mais Perto do Céu*, veiculado na PRD-5, a Rádio Roquette Pinto, apresentado pela poeta, professora e consócia Odette Toledo, entre 1958 e 1961.¹⁴⁶ Em 1964, ano em que deixou as seções excursionistas, Idalício foi homenageado por Carlos Carrozzinho, Etzel Ritter von Stockert e Giuseppe Pelegrini com a

¹⁴³ Como Idalício ficou conhecido por seu primeiro nome, optei por me referir a ele desta maneira ao longo do texto.

¹⁴⁴ Aparentemente, no início de 1960, Carlos Manes Bandeira substituiu ou dividiu o espaço com Idalício.

¹⁴⁵ RAGUCCI, Horácio. Para sempre em nossos corações: seu Idalício. *Boletim do Centro Excursionista Brasileiro*. Centro Excursionista Brasileiro, Rio de Janeiro, jan/jun, 2022, p 30-31.

¹⁴⁶ A série de audições foi transmitida de **28 de novembro de 1958 a 12 de março de 1961**, quando teve de ser interrompida para, em seu horário, a emissora divulgar os ensinamentos das escolas radiofônicas, que tanto êxito estão alcançando. As datas exatas do *Mais Perto do Céu* se encontram em VIDA EXCURSIONISTA. *Correio da Manhã*. 01 out. 1961, Caderno 2, p. 5.

abertura da Chaminé Idalício, na formação das Prateleiras no Parque Nacional do Itatiaia, em razão do ofício de jornalista.¹⁴⁷

Carlos Manes Bandeira se dedicou à publicação do *Diário Excursionista*, no *Diário de Notícias*, entre 1955 e 1960, data em que foi sucedido por Raul Cunha, que publicou a seção por mais dois anos. Ambos pertenciam ao C.E. Light. Bandeira também escreveu para *O Jornal* alguns textos no início da década de 1960. Com a saída de Idalício da seção *Montanhismo*, Antônio Ivo Pereira e Amélio Fabbri assumiram o posto. Fabbri, que era presidente do C.E. Rio de Janeiro, permaneceu até 1967 na seção. Ivo era um veterano do C.E. Brasileiro, clube do qual fora presidente no biênio 62/63.

Durante a década de 1950, a imprensa carioca passou por uma série de transformações. Ribeiro afirma que naquele momento houve um processo de modernização, que constituiu um momento fundador, a partir do qual podemos compreender algumas dinâmicas da comunicação excursionista no período. Esta modernização foi “gráfica, editorial, linguística e empresarial”. Foi a partir dessas mudanças que “o jornalismo se afirmou enquanto fala autorizada em relação a semantização do real”.¹⁴⁸ Um momento de constituição do jornalismo como campo específico, com mais autonomia em relação ao “campo literário e ao político”:

O discurso jornalístico passou a se revestir de uma *aura de fidelidade aos fatos*, que lhe conferiu um considerável poder social. Hoje, é principalmente por meio das suas operações discursivas que se realiza o trabalho de investimento de sentido sobre as transformações da realidade.

Isso só foi possível a partir do momento em que o jornalismo se constitui como um campo específico, com um certo grau de autonomia em relação ao campo literário e ao político. Quando se transformou numa comunidade discursiva própria, o jornalismo assegurou as condições sociais da sua eficácia.¹⁴⁹

Nas seções excursionistas, as fotografias passaram a ter uma qualidade melhor e se tornaram mais frequentes. As fotografias de Renato José Sobral Pinto, um dos mais prolíficos fotógrafos excursionistas, ganharam destaque nas seções dos periódicos.¹⁵⁰ A diagramação, com

¹⁴⁷ STOCKERT, Etzel Ritter von. Chaminé Idalício. Informativo Brasileiro de Montanhismo e Escalada Mountain Voices. São Bento do Sapucaí, n. 74, set/out, 2003.

¹⁴⁸ RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Imprensa e História no Rio de Janeiro dos anos 50. Tese (Doutorado em Comunicação) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000, p. 13.

¹⁴⁹ Idem.

¹⁵⁰ Do C.E. Brasileiro, que teve passagem por pelo menos outros seis clubes: C.E. Rio de Janeiro, C.E. Carioca, C.E. Pico do Itatiaia, C.E. Petropolitano, CNM e C.E. Guanabara. RIO NAS MONTANHAS.

a ancoragem das seções em páginas específicas dos jornais, também contribuiu para conquistar um público cativo. Os autores e diretores das seções dos jornais se tornaram mais identificáveis.¹⁵¹ Ao mesmo tempo, a “aura de fidelidade aos fatos”, relacionada com a defesa da profissionalização da imprensa e com a busca da objetividade e da neutralidade, tornava as seções um espaço privilegiado para fazer críticas, cobrar promessas e congratular ações, seja dos clubes excursionistas ou do poder público.

A crescente autonomia da imprensa carioca tem relação com as condições políticas apontadas por Ribeiro. Durante o “tempo da experiência democrática”, entre a democratização de 1945 e o golpe civil-militar de 1964, havia um “clima de liberdade”, que “estimulou o exercício da independência e da expansão dos meios informativos”¹⁵². Isso ocorreu em decorrência da extinção dos órgãos de censura, o que permitiu uma relativa liberdade de imprensa e de manifestação do pensamento. Havia momentos de repressão, principalmente antes do governo de Juscelino Kubitschek, geralmente relacionados às convulsões sociais, à caça aos comunistas e outros episódios específicos.

Ribeiro afirma que a limitação da liberdade de imprensa era oriunda, principalmente, das posições políticas dos donos dos jornais, embora a voz do dono não fosse a única a ser repercutida em suas páginas. Os textos do jornal estão “sempre em diálogo com uma infinidade de outros textos”¹⁵³. As seções excursionistas eram, portanto, uma parte daquele mosaico e tinham liberdade para repercutir a programação, suas ações e textos retirados dos boletins excursionistas. Também não era raro que fossem publicados textos expressando a “opinião” do excursionismo, que buscassem o diálogo e convocassem à ação os clubes, entidades, órgãos de governança do esporte e o poder público.

As seções dos periódicos concentravam, além dos excursionistas, outros grupos. O *Correio da Manhã*, por exemplo, mantinha seções de atualização para escoteiros, católicos, espíritas e outros grupos sociais, com os seguintes títulos: *Vida Excursionista*, *Vida Católica*, *Vida Escoteira* e *Vida Evangélica* (Figuras 4 a 7). As páginas dos jornais expressavam os encontros entre diferentes grupos e tornavam possível identificar encontros entre esses grupos

Exposição Sobral Pinto. In: *Portal Rio nas Montanhas*, s/d. Acesso em 30/10/2023: <https://rionasmontanhas.com/rnm-2019/exposicao-2018/>

¹⁵¹ Embora Idalício não tenha se identificado em *Vida Excursionista*, o nome de Bandeira vinha em destaque no *Diário Excursionista*. Na década de 1960, Ivo e Fabbri também se identificavam ao final da coluna em *Montanhismo*.

¹⁵² RIBEIRO, *Imprensa e História no Rio de Janeiro dos anos 50...*, p. 44.

¹⁵³ *Idem*.

e as intersecções entre excursionistas, poder público e entidades civis, no que diz respeito, especialmente, à proteção da natureza. As relações construídas entre os sujeitos envolvidos, de algum modo, com a proteção da natureza são evidentes nos jornais de grande circulação e em outras fontes como os boletins dos clubes excursionistas.

Figura 4 – Vida Excursionista

VIDA EXCURSIONISTA

**Comêço de “lagartixa”
é no Pão de Açúcar**

Cada domingo estão “nascendo” novos “lagartixas”. Nem sempre começam no costão do Pão de Açúcar. Alguns preferem (ou são levados) a outras montanhas, também de 1º grau, apresentando menso dificuldades ao montanhista bisonho. Em geral, porém, o Pão de Açúcar — pelo caminho normal, “nariz”, “costão” ou outro nome que tenha o lado mais fácil de escalada — detém as preferências gerais, tanto dos guias, como dos participantes novatos.

A primeira é sempre novidade, sempre uma festa para os olhos, originando novas emoções. Num dos últimos domingos foi assim. José Paulo Derton, pelo Centro dos Excursionistas, dirigiu um grupo de “lagartixas” de primeira viagem, morro acima. Além de Durvalina Spinola, Rachel Fernandes, Jairo Albuquerque e Marialdo Santos, também acompanhava o grupo o guia Gunther Buchheister, um dos conquistadores da “Aguilha do Diabo”.

“Lagartixas” veteranos, além do guia, tornaram a excursão mais agradável, falando sobre excursionismo: “Gilberto de Oliveira Coutinho, Jossé Ferreira, Milton e Nilson Mário Rossi, Rubens Casheister, Mário Franke e Arnaldo Sauer falaram de suas aventuras nas montanhas.

Documentando a escalada, diversos “slides” coloridos foram feitos por Buchheister para oportuna exibição na sede do Centro dos Excursionistas.

O primeiro contato com a montanha a todos entusiasmou valorizando a prática de escaladas entre nós.

Fonte: VIDA EXCURSIONISTA. *Correio da Manhã*. 7 fev. 1958, 2º Caderno, p. 12.

Figura 5 – Vida Escoteira

VIDA ESCOTEIRA

**VENCEU O KILIMANDJARO, MAS QUASE
FOI DERROTADO PELA DOENÇA**

Everardo de Mello Nogueira, um dos escoteiros participantes do “Raid Rio-Londres”, num jipe 70% nacional, foi obrigado a desistir da prova por determinações médicas — No sábado, 22, recepcionará os seus companheiros que empreenderam uma excursão de setenta mil quilômetros

Fonte: VIDA ESCOTEIRA. *Correio da Manhã*. 9 fev. 1958, Caderno 2, p. 10.

Figura 6 – Vida Evangélica



Fonte: VIDA EVANGÉLICA. *Correio da Manhã*. 9 fev. 1958, 2º Caderno, p. 10.

Figura 7 – Vida Católica



Fonte: VIDA CATÓLICA. *Correio da Manhã*. 8 fev. 1958, 1º Caderno, p. 12.

2.1.1. No Excelsior da glória

Embora não seja possível estabelecer uma relação causal entre a ampliação dos meios de comunicação nos quais o excursionismo estava presente, as décadas de 1950 e de 1960 compreendem um momento de aumento da atividade institucionalizada do excursionismo, considerando-se o surgimento de diversos clubes excursionistas e de departamentos de excursionismo em clubes multiesportivos. Embora muitas associações tenham se extinguido e muitos departamentos tenham sido desativados, permaneceram ativas as associações que tinham o excursionismo como principal atividade. Elas adquiriram um grau de organização mais complexo e passaram a ter uma sede própria. Estas associações também conseguiram formar arranjos institucionais, incluindo acordos informais, como grupos “Inter-Clubes”, e órgãos institucionalizados de representação junto ao Conselho Nacional de Desportos – CND, como a União Brasileira de Excursionismo e as federações que a sucederam.¹⁵⁴

Na seção *Diário Excursionista*, do *Diário de Notícias*, de 1 de dezembro de 1957, Bandeira reporta a existência de “uma rede de cerca de cinquenta clubes, e mais de uma centena de grêmios e grupos organizados”. O número de participantes, segundo Bandeira, chegava a

¹⁵⁴ Waldecy Lucena no documentário GERAÇÃO LENDÁRIA. Produção Executiva: Andrea Oliveira. Direção: Seblen Montovani e Ananda D'Ecanio. Ciranda Filmes, 2013. 57 minutos.

aproximadamente 45 mil filiados no país. Menos de um ano depois, Idalício, em *O Globo*, afirma confirma a existência de “perto de cinquenta clubes, cerca de 5 mil praticantes, mais da metade concentrada no Rio de Janeiro”. O número de praticantes, indicado por Idalício, no entanto, é bem menor do que o apontado por Bandeira.¹⁵⁵ Em 1 de novembro de 1960, a seção *Montanhismo*, dirigida por Idalício trazia uma lista de clubes bastante extensa, em matéria sobre o aniversário de 41 anos do C.E. Brasileiro:

De 1919 para cá outros clubes e grupos surgiram, uns maiores, outros menores, alguns resistindo ou cedendo às dificuldades naturais de um desporto sem competição, por isso sem assistência, nem sempre bem compreendido pelos que deveriam prestigiá-lo. Os clubes Ramos, Rio de Janeiro, Marumbinistas de Curitiba, Pico do Itatiaia, Carioca, Light, Petropolitano, Guanabara, Alpino Paulista e Morro Azul, filiados à União Brasileira de Excursionismo, juntamente com o C.E.B.: os clubes Friburguense, Serra dos Órgãos, Engenho de Dentro, Atlanta, Serra do Mar, Farroupilha, Monte Crista, Condor Negro, Paranaense de Excursionismo, Albatroz, Corcovado, Silva Jardim, Excursões da Ilha Méier, Peixinhos, Campograndense, Alvorada, Môcho, Pico da Bandeira, Forno Grande, Petrolina, Carangolense, Experimental de Excursionismo da Faculdade de Direito da PUC e Departamentos de Excursionismo do Grupo Radioginastas Saúde e Alegria e Associação dos Moços de Presidente Soares – surgiram como resultado dos esforços e entusiasmo de muitos jovens e “lagartixas”, do Rio e dos Estados.¹⁵⁶

Oito anos depois, em dezembro de 1968, quando o *Diário de Notícias* tentou relançar uma seção de excursionismo, a primeira notícia lamentava o baixo número de adeptos do excursionismo, afirmando que apenas seis clubes praticavam a atividade no Rio de Janeiro. Eram eles: C.E. Rio de Janeiro, C.E. Brasileiro, C.E. Carioca, C.E. Light, C.E. Guanabara e C.E. Peixinhos.¹⁵⁷ Apesar disso, é preciso levar em consideração a possibilidade da existência de associações desconhecidas pelo país. É preciso, também, levar em consideração as associações das quais a existência era desconhecida.

¹⁵⁵ Em 1958, publicou-se no jornal *O Globo* que havia “perto de cinquenta clubes, cerca de 5000 praticantes, mais da metade concentrada no Rio de Janeiro”. “LAGARTIXAS” – UTILIDADE PÚBLICA SEM VERBAS NEM FAVORES OFICIAIS. *O Globo*. 16 set. 1958, Edição Matutina, p. 20.

¹⁵⁶ MONTANHISMO. *O Globo*. 01 nov. 1960, Edição Matutina, p. 12.

¹⁵⁷ Dos seis clubes citados, apenas o Clube Excursionista Peixinhos foi extinto.

2.1.2. Estado, Excursionismo e Natureza

Além dos boletins dos clubes excursionistas, as seções de jornal se constituíram como um local privilegiado para enunciar a relação entre os excursionistas e a natureza. É interessante considerar que esta enunciação está imbuída de, pelo menos, dois aspectos. O primeiro, é o que define a forma da preocupação com a natureza. Idalício, por exemplo, inaugura a seção *Vida Excursionista* com o seguinte texto:

Todas as quintas-feiras os amantes da vida em natureza encontrarão neste jornal uma seção a eles dedicada. Essa novel seção englobará o noticiário dos vários clubes excursionistas, dos clubes de caça e pesca, enfim, de todas as entidades que se dedicam à vida no campo, não só do Distrito Federal, como de todo o Brasil.

Há quem diga que somente se pode amar quando se conhece o objeto da afeição. Isto é uma verdade. Como podemos nos ufanar de ser brasileiros, de amarmos o nosso torrão, se não o conhecemos além das fronteiras de nossa cidade? Para sinceramente amarmos a nossa terra, precisamos, antes de tudo, conhecer a sua natureza; a natureza que até o dia de hoje continua incólume à mão do homem.¹⁵⁸

A natureza aparece por meio da ideia de campo e do amor ao Brasil. Segue, portanto, a urgência de uma divulgação das belezas naturais do país, para atingir um objetivo, que é tornar o Brasil conhecido e, portanto, amado pelos brasileiros. O contato com a natureza pristina, intocada, aparece como uma conexão mais profunda com a própria nacionalidade.

Além de Idalício, Bandeira também inaugura a seção relacionando as belezas naturais – e culturais – ao cerne da brasilidade, da natureza edênica:

No Brasil, país onde por graça divina, de terra abençoada, possuímos uma exuberância tão maravilhosa da natureza, onde as montanhas não ostentam gélidas neves e os píncaros alcantilados das serras não se rasgam em abruptos boqueirões candentes dos vulcões, país que é uma imensidade de terras verdejantes em primavera perene, cortado por rios caprichosos e grandes, semeados de cascatas e quedas d'água de beleza estonteante, enfim, uma terra de promessa, as possibilidades para a prática do Excursionismo e do Montanhismo apresentam-se vastas. (...)¹⁵⁹

¹⁵⁸ VIDA EXCURSIONISTA. *Correio da Manhã*, 28 jan. 1954, Caderno 2, p. 1.

¹⁵⁹ BANDEIRA, Carlos Manes. *Diário Excursionista: Excursionismo e Montanhismo. Diário de Notícias*, 24 jun. 1956, Quarta Seção, p. 2.

Ao mesmo tempo em que define a relação com a natureza a partir da conexão com a nação, define também o próprio excursionista, atribuindo a ele um código de conduta. Os “verdadeiros excursionistas” eram caracterizados como amantes da natureza, determinados em sua proteção e dispostos a colaborar com o poder público e com entidades não governamentais por meio de acordos e convênios, o que poderia conferir às associações o reconhecimento de sua “utilidade pública” por órgãos legislativos do Estado. Estas ações, com ou sem o reconhecimento, colaboravam na construção da imagem dos excursionistas filiados aos clubes como amantes do seu país, respeitadores das leis e protetores do patrimônio público – cultural e natural.

Ao Estado, portanto, era confiada a tarefa do cuidado com a natureza, assim como a preservação dos equipamentos públicos.¹⁶⁰ A contribuição dos excursionistas, como viriam a ressaltar Idalício e Bandeira, se desdobrava em várias frentes. Uma, era a do seu papel pedagógico, por meio da educação física e intelectual dos seus associados e da criação de rotas para que se pudesse propagandear as belezas do Brasil. Outra é o auxílio ao Estado na consecução da política florestal, por meio de ações como o reflorestamento. Por último, o excursionista cobra o Estado quando ele não age. Ainda em sua primeira publicação, Bandeira expõe esses três pontos:

Existem atualmente no Brasil, cerca de 45 entidades e clubes de Excursionismo e Montanhismo (o Alpinismo brasileiro), que vêm desenvolvendo, afora as dificuldades da época, o esporte diferente, congregando, cada vez maior número de associados e progredindo em sua expansão pacífica, no louvável desígnio de tornar o Brasil mais conhecido para os brasileiros.

O valor dessas entidades é incalculável, mesmo com o abandono e esquecimento em que vivem, da parte dos poderes públicos, pois o verdadeiro sentido patriótico, cultural e físico-higienista são olvidados pelos mesmos.

Na Europa e nos Estados Unidos, as entidades difundidoras dessa modalidade do esporte possuem o apoio governamental, para que suas bases possam auxiliar o desenvolvimento da juventude, em maiores conhecimentos cívicos,

¹⁶⁰ “Fomentar, auxiliando os diversos grupos sociais a visitar Parques como o da Serra dos Órgãos, do Itatiaia, da Foz do Iguaçu; é um dever dos responsáveis pelos destinos da Nação. Com os preços elevadíssimos das passagens, poucos são os que se dão ao ‘luxo’ de passar uns dias nesses Parques. E dessa maneira fica uma riqueza natural, onde o governo aplicou milhares de cruzeiros em obras de melhoramento, um prazer para poucos, ao contrário do que seria e é natural: ‘ser um incentivo ao excursionismo’”. VIDA EXCURSIONISTA. *Correio da Manhã*. 28 jan. 1954, Caderno 2, p. 1.

morais, físico e intelectuais, tornando-os bons cidadãos perfeitamente integrados na sociedade e na pátria.¹⁶¹

Ao final da década de 1950, tanto nos jornais quanto nos meios de comunicação do excursionismo, o excursionismo se coloca como um braço não estatal para a consecução de tarefas de “utilidade pública”, buscando aliar-se a ele em suas abordagens. Nesse sentido, os jornais de grande circulação são um local privilegiado para a pesquisa, uma vez que é onde alguns comunicadores excursionistas, a partir de concepções acerca da conduta excursionista, buscavam se posicionar a respeito da política florestal dos diferentes níveis da república. É nesse momento que os excursionistas se aproximam de sujeitos que comporiam os quadros da Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza (FBCN), fundada em 1958.

É possível apontar certa similaridade na atuação desses dois grupos. Uma vez que buscavam agir em consonância com o Estado, encontrando formas de atuar dentro do mesmo, por meio de influência direta sobre os órgãos dos entes federativos ou aliados a eles. Podemos perceber esta ação com relação à adesão à Campanha Nacional de Educação Florestal, bem como em outras ações educativas, nas ações de reflorestamento e na ação como guardas-parque honorários. Ao mesmo tempo, eram grupos que pressionavam o governo, principalmente, quando havia omissão do Estado ao combater a destruição das matas ou quando considerassem insuficientes as políticas estatais. Isso podemos perceber nas críticas à leniência quanto à devastação no campo, à demora para a implementação de parques nacionais e na não implementação de áreas protegidas, como ocorreu no episódio da desapropriação da área onde se encontra o Dedo de Deus.

Portanto, é pelos jornais que busco descrever como as relações entre excursionistas, conservacionistas e estado se adensam. Primeiramente, a partir do final da década de 1950 até 1964, período em que Idalício e Manes Bandeira são os principais redatores das seções de *Correio da Manhã*, *O Globo*, *O Jornal* e *Diário de Notícias*. Cobrindo as relações entre diversos eventos, como a Campanha de Educação Florestal, as caminhadas promovidas pelo *Correio da Manhã*, ações de reflorestamento, a campanha pelo Dedo de Deus e os cursos promovidos pelo Centro de Pesquisas Florestais e Conservação da Natureza (CPFCN) incluindo excursionistas. Depois, no capítulo que segue, dou continuidade, a partir de 1964, momento em que Antônio Ivo Pereira assume a redação de *O Globo* ao lado de Amélio Fabbri, tornando-se também o

¹⁶¹ BANDEIRA, Carlos Manes. Diário Excursionista: Excursionismo e Montanhismo. *Diário de Notícias*, 24 jun. 1956, Quarta Seção, p. 2.

primeiro presidente das federações de excursionismo e um dos articuladores da colaboração com a FBCN - a qual pertencia o excursionista Manes Bandeira - por mais de uma década.

2.2. Excursionismo, Educação e Reflorestamento

Em 1956, quando Juscelino Kubitschek foi empossado como presidente eleito do Brasil, a implantação de políticas desenvolvimentistas e a reformulação de alguns órgãos de governo mobilizou a atenção de excursionistas e de conservacionistas. A fundação da FBCN, afirma Franco, “representou um esforço para enfrentar organizadamente, os apelos desenvolvimentistas do presidente”¹⁶². Mesmo órgãos relacionados à proteção do meio ambiente, como o Conselho Florestal Federal, foram reestruturados para tratar a questão ambiental como parte da estratégia do desenvolvimento nacional. Ao mesmo tempo, Silva afirma que o novo governo buscou dar prosseguimento a atividades herdadas pelo governo Vargas, buscando promover:

(...) a reativação da política de parques nacionais (...); incentivos a práticas educativas de valorização da árvore como elemento simbólico nacional, sendo a Campanha de Educação Florestal iniciada em 1956 um exemplo notável; o emprego de veículos automotores como postos florestais volantes, destinados a fiscalização e monitoramento das matas; debates sobre a reescrita do código florestal; a manutenção das instituições dedicadas às florestas na arquitetura estatal, bem como a contratação de cientistas de renome internacional no campo da silvicultura.¹⁶³

A responsabilidade pela execução dessas políticas públicas estava concentrada no Ministério da Agricultura, onde se encontrava o Serviço Florestal Federal e o Conselho Florestal Federal (CFF). Apesar do CFF ser um órgão consultivo, isso não impediu que suas ações fossem efetivas. Em 1956, Victor Abdennur Farah passou a presidir o órgão, tendo como vice Renato Domingues da Silva, sendo reeleitos para as posições até 1967. Farah foi um dos fundadores e integrava os quadros da FBCN, mesmo nos anos em que presidiu o Conselho.

¹⁶² FRANCO, José Luiz de Andrade. A Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza (FBCN): História das áreas protegidas e das espécies ameaçadas de extinção no Brasil. In: MALTA, Elenita. *Protección a la naturaleza*. Buenos Aires: Editorial Teseo, 2020, p. 171.

¹⁶³ SILVA, Filipe Oliveira da. O Conselho Florestal Federal: Um Parecer de sua Configuração Institucional (1934-1967). *Historia Ambiental Latinoamericana y Caribeña (HALAC) revista de la Solcha*, v. 7, n. 2, p. 101–129, 2018, p. 121.

Três das atividades herdadas do governo Vargas que foram listadas por Silva, tiveram maior engajamento entre os excursionistas. Todas elas, de certa forma, relacionadas à formação de um vínculo identitário com a nação. A primeira foi a política de implementação de parques nacionais, percebida como parte da construção do patrimônio nacional. A segunda foi o culto à árvore, representando um objeto tangível da natureza que representasse a ligação material e simbólica com a nação. Por último, a Campanha de Educação Florestal, um meio de formar uma “mentalidade florestal”, educando as pessoas, por meio do contato com a natureza, para a importância do uso racional dos recursos naturais, assim como para a formação cívica. As ações da Campanha de Educação Florestal também foram um meio de exercitar a “utilidade pública”, principalmente pela promoção do reflorestamento.

2.2.1. Campanha de Educação Florestal

O Correio da Manhã noticiou que daria início à Campanha Nacional de Educação Florestal (CNEF) em 1 de junho de 1956. A campanha foi descrita como um “esforço educativo (...) visando desenvolver, no povo brasileiro, uma mentalidade florestal”, cujo cerne era esclarecer a dimensão da ameaça que a devastação desordenada sobre os recursos naturais representava para o país. Para isso, o Serviço Florestal do Ministério da Agricultura anunciou a utilização de ferramentas como “cursos, aulas, exposições, reuniões com membros de instituições diversas, palestras e projeção de filmes”. A CNEF se articulou com os concursos escolares pré-existentes referentes às comemorações do Dia da Árvore. Dentre os convocados para a campanha, estavam os administradores de Parques Nacionais, Hortos Florestais e Florestas Nacionais, além da solicitação de auxílio da “imprensa falada e escrita” em sua divulgação.¹⁶⁴

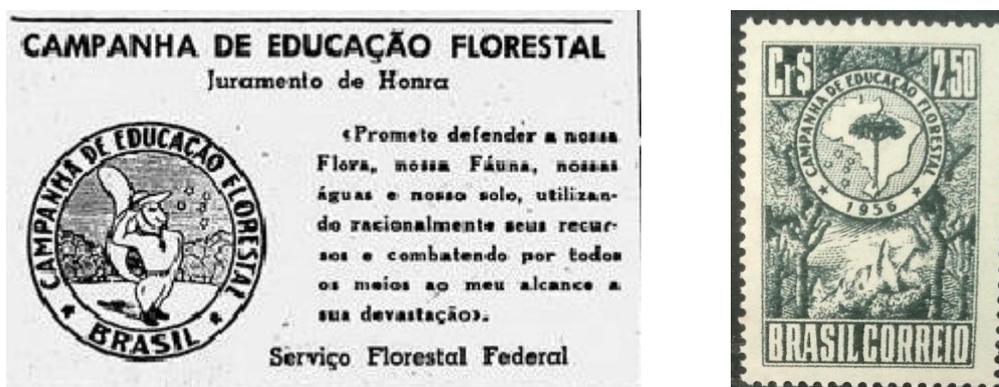
Ao longo dos meses seguintes, as notícias sobre o andamento da CNEF foram apresentando o seu desenrolar. Em 20 de julho, o mesmo Correio da Manhã anunciou a divulgação do Plano Geral da campanha pelo Serviço Florestal. Ela seria presidida pelo engenheiro agrônomo Dael Pires de Lima e teria como secretário-executivo Alceu Magnanini, membro do CFF e posteriormente da FBCN. A estrutura da CNEF tinha três níveis. Um Comitê Central Executivo, Comitês Regionais Executivos e Comitês Patrocinadores, que poderiam convidar entidades oficiais ou particulares a credenciar membros para a campanha. Esses

¹⁶⁴ CAMPANHA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FLORESTAL. *Correio da Manhã*, 1 jun. 1956, Caderno 2, p. 5.

membros poderiam colaborar com o trabalho efetivo ou como membros assessores, prestando assistência.¹⁶⁵

Nos dias que se seguiram, os responsáveis pela campanha apresentaram recompensas pela efetiva participação na CNEF. Dia 22 de julho, foi anunciada no *Correio da Manhã* a comenda da Ordem do Mérito Florestal, que seria conferida “a todo e qualquer cidadão que tenha prestado relevante serviço à Campanha de Educação Florestal a ser lançada a 21 de setembro próximo, com a finalidade de imprimir, desde criança ao homem do campo e ao homem da cidade, uma mentalidade de se preservar as matas”¹⁶⁶. No dia 26, o mesmo jornal trouxe no título da matéria: ESTADA GRATUITA NOS PARQUES NACIONAIS¹⁶⁷. O anúncio se referia à premiação de concursos realizados no âmbito da campanha, com prêmios que poderiam conferir 15 dias de estada gratuita em Parques Nacionais. Anunciava também elementos que fariam parte da propaganda, como a confecção de flâmulas, carimbos e selo postal comemorativo, assim como a escolha de um animal símbolo, o caxinguelê.¹⁶⁸

Figuras 8 e 9 – Elementos da propaganda da Campanha de Educação Florestal.



Fonte: DIÁRIO EXCURSIONISTA. *Diário de Notícias*. 30 set. 1956, 6ª Seção, p. 4.

¹⁶⁵ EDUCAÇÃO FLORESTAL. *Correio da Manhã*, 20 jul. 1956, Caderno 1, p. 4.

¹⁶⁶ VAI SER CONCEDIDA A MEDALHA DA ORDEM DO MÉRITO FLORESTAL. *Correio da Manhã*, 22 jul. 1956, Caderno 1, p. 3.

¹⁶⁷ ESTADA GRATUITA NOS PARQUES NACIONAIS. *Correio da Manhã*, 26 jul. 1956, Caderno 1, p. 9.

¹⁶⁸ É interessante notar que na construção do selo, a árvore em destaque dentro do mapa brasileiro é o pinho, o que aponta para o caráter da preservação dos recursos naturais revelado pela campanha, associada ao combate do mal uso dos recursos. Ao mesmo tempo, as montanha presente no selo é o Dedo de Deus, remetendo ao PNSO. O caxinguelê, em posição de sentido e com o chapéu típico dos rangers, os guardas-florestais estadunidenses, remete ao Urso Smokey, que protagonizou as combate aos incêndios florestais naquele país desde a década de 1940.

A primeira menção no *Correio da Manhã* ao engajamento na CNEF ocorreu no final do mês de agosto. Em trecho dedicado às atividades do C.E. Brasileiro, o clube anunciou que tomaria “parte ativa na colaboração oferecida ao Serviço Florestal”, ao destacar um grupo dedicado às ações de reflorestamento. O grupo tinha sido formado anteriormente para a Campanha do Reflorestamento, sendo composto por Odette Toledo, Idalício, Alfredo Maciel, José Ferreira Barreto, Jorge Speciale, Álvaro Rosadas e Fernando Paiva Guimarães. A partir disso, o C.E. Brasileiro articulou uma atividade que estava consolidada na prática à campanha, buscando intensificá-la. Durante o mês de setembro, todas as excursões deveriam realizar o plantio de mudas. Nos meses seguintes, deveria haver pelo menos uma excursão com o mesmo fito. Ao mesmo tempo, os excursionistas engajados na CNEF buscavam se encontrar diretamente com diretores da campanha. Dael Pires de Lima foi convidado a palestrar no C.E. Brasileiro no início de setembro e os sócios Manuel Lordeiro e Jorge Speciale chegaram a se reunir com o vice-presidente da campanha, Nearch Silveira.¹⁶⁹

Em 1956 e em 1957, constam algumas excursões realizadas para executar ações de reflorestamento, assim como a participação na data culminante, o Dia da Árvore de 1956. As medalhas de participação na campanha foram entregues na sede do C.E. Brasileiro para excursionistas da casa, do C.E. Ramos, do C.E. Carioca., do C.E. Pico do Itatiaia e do C.E. Light. Entre os agraciados pelas medalhas estavam Odette Toledo, Secundo Costa Netto, Álvaro Rosadas, Jorge Speciale, Idalício e Carlos Manes Bandeira. Além disso, foram agraciados jornalistas (Figura 8).¹⁷⁰

Figura 10 – Excursionistas receberam medalhas da Campanha Florestal.



Fonte: VIDA EXCURSIONISTA. *Correio da Manhã*. 24 mai. 1957, 2º Caderno, p. 2.

¹⁶⁹ VIDA EXCURSIONISTA. *Correio da Manhã*. 23 ago. 1956, Caderno 2, p. 2.

¹⁷⁰ VIDA EXCURSIONISTA. *Correio da Manhã*. 24 mai. 1957, Caderno 2, p. 2.

O aparente êxito das iniciativas excursionistas, que passaram a congregiar mais associações, levou à articulação, entre os anos de 1956 e 1957, da Comissão Inter-Clubes Excursionistas. A partir de então, eles participariam de forma conjunta das CNEFs.¹⁷¹ A Comissão Inter-Clubes teve uma existência provisória, sendo transformada em julho de 1957, na Comissão Excursionista de Educação Florestal (CEEF), cuja primeira reunião se deu em 3 de julho de 1957, na sede do C.E. Brasileiro. Neste momento, o grupo agregava integrantes de diversas associações. Além do C.E. Brasileiro, compareceram à primeira reunião representantes dos C.E.s Rio de Janeiro, Light, Sombra e Água Fresca e Pico do Itatiaia, cujos representantes eram Speciale, Rosalvo Magalhães (pertencente aos quadros da FBCN, a partir de sua criação, em 1958), Carlos Manes Bandeira, Arlindo Dias Pais e Agenor Gastão Roure Mariz.

Duas das resoluções aprovadas na reunião foram explicitadas na seção *Vida Excursionista*, escrita por Idalício. A primeira era uma circular a ser enviada aos “clubes congêneres, em todo o Brasil, concitando-os para a maior divulgação e adesão à Campanha Florestal”. A segunda extrapolava o campo das competências da CNEF, abordando o envio de um memorial ao presidente da Câmara dos Deputados, “objetivando a imediata aprovação do novo Código Florestal”, o que só veio a ocorrer em 1965. Por fim, anunciava a continuidade dos plantios de mudas para o reflorestamento, que eram fornecidas pelo Serviço Florestal.¹⁷²

Da segunda resolução, nota-se a movimentação da Comissão em torno de temas mais amplos, incluindo o processo legislativo. O memorial foi entregue naquele mesmo mês ao deputado Ulysses Guimarães, em uma visita de Speciale à Câmara dos Deputados. O título da matéria que relatou o ocorrido no *Diário de Notícias*, veiculado somente em outubro, era: Cinquenta Mil Excursionistas Desejam Novo Código Florestal. A matéria reforçava as ações de reflorestamento e de educação florestal dos clubes excursionistas, ressaltando a capilaridade do movimento excursionista e a sua capacidade de ação. Outras ações, como pedidos ao legislativo para a criação de novos parques nacionais, foram levadas a cabo no fim da década de 1950, articulando membros da CEEF. A partir do *Diário de Notícias*, para o qual Manes

¹⁷¹ Cabe notar que a comissão não pareceu, em momento algum, ter ocorrido no âmbito da UBE, que sofria risco de extinção.

¹⁷² VIDA EXCURSIONISTA. *Correio da Manhã*. 12 jul. 1957, Caderno 2, p. 5.

Bandeira escrevia, pode-se notar o destaque a algumas ações de Speciale, como o apoio à criação ao Parque Nacional do Caparaó e a ação conjunta em ações de reflorestamento.¹⁷³

A primeira resolução deu continuidade a ações de maior intervenção dos excursionistas, como o incentivo ao reflorestamento e a tentativa de restaurar o acordo de “vigilantes das matas”, que conferia aos guias a qualidade de guardas-parque honorários, firmado ainda na década de 1940.¹⁷⁴ O reflorestamento se tornou o tipo de ação mais noticiada nos jornais, com destaque para a propaganda de Manes Bandeira das ações realizadas principalmente por seu clube, o C.E. Light, e o clube que aparecia como seu principal parceiro, o C.E. Pico do Itatiaia. As notícias estampadas na seção *Diário Excursionista* traziam números expressivos. Traziam também os locais de plantio das árvores, principalmente aquelas próximas a “represas e canais do sistema hidroelétrico que abastece o Rio e São Paulo”, geralmente visando a proteção de recursos naturais.¹⁷⁵ No mês de setembro, a mesma coluna de Manes Bandeira anunciava: “Cerca de trinta mil mudas para o morro ‘Cara de Cão’”. Descrita como “a primeira grande batalha pelo reflorestamento”, a notícia anunciou o esforço da CEEF para plantar 30 mil árvores em área desmatada no morro e mais 4 mil no campo de Instrução de Gericinó, em área do Exército. As mudas plantadas geralmente tinham origem em um viveiro de mudas do SFF em Jacarepaguá.¹⁷⁶ Após o biênio 1957/1958, o número de reportagens sobre o reflorestamento reduziu, assim como parecia ter se reduzido o vulto das atividades. Seguiam, no entanto, sendo divulgadas. Speciale seguiu sendo citado nas ações de reflorestamento do C.E. Light até 1960, mesmo depois do fim do seu mandato como presidente da CEEF.

Além de atividades que se relacionavam mais com a agenda interna dos clubes, eles aparecem representados em outras ações. Duas delas são de maior interesse. Uma é a tentativa de cooperação da CEEF com a rede pública de Ensino do Estado do Rio de Janeiro, na qual alunos da rede participariam do replantio em zonas desmatadas. Embora tenha ocorrido o encontro entre excursionistas e o governo do Estado do Rio (que não envolvia a cidade do Rio de Janeiro), não foi possível identificar se o acordo resultou em alguma ação.¹⁷⁷ Outra foi oferecer a Wanderbilt Duarte de Barros, Harold Strang e David Azambuja (todos pertencentes aos quadros da FBCN, a partir da sua criação, em 1958), que ciceronearam o técnico florestal

¹⁷³ VIDA EXCURSIONISTA. *Correio da Manhã*. 14 fev. 1958, Caderno 2, p. 2; CEB. Serra do Cipó. *Boletim Social Centro dos Excursionistas*. Centro dos Excursionistas, Rio de Janeiro, set/out, p. 3.

¹⁷⁴ BANDEIRA, Carlos Manes. *Diário Excursionista*. *Diário de Notícias*, 04 abr. 1957, Seção 7, p. 6.

¹⁷⁵ BANDEIRA, Carlos Manes. *Diário Excursionista*. *Diário de Notícias*, 17 jul. 1957, Seção 2, p. 1.

¹⁷⁶ BANDEIRA, Carlos Manes. *Diário Excursionista*. *Diário de Notícias*, 02 ago. 1957, Seção 7, p. 6.

¹⁷⁷ *Correio da Manhã*. 17 jan. 1958, Caderno 1, p. 9.

André Aubreville, na visita que fez ao Brasil, em 1957, a sede do C.E. Brasileiro, para a realização de suas palestras. Victor Abdennur Farah respondeu cordialmente, agradecendo a oferta, e convidou os clubes excursionistas para participarem das conferências de Aubreville. A resposta, percebida como um reconhecimento da importância da “utilidade pública” do excursionismo, foi prontamente publicada na seção *Vida Excursionista*:

(...) Quanto ao oferecimento do Centro dos Excursionistas – em cuja sede já estive, o ano passado, por ocasião de um debate sobre problemas florestais – louvo a ideia e prometo encaminhá-la à Comissão que está elaborando o programa de visitas do prof. Aubreville, composta do dr. Wanderbilt Duarte de Barros, dr. David Azambuja, diretor do Serviço Florestal Federal e dr. Harold Strang, da Prefeitura. Acredito ser difícil essa possibilidade, pelo tempo restrito de que disporá o visitante, logo depois de sua excursão pelas localidades brasileiras. De qualquer modo, mais uma vez, o interesse dos excursionistas é preciso ser louvado, como estímulo à colaboração altamente patriótica e desinteressada que eles têm prestado à coletividade e ao governo, intervindo, também, na Campanha Florestal.”¹⁷⁸

Ao longo da experiência da CEEF, percebe-se a criação de pontes e o fortalecimento entre os clubes excursionistas, a imprensa e os servidores do Estado. Embora esses laços pudessem ser anteriores ao momento citado, a articulação de políticas públicas e da troca de experiências parece ter permitido o avanço sobre questões caras ao movimento para a conservação da natureza que se estabelecia. A aproximação com este movimento tornava nomes como Victor Farah, Harold Strang, Wanderbilt e Alceu Magnanini mais frequentes nas seções excursionistas. Note-se que muitos dos excursionistas e funcionários públicos envolvidos com ações voltadas para a conservação da natureza vieram a compor os quadros da FBCN. Duas questões concomitantes aproximaram ainda mais excursionistas e conservacionistas: as caminhadas do *Correio da Manhã* e a campanha pelo Dedo de Deus.

2.3. Caminhadas e Dedo de Deus

2.3.1. Jornais, Caminhadas e Educação

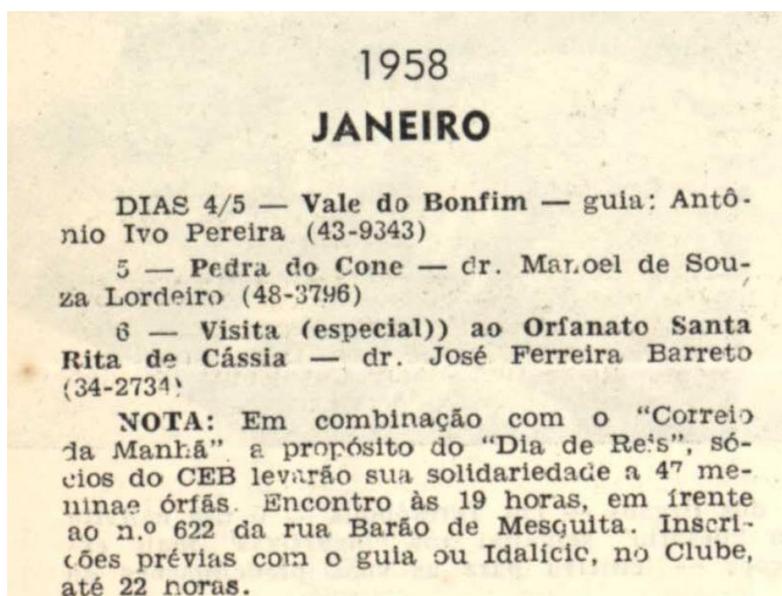
Uma das estratégias adotadas pelos jornais para engajar os seus leitores cativos e alcançar um público mais amplo foi a realização de eventos e de promoções. Ribeiro afirma que a criação, na década de 1950 do:

¹⁷⁸ VIDA EXCURSIONISTA. *Correio da Manhã*. 23 ago. 1957, Caderno 2, p. 7.

(...) Departamento de Promoções foi um dos principais responsáveis pela crescente penetração do jornal, através de concursos e festivais populares, como “Prêmios para toda família”, “Ronda dos Bairros”, “Patrono dos Estudantes Cariocas”, “Rainha do Verão”, “Tendinha das Reclamações”, “Prova Ciclística RJ-SP”, “Natal das Crianças”, “Serenata a Chico Alves”, “Serenata a São Sebastião” e outros.¹⁷⁹

Os pioneiros desse tipo de campanha foram os jornais de circulação vespertina, como *Última Hora* e *O Globo*. Os jornais matutinos, descritos como mais “sóbrios”, demoraram a adotar essas estratégias.¹⁸⁰ O *Correio da Manhã*, que investiu tardiamente nessa estratégia, promoveu uma série de caminhadas por meio das suas seções dedicadas à botânica, às ciências e ao excursionismo. As caminhadas, no entanto, não foram as primeiras atividades desenvolvidas em parceria com os clubes de excursionistas. Como exemplo, podemos citar o engajamento em ações filantrópicas, como a visita a um orfanato no Dia de Reis em janeiro de 1958 (Figura 9).¹⁸¹

Figura 11 – Eventos em “combinação com o *Correio da Manhã*.”



Fonte: *Boletim do Centro dos Excursionistas*. Centro dos Excursionistas, Rio de Janeiro, jan/fev, 1958, p. 1-2.

¹⁷⁹ RIBEIRO, *Imprensa e História no Rio de Janeiro...* p. 187.

¹⁸⁰ *Ibid*, p. 188.

¹⁸¹ *Boletim do Centro dos Excursionistas*. Centro dos Excursionistas, Rio de Janeiro, jan/fev, 1958, p. 1-2.

Ainda no mesmo ano, a seção *Vida Excursionista* trazia entre os seus assuntos o título: Lagartixas vão aprender botânica. A atividade era uma colaboração com outras seções do jornal: a) *Parques & Jardins*, de Rossini Pinto (pertencente aos quadros da FBCN), que trazia ao público assuntos relacionados à botânica, buscando apresentar diferentes espécies, por meio de textos e ilustrações científicas com características das plantas; e b) *Um Pouco de Ciência*, de Fuad Atala (pertencente aos quadros da FBCN), que promovia a divulgação científica de tópicos variados. A excursão era aberta e foi realizada por Jorge Speciale, apresentado como presidente da CEEF, e por Idalício.¹⁸² Com o êxito dessa primeira excursão, uma nova excursão botânica foi anunciada para o dia 11 de maio, com os mesmos guias. Rossini Pinto também realizou, no C.E. Brasileiro, uma apresentação de filmes coloridos e eslaides sobre “assuntos florísticos”.¹⁸³

No mês de junho de 1958, dois eventos programados envolveram excursionistas e conservacionistas. Ambos fizeram parte da comemoração do sesquicentenário do Jardim Botânico, nos dias 14 e 15 de junho. Entre os articuladores da visita estavam Rossini Pinto e Fuad Atala, representando as seções que escreviam para o *Correio da Manhã*, e excursionistas de diversas associações. O outro evento foi a organização, pelo C.E. Rio de Janeiro, presidido naquele momento por Rosalvo de Magalhães, da palestra “Problemas da Natureza”, proferida pelo professor Eurico Santos (pertencente aos quadros da FBCN), no auditório do Ministério da Educação. Alguns dias antes da palestra propriamente dita, Santos deu uma entrevista ao *Correio da Manhã* sobre os tópicos que seriam explorados na ocasião. Entre eles estavam a destruição da fauna e da flora, a ideia de um desenvolvimento florestal e a proteção e ampliação dos Parques Nacionais.¹⁸⁴ No mesmo dia da palestra, a seção *Vida Excursionista* anunciou a fundação de uma “Sociedade que Defenderá a Natureza”, que seria a FBCN. Os moldes de atuação, de acordo com o Boletim da FBCN, estavam em linha com os excursionistas, buscando “suplementar a ação do Governo, cooperando com os órgãos públicos responsáveis”.¹⁸⁵

Um dos proponentes e fundadores da FBCN foi o então presidente do C.E. Rio de Janeiro, Rosalvo de Magalhães. Ainda no final de junho, após a primeira reunião da FBCN,

¹⁸² VIDA EXCURSIONISTA. *Correio da Manhã*. 21 mar. 1958, Caderno 2, p. 2.

¹⁸³ VIDA EXCURSIONISTA. *Correio da Manhã*. 18 abr. 1958, Caderno 2, p. 5.

¹⁸⁴ VIDA EXCURSIONISTA. *Correio da Manhã*. 06 jun. 1958, Caderno 2, p. 10.

¹⁸⁵ A FBCN VIVE SEU DÉCIMO QUARTO ANO. *Boletim Informativo*. Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza, nº7, 1972, p. 3-7.

uma notícia ao lado da seção *Um Pouco de Ciência*, de Fuad Atala, anunciou novas adesões à causa, entre eles estavam Idalício, Speciale e Odette de Toledo.

ADESÕES

Tão logo foi noticiado o movimento para se fundar uma sociedade visando a conservação da Natureza, inúmeras adesões chegaram não só a esta redação, como pessoalmente ou por telefone grande é o número de interessados que se manifestam imbuídos dos mesmos princípios conservacionistas. À medida que forem chegando as adesões e manifestações de apoio, iremos publicando nesta coluna. Desde já, destacamos os seguintes nomes: Ajuricaba Fleury de Amorim, (Rio de Janeiro), Alberto A. Lehmann, médico (Niterói), Alverto Paciulo, prático rural (Pouso Alegre, Minas), Alceu Magnanini, engenheiro agrônomo (D.F.), (...) Bertha Lutz, naturalista (D.F.), Fernando Romano Milanez, médico e professor (D.F.), (...) Jorge Speciale, Luiz Hermany Filho, industrial (D.F.). (...)

E mais: sr. Idalício Manuel de Oliveira Filho, excursionista (D.F.), dra. Odete Toledo, advogada (D.F.) (...) ¹⁸⁶

Apesar da adesão inicial de excursionistas que já tinham participado de outras ações dentro de seus clubes ou junto ao SFF e ao CFF, foi apenas quando a FBCN entrou em um período de maior atividade, em 1966, que as relações institucionais com os clubes se adensaram. De todo modo, alguns associados que tinham ideias e pautas em comum com a FBCN passaram a participar daquele “ponto a partir do qual se concentraram e se disseminaram as preocupações conservacionistas no Brasil”, de acordo com Franco. ¹⁸⁷

O contato entre excursionistas e conservacionistas se intensificou nos anos seguintes, mas, ainda em 1958, a questão fundiária do Dedo de Deus levou a uma articulação de esforços em favor de uma causa comum.

2.3.2. O Dedo de Deus é Nosso!

No panteão de montanhas simbólicas do Brasil, o Dedo de Deus, localizado no Parque Nacional da Serra dos Órgãos (PNSO), ocupa um lugar de destaque. Junto ao Marumbi e às Agulhas Negras, tornou-se uma montanha-símbolo, sempre mencionada quando os montanhistas criam e recriam as suas narrativas sobre a origem do esporte. Essas montanhas estão sempre presentes na programação dos clubes, nas listas de futuras escaladas e nos álbuns de recordação – físicos e digitais. O Dedo de Deus é mais do que uma "escalada impossível",

¹⁸⁶ ADESÕES. *Correio da Manhã*. 29 jun. 1958, 4º Caderno, p. 1.

¹⁸⁷ FRANCO, José Luiz de Andrade. *A Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza...* p. 170.

como vaticinaram os alemães que tentaram a sua ascensão de forma infrutífera no início da década de 1910, segundo o ponto de vista de Rosângela Gelly, que a percebe como um ponto de encontro entre gerações, algumas muito diferentes das outras. Hodiernamente, pode-se dizer que, longe de permanecer estanque no tempo, o Dedo de Deus foi constantemente atualizado. Os antigos caminhos foram adaptados às novas técnicas e estilos de escalada. Novas subidas surgiram e novas descidas vertiginosas foram inauguradas.¹⁸⁸

Localizado atualmente dentro dos limites do PNSO, o Dedo de Deus é um exemplo bastante representativo de um dos principais problemas dos parques nacionais brasileiros: o processo de regularização fundiária. Até hoje, dois terços das terras do PNSO encontram-se em situação irregular. O Dedo de Deus, que faz parte da cadeia montanhosa com formato semelhante a um órgão – o instrumento musical – quando visto da Baía de Guanabara, e que dá nome ao parque, não estava inicialmente dentro de suas fronteiras e não era patrimônio da União.

A formação, que se localizava dentro da Fazenda Garrafão, do embaixador Carlos Taylor, foi declarada Floresta Protetora da União em 1950. De acordo com uma notícia de jornal reproduzida no boletim do C.E. Brasileiro, de Julho/Agosto:

DECLARADA “PROTETORA” UMA DAS FLORESTAS FLUMINENSES

O presidente da República assinou decreto declarando “floresta protetora” a compreendida na área de propriedade dos herdeiros do embaixador Carlos Taylor, sita na bacia do rio “Garrafão”, montante da estrada de Ferro Central do Brasil, no município de Magé”, no Estado do Rio.

Essa área que compreende as matas dos monumentos geológicos “Escalavrado”, “Dedo de Nossa Senhora”, “Dedo de Deus”, “Boca de Peixe”, “Garrafão” e “Frades”, constituem o maciço que, pela sua excepcional beleza e peculiaridade, determinou a fundação do Parque Nacional da Serra dos Órgãos. Ficará sujeita não só ao regime especial, como à guarda e fiscalização desse Serviço, por intermédio do Parque Nacional da Serra dos Órgãos.¹⁸⁹

O documento legal de desapropriação, no entanto, foi assinado em dezembro de 1953. Em abril de 1954, Jayme Quartin Pinto Filho publicou o editorial do boletim do C.E. Brasileiro “Nossos Aplausos!”, celebrando o feito. O documento declarava a região como floresta protetora e de utilidade pública para fins de desapropriação.

¹⁸⁸ GELLY, Rosângela. *Dedo de Deus: a montanha impossível*. Rio de Janeiro: Ed. da Autora, 2022.

¹⁸⁹ DOS JORNAIS. *Boletim do Centro dos Excursionistas*. Centro dos Excursionistas, Rio de Janeiro, jul/ago, 1950.

As Florestas Protetoras da União, conforme explicado por Drummond, foram estabelecidas principalmente no antigo Distrito Federal e no antigo Estado do Rio de Janeiro, em matas secundárias que ressurgiram em morros e encostas de fazendas desmatadas e abandonadas, entre 1944 e 1964, com o objetivo de proteger os mananciais de água potável para as populações urbanas da planície litorânea fluminense.¹⁹⁰ Além dos danos aos recursos naturais, como água potável, havia a preocupação dos danos estéticos causados pela intervenção humana, como o loteamento da área, com a construção de habitações e de edifícios próximos.¹⁹¹

Foi a pressão exercida por diferentes grupos organizados, entre eles os excursionistas, representados pela União Brasileira de Excursionismo (UBE), e a FBCN, junto à imprensa, que logrou a efetivação do pagamento da indenização pela desapropriação das terras. Havia outros grupos envolvidos, como radioginastas e escoteiros. O interesse em comum por transformar a região em área pública levou a sua união. Além do interesse em comum, é possível que a organização institucional desses grupos tenha dado força ao protesto contra a omissão do executivo federal.

A UBE, fundada em 1944, encontrava-se em dormência institucional entre os anos de 1948 e de 1957. Chegou a passar por intervenção estatal e a estar em situação irregular junto ao Conselho Nacional de Desportos (CND). A legislação esportiva à época exigia que para ser reconhecida como instituição esportiva, os clubes, de qualquer espécie, deveriam estar regularizados junto ao CND e ligados ao órgão regulador do esporte, UBE, o que permitiria a emissão de um alvará de funcionamento. A irregularidade da UBE levou à negociação dos clubes diretamente com o CND para a emissão dos alvarás. Em 1956, quando o risco de suspensão se tornou eminente, os clubes excursionistas entraram em negociação com o mesmo CND¹⁹² e chegaram a cogitar a sua substituição pelo modelo federativo. Propunha-se a criação

¹⁹⁰ DRUMMOND, José Augusto. A Legislação ambiental brasileira de 1934 a 1988: comentários de um cientista ambiental simpático ao conservacionismo. *Ambiente & sociedade*, São Paulo, v. 2, n. 3–4, p. 127–149, 1999, p. 136.

¹⁹¹ NOSSOS APLAUSOS! *Boletim do Centro dos Excursionistas*. Centro dos Excursionistas, Rio de Janeiro, abr, 1954, p. 3.

¹⁹² Sessenta e quatro clubes desta capital, duas confederações e um centro classista (...)têm o seu funcionamento considerado suspenso desde 11 do corrente, pelo Conselho Nacional de Desportos, por não haverem cumprido disposições legais deixando de solicitar àquele órgão os alvarás de funcionamento ou sua renovação. (...)

São as seguintes as entidades e clubes cujo funcionamento legal é considerado suspenso e cujas atividades serão interdidadas a 1º de julho, caso não tenham providenciado a extração do alvará do CND, sujeito, agora, à multa de Cr\$ 1.000.,00:

CONFEDERAÇÕES: Confederação Brasileira de Motociclismo e União Brasileira de Excursionismo. (...) *Diário de Notícias*. 13 mai. 1956, Suplemento Esportivo, p. 2.

de uma Federação Metropolitana de Excursionismo, para os clubes do Distrito Federal, e de uma Confederação Brasileira de Excursionismo, que sucederia a UBE. A sugestão, feita pelo CND, foi aprovada pelos clubes excursionistas por unanimidade.¹⁹³

Apesar da aprovação da medida, as associações elegeram Manuel de Sousa Lordeiro, do C.E. Brasileiro, como interventor para a UBE no âmbito do CND.¹⁹⁴ Ele permaneceu como interventor da entidade até 20 de maio de 1958, quando Secundo da Costa Neto, do mesmo C.E. Brasileiro, assumiu a presidência.¹⁹⁵ Buscando evitar enfrentamento entre os clubes, parecido com o que ocorreu durante o processo de surgimento da UBE, Secundo convidou ao menos um membro de cada associação para a diretoria da entidade e declarou, pela seção *Vida Excursionista*, que era “favorável à pluralidade dos clubes”.¹⁹⁶ A declaração pode ser lida de duas maneiras concomitantes. Uma é o incentivo ao crescimento do esporte, à criação de novas associações de excursionismo. A outra é uma promessa de não limitar o desenvolvimento das associações existentes ou cercear o surgimento de novos clubes.

A gestão de Secundo foi, certamente, a mais ativa da história da UBE. Havia a preocupação de divulgar o trabalho realizado pela União, de divulgar o excursionismo e tomar parte em diferentes temas que não eram, necessariamente, parte da governança do esporte. Entre essas ações podemos citar a mediação do conflito entre os municípios de Magé e de Teresópolis sobre a exata localização do Dedo de Deus, promovendo um encontro entre os prefeitos das duas cidades¹⁹⁷. A UBE divulgou e participou da I Semana Brasileira de Excursionismo, sediada na cidade de Alegre – ES e promovida pela associação local, o Centro Excursionista Pico da Bandeira¹⁹⁸. Secundo foi ao I Congresso das Federações Desportivas Amadoristas do Distrito Federal e convidou Lordeiro, que era arquiteto, para fazer um levantamento e apresentar melhorias para uma área de acampamento da Floresta da Tijuca, “A Caveira”. Além disso, Secundo foi um dos promotores, junto a Odette Toledo e Idalício, do programa *Mais Perto do Céu* na PDR-5, da Rádio Roquette-Pinto, sobre excursionismo.

¹⁹³ *O Jornal*. 24 fev. 1957, Seção 4, p. 7.

¹⁹⁴ BANDEIRA, Carlos Manes. *Diário Excursionista*. *Diário de Notícias*. 24 nov. 1957, Caderno 4, p. 7.

¹⁹⁵ *Correio da Manhã*. 23 mai. 1958, Caderno 2, p. 5;14.

¹⁹⁶ *Idem*.

¹⁹⁷ Disputa que segue viva ainda hoje. Com o surgimento do município de Guapimirim, que era parte de Magé, onde se localiza atualmente o Dedo de Deus, disputa-se o pertencimento simbólico daquela cadeia montanhosa, que se encontra, territorialmente, em Guapimirim.

¹⁹⁸ O Pico da Bandeira era considerado o mais alto do Brasil, superado pelo Pico da Neblina apenas no início da década de 1960.

Junto com Lordeiro e Idalício, a gestão de Secundo logrou grande capacidade de mobilização, de excursionistas e de outros grupos, por meio do uso da imprensa em torno da atuação em favor da incorporação da Fazenda Garrafão ao patrimônio público. A *Tribuna da Imprensa* de 26 de novembro de 1958 aponta para a participação de excursionistas, radioginastas, escoteiros e membros da FBCN, que conseguiram a garantia do governo de que havia dinheiro para pagar a indenização de Cr\$ 6.727.900,00, acordada cinco anos antes.¹⁹⁹ No dia seguinte, o *Correio da Manhã* publicou uma matéria anunciando a formação de uma comissão junto ao Tribunal de Contas e ao Patrimônio da União, formada pelos mesmos interessados, para supervisionar os trâmites e fazer pressão para que evitar a omissão do Estado.

A comissão acompanhou o processo até a sua conclusão, pouco menos de uma semana antes de 14 de dezembro de 1958, o prazo legal limite para a realização do pagamento.²⁰⁰ A seção *Vida Excursionista* dedicou um box, intitulado “*Dedo de Deus*”: *Patrimônio Público* em destaque, para o assunto, no qual buscava reconhecer a ação como um produto da colaboração dos diversos interessados:

Nos trâmites burocráticos, até a solução do assunto, para conservar uma área em Magé (Escalavrado – Dedo de Deus), como patrimônio público, acompanharam-no o deputado estadual, comandante Heleno Barros Nunes e o presidente da UBE, dr. Secundo Costa Netto, representantes de uma comissão de excursionistas, escoteiros, radioginastas e filiados à Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza.²⁰¹

Sem deixar de reconhecer todo o esforço do poder público em executar o pagamento, mesmo que pressionado, em razão das matérias nos jornais.

Em janeiro de 1959, o pagamento da indenização foi comemorado no *Diário de Notícias* e no boletim do C.E. Brasileiro com o bordão *O Dedo de Deus é nosso!*²⁰² Posteriormente, Rocha argumentou que o trabalho dos excursionistas foi a principal forma de ação para tornar o local uma área pública:

¹⁹⁹ *Tribuna da Imprensa*. 26 nov. 1958, p. 1.

²⁰⁰ *Correio da Manhã*. 27 nov. 1958, p. 2 e 10; SERÁ PAGA A DESAPROPRIAÇÃO DO DEDO DE DEUS. *Correio da Manhã*. 30 nov. 1958, Caderno 4, p. 2; VIDA EXCURSIONISTA. *Correio da Manhã*. 12 dez. 1958, Caderno 2, p. 6.

²⁰¹ VIDA EXCURSIONISTA. *Correio da Manhã*. 12 dez. 1958, Caderno 2, p. 6.

²⁰² *Correio da Manhã*. 7 jan. 1959, Caderno 1, p. 16.

Parte da Fazenda Garrafão, que incluía os monumentos geológicos que certamente foram os principais responsáveis pela criação do parque, teve a sua desapropriação efetivada somente em 12 de dezembro de 1958. Dessa feita, foi agregada oficialmente ao parque uma área de 168,19 ha, pela quantia de Cr\$ 6.727.900,00. Este processo de desapropriação foi largamente divulgado nos jornais da época, retratando uma forte pressão exercida principalmente pelos clubes excursionistas, para que o Governo pagasse a indenização, cujo prazo estava prestes a vencer (O Globo de 17/11/58,24/11/58, 26/11/58 e 11/12/58; Tribuna da Imprensa de 24/11/58). Caso isso não ocorresse, a Fazenda voltaria à propriedade particular da herdeira do embaixador Carlos Taylor. As pressões surtiram efeito e o pagamento foi realizado no prazo devido.²⁰³

Figura 12 – “O Dedo de Deus é nosso!”



Fonte: VIDA EXCURSIONISTA. *Correio da Manhã*. 12 dez. 1958, Caderno 2, p. 6.

Embora a área tenha se tornado Floresta Protetora, um novo diploma legal, que a definia como parte do PNSO veio apenas em 1984, pelo decreto Decreto-Lei 90.023 de 02/08/1984.²⁰⁴

²⁰³ ROCHA, Leonardo. A situação fundiária do Parque Nacional da Serra dos Órgãos. In: CRONEMBERGER, Cecília; CASTRO, Ernesto B. Viveiros de (Orgs.). *Ciência e Conservação na Serra dos Órgãos*. ICMBio, Brasília, 2007, p. 46-47.

²⁰⁴ BRASIL. Presidência da República. Decreto-Lei 90.023, de 02 de agosto de 1984. Define os limites do Parque Nacional da Serra dos Órgãos. Brasília, DF, 1984.

Apesar desse decreto, de acordo com Rocha, apenas um terço das áreas nele contidas estavam regularizadas, em posse efetiva da União, em 2007.

2.3.3. “Mais Perto do Céu”

Após a campanha do Dedo de Deus, a aliança entre excursionistas e conservacionistas se consolidou. Tanto a FBCN quanto os excursionistas pareciam concordar com o seu papel junto ao Estado sobre o reflorestamento e a proteção das florestas naturais. Espaços ocupados em veículos de imprensa por excursionistas e os seus boletins passaram a ser franqueados aos conservacionistas. No início de 1959, próximo ao momento em que o programa de rádio “Mais Perto do Céu”, patrocinado pela UBE e veiculado pela Rádio Roquette Pinto, a UBE convidou membros da FBCN para dividirem a bancada. O programa, percebido como um informativo sobre as belezas do Brasil, era conduzido por Odette Toledo e Idalício. Geralmente trazia histórias de excursões, homenageava personagens e apresentava conteúdos sobre a natureza.

Figura 13 – Natureza brasileira em debate amanhã na Rádio Roquette Pinto



Fonte: NATUREZA BRASILEIRA EM DEBATE AMANHÃ NA RÁDIO ROQUETTE PINTO. *Correio da Manhã*. 01 mar. 1959, Caderno 1, p. 7.

Na seção *Parques & Jardins*, de Rossini Pinto, o encontro foi anunciado para o dia 2 de março (Figura 11):

O QUE DIRÃO

Durante o programa, os membros da Fundação mostrarão a situação dos recursos naturais brasileiros, mormente as águas, solo, florestas, fauna silvestre, propugnando pelos objetivos da entidade, quais sejam despertar entre povo e governantes a mentalidade do conservacionismo, único caminho para evitar o depauperamento e mesmo a destruição total da natureza brasileira. Mostrarão, por outro lado, os exemplos de outros povos, como velhas civilizações do Nilo, que exploraram suas riquezas e recursos até a exaustão completa, oferecendo o espetáculo entristecedor que ainda hoje é um grito clamoroso contra o mau uso da terra.

Exemplificarão ainda com fatos brasileiros, como as secas do Nordeste e as atuais inundações do litoral paulista, suscitando problemas que não devemos descurar sob a falsa alegação de que possuímos recursos inesgotáveis.

Na parte final, a declamadora Hilda Lore Knaus, associando-se a essa homenagem da União Brasileira de Excursionismo à F.B.C.N., repetirá o poema “A maldição da Floresta”, de autoria da poetisa Odette Toledo.²⁰⁵

Alguns dias depois, a seção *Vida Excursionista* trazia parte dos assuntos tratados no encontro sob o título “Amigos da Natureza e os Lagartixas”. Segundo abriu o programa “estabelecendo um paralelo entre os conservacionistas e os excursionistas, seguido por Harold Strang, que falou sobre a filiação da FBCN à União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN). Os membros da FBCN que estiveram presentes foram:

Segunda-feira, em seu programa “MAIS PERTO DO CÉU”, (Rádio Roquette Pinto), a UBE homenageou os dirigentes da nova Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza, estando presentes os srs. Victor Farah, diretor-executivo, Harold Edgard Strang, Francisco Carlos Iglesias de Lima, Fernando Segadas Viana (do Conselho Superior) e jornalista Fuad Atala, secretário. Por motivo de força maior, deixaram de comparecer o Presidente da entidade, dr. Luiz Hermann Filho, Wanderbilt Duarte de Barros, Arthur de Miranda Bastos, Rossini Pinto, Rosalvo de Magalhães, e prof. Eurico Santos.²⁰⁶

Nesse momento, os laços dos excursionistas com a FBCN eram fortes e, como vimos anteriormente, muitos excursionistas faziam parte do seu quadro de associados. As ações conjuntas em defesa da proteção da natureza eram frequentes.

²⁰⁵ NATUREZA BRASILEIRA EM DEBATE AMANHÃ NA RÁDIO ROQUETTE PINTO. *Correio da Manhã*. 01 mar. 1959, Caderno 1, p. 7;16.

²⁰⁶ VIDA EXCURSIONISTA. *Correio da Manhã*. 06 mar. 1959, Caderno 2, p. 8.

2.3.4. Caminhadas do Correio da Manhã

Em 1959 e 1960, as caminhadas envolvendo Rossini Pinto, Fuad Atala e Idalício tiveram prosseguimento, sendo realizadas com um grande público. No entanto, com o fortalecimento da UBE, elas deixaram de ter apenas a colaboração dos guias do C.E. Brasileiro e passaram a contar com a colaboração de guias de mais clubes. A FBCN também passou a ser mencionada em muitas dessas caminhadas. Depois da participação da FBCN no Mais Perto do Céu, convocou-se uma excursão para o dia 22 de março, na Floresta da Tijuca, promovida pelas seções Parques & Jardins e Um Pouco de Ciência, com a colaboração de guias filiados à UBE e do Clube dos Jardinistas. O evento combinava, como colocava uma notícia do Correio da Manhã, duas partes:

uma recreativa (paisagens e pontos turísticos) a cargo de guias excursionistas, e outra cultural propriamente dita, a cargo dos redatores das referidas seções e professores especialmente convidados, versando sobre elementos de Botânica, Zoologia, Conservação da Natureza, Recursos Naturais e outros, sob a forma de aulas leves e ao vivo.²⁰⁷

Na semana seguinte, Fuad Atala comemorou o êxito da empreitada, descrevendo-a como uma aula viva. Rossini Pinto descreveu o trajeto da excursão, realizada por mais de 100 leitores.²⁰⁸

Ao longo de 1959, as excursões aumentaram de tamanho e passaram a ter mais espaço nas páginas do *Correio da Manhã*. No dia 5 de abril, os organizadores levaram os leitores ao Corcovado, obtendo uma participação de 200 pessoas. No feriado de 21 de abril, uma nova excursão voltaria à Floresta da Tijuca. Na ocasião, a UBE fez um pedido especial para que os clubes enviassem mais guias. Ao final, o *Correio da Manhã* noticiou a presença de mais de 700 presentes. Um número surpreendente, considerado inédito na história do excursionismo brasileiro. No dia 24 de maio, a excursão levou os excursionistas à Vista Chinesa, também dentro da Floresta da Tijuca. Dia 21 de junho, mais de 300 pessoas realizaram um passeio à Pedra Bonita, o ponto culminante do Distrito Federal. Em 21 de julho, os leitores foram ao Parque da Gávea. Os excursionistas ficavam responsáveis pelo caminho, enquanto os conservacionistas faziam as aulas ao ar livre, contemplando principalmente os campos da Zoologia, da Botânica, da Geologia e da Conservação da Natureza²⁰⁹.

²⁰⁷ *Correio da Manhã*, 18 mar. 1959, Caderno 1, p. 5.

²⁰⁸ ATALA, Fuad. Um pouco de ciência. *Correio da Manhã*, 29 mar. 1959, Caderno 4, p. 3; PINTO, Rossini. Parques & Jardins. *Correio da Manhã*. 29 mar. 1959, Caderno 4, p. 18.

²⁰⁹ *Correio da Manhã*. 21 mar. 1959. Caderno 1, p. 5.

Assim como ocorreu nos anos anteriores, o mês de setembro de 1959 recebeu bastante atenção do *Correio da Manhã*, que conjugou a excursão com uma atividade de plantio de árvores no Baixo Sumaré. Com a atividade marcada para o dia 13 de setembro, o jornal publicou no dia 9 daquele mês a notícia “Plantio de mudas no Sumaré será uma lição para os jovens”. A princípio, a excursão incluía a participação da UBE, do Serviço Florestal da Prefeitura do Distrito Federal (do qual Harold Strang e Francisco Iglesias eram membros) e da FBCN. O chamado incluiu uma mensagem de Jorge Speciale, que convidava a todos a ensinar os filhos o amor pelas árvores. No dia 10, o jornal anunciou a presença do prefeito Negrão de Lima no evento. No dia 11, o Instituto do Mate e a Polícia Militar aderiram ao evento. O plantio da primeira muda seria feito por Negrão de Lima. No dia 13, o evento ocorreu debaixo de chuva e com poucos participantes do público, mas com a presença das autoridades que tinham se comprometido.²¹⁰

Figura 14 – “Com chuva e tudo”



Fonte: PREFEITO PLANTOU MUDA DE “SABIÁ” PARA REFLORESTAR SERRA DA CARIOCA. *Correio da Manhã*. 15 set. 1959, 1º Caderno, p. 5.

As caminhadas aproximaram ainda mais os excursionistas dos conservacionistas, principalmente aqueles que estavam mais envolvidos com a imprensa e a UBE. As publicações

²¹⁰ PLANTIO DE MUDAS NO SUMARÉ SERÁ UMA LIÇÃO PARA OS JOVENS. *Correio da Manhã*. 09 set. 1959, Caderno 1, p. 5; PREFEITO E AUTORIDADES PRESTIGIARÃO PLANTIO DAS MIL ÁRVORES NO SUMARÉ. *Correio da Manhã*. 10 set. 1959, Caderno 1, p. 7; PREFEITO PLANTARÁ A PRIMEIRA DE MIL MUDAS NA SERRA CARIOCA - PARTICIPAÇÃO DO SF DA PREFEITURA. *Correio da Manhã*. 11 set. 1959, Caderno 1, p. 5; COM CHUVA E TUDO PREFEITO PLANTOU MUDA DE SABIÁ PARA REFLORESTAR SERRA DA CARIOCA. *Correio da Manhã*. 15 set. 1958, Caderno 1, p. 5.

aumentaram em número e as ideias conservacionistas passaram a circular mais nos círculos excursionistas.

No início da década de 1960, Manes Bandeira, do C.E. Light, assumiu junto aos integrantes do C.E. Pico do Itatiaia as excursões do *Correio da Manhã*. Foi um momento em que ambos os clubes estavam se dedicando às excursões espeleológicas, assim como as arqueológicas, na área do maciço da Tijuca. Outros grupos, como os Radioginastas e o C.E. Guanabara passaram a conduzir as caminhadas, geralmente ao lado de membros da FBCN. A entrada de Manes Bandeira para a FBCN não tardou muito. Ele foi seu secretário entre 1966 e 1969, fortalecendo a identificação com a causa conservacionista. Manes Bandeira se tornou um entusiasta da espeleologia e da arqueologia. Mais voltado a atividades de exploração próximas à ciência, conduziu os leitores do *Correio da Manhã* a diversos rincões da Floresta da Tijuca.²¹¹

2.3.4. Cursos de Conservação do CPFCN

Depois de uma breve pausa em 1961, as excursões do *Correio da Manhã* foram retomadas em 1962. Desta vez, os excursionistas não estavam presentes na organização do evento. O *Correio da Manhã* tinha como instituição parceira o Centro de Pesquisa Florestal e Conservação da Natureza (CPFCN). O órgão foi criado em 1959, dentro da estrutura da Prefeitura do Distrito Federal (PDF). Com a mudança da capital federal para Brasília, em 21 de abril de 1960, a PDF se converteu no Estado da Guanabara, ao qual o CPFCN passou a estar subordinado.

Mattos, em uma matéria da época, afirmava que o CPFCN era uma instituição única no país. Subordinado à Secretaria de Agricultura, tinha a tarefa de “desenvolver no seio da população o interesse e o amor pela Natureza”. De acordo com ele, o centro:

(...) se propõe a fazer um estudo amplo e específico da flora e da fauna cariocas, mediante levantamentos, revisando e catalogando as espécies características, com vistas, principalmente, ao conservacionismo. Objetivo não menos importante é o repovoamento das espécies vegetais e animais desaparecidas ou em fase de desaparecimento. O Centro tem por escopo,

²¹¹ EXCURSÕES VOLTARÃO NO DOMINGO LEITORES NAS GRUTAS DA TIJUCA. *Correio da Manhã*. 15 mar. 1960, Caderno 1, p. 3; LEITORES DO CORREIO DOMINGO NAS GRUTAS DA TIJUCA. *Correio da Manhã*. 16 mar. 1960, Caderno 1, p. 5; AMANHÃ LEITORES IRÃO ÀS GRUTAS DA TIJUCA - MAPA DAS GRUTAS. *Correio da Manhã*. 19 mar. 1960, Caderno 1, p. 3; MAIS DE QUATROCENTOS LEITORES CANTANDO VIRAM GRUTAS NA TIJUCA. *Correio da Manhã*. 22 mar. 1960, Caderno 1, p. 3.

ainda, o desempenho de função educativa fundamental, seja mediante divulgação popular, através de manuais, guias e outras publicações do tipo de bolso, contendo dados históricos, geológicos, botânicos e zoológicos; seja mediante publicações de natureza científica, periódicas ou avulsas, apresentando o resultado das pesquisas e observações realizadas pelas equipes de técnicos.²¹²

Embora os excursionistas estivessem em contato com o conservacionismo, entre os anos de 1962 e 1964 o CPFCN promoveu eventos e formações que foram divulgados pelas seções excursionistas, visando a popularização das ideias da Conservação da Natureza que circulavam no Brasil. Além disso, o CPFCN mediou o retorno dos excursionistas à atividade de guardas-parque honorários, que tinha sido exercida na década de 1940 junto ao SFF. À frente do CPFCN e do Serviço Florestal da Guanabara, ao qual o Centro estava subordinado, estavam dois membros da FBCN, Harold Strang e Francisco Iglesias.

O CPFCN, em razão do seu escopo de atuação, relacionado com a “vulgarização” do conservacionismo, organizou uma série de cursos e eventos, dos quais participaram muitos excursionistas. Um dos primeiros desta série foi O Semana de Conservação da Natureza, articulada ao Dia da Árvore em 1962. O jornal *Correio da Manhã* trazia os detalhes do encontro:

Com diversas comemorações que incluem palestras, conferências, mesa-redonda, projeção de filmes na Embaixada Americana e no recinto das conferências e jornada de reflorestamento popular, de 17 a 23 de setembro, será realizada a I Semana de Conservação da Natureza. (...)

No âmbito das festividades do Dia da Árvore, técnicos e especialistas falarão sobre diferentes aspectos do reflorestamento, especialmente as questões de orientação da opinião pública. Para a mesa-redonda, foi escolhido o tema “Problema da Conservação da Natureza no Brasil”.²¹³

Uma semana depois, uma nova matéria anuncia a participação do governador Carlos Lacerda, que faria a abertura da conferência, anunciando também o programa e os participantes da Semana. Na programação constava:

(...) dia 17 de setembro, será proferida conferência pelo sr. Lucas Tortorelli, técnico da FAO, sobre o tema “Conservacionismo como fator de perenidade dos recursos naturais” (...)

²¹² MATTOS, Madeira de. Belacap Quer Apenas Conservar Prerrogativa de Cidade Maravilhosa. *Correio da Manhã*. 04 jan. 1962, Caderno 2, p. 3.

²¹³ CONSERVAÇÃO DA NATUREZA TERÁ SEMANA NO RIO. *Correio da Manhã*. 17 ago. 1962, Caderno 1, p. 2.

Segue-se no dia 18, também às 14 horas, no auditório do Museu Nacional, (Quinta da Boa Vista) uma mesa redonda versando o tema “Problemas da Conservação da Natureza no Brasil” (...). Tomam parte os srs. Heitor Grillo, Wanderbilt Duarte de Barros, Camerino de Oliveira, Bertha Lutz, F. Segadas Vianna, José Cândido de Melo Carvalho, Victor Farah, H.L. Melo Barreto, H. Pimenta Velloso, Ademar Coimbra Filho e Alceo Magnanini. (...)

Sobre o papel do professor primário na formação da mentalidade conservacionista falará o prof. Alceo Magnanini, em palestra dirigida aos professorandos do Instituto de Educação, em seu salão nobre, dia 20, às 15h. Diversos *slides* ilustrarão a palestra que tem por finalidade encarecer aos professores a necessidade de desde cedo despertar nos alunos a consciência exata dos problemas das relações do homem com a Natureza, pois da riqueza desta depende em última análise nossa sobrevivência.

O encerramento da Semana se dará no dia 21 no Ministério da Educação, com uma conferência do sr. Wanderbilt Duarte de Barros, o maior especialista brasileiro em assuntos conservacionistas. Por fim, extra-programa, no domingo, haverá uma jornada de reflorestamento popular numa encosta da Avenida Edison Passos (Tijuca). A ela se associarão leitores-excursionistas do *Correio da Manhã*, que exatamente nesse dia cumprirão mais uma etapa das nossas programações culturais, subindo até o Excelsior, na Floresta da Tijuca.²¹⁴

Na ocasião, representantes dos C.E. dos Peixinhos, do Brasileiro, do Rio de Janeiro e do Belo Horizonte, juntamente com Secundo e Odette Toledo,²¹⁵ foram enviados para assistir à inauguração. A seção também anunciou a excursão de fechamento da Semana e do início da *Jornada de Reflorestamento popular*, outra iniciativa do CPFCN.

Em 1963, o CPFCN realizou um curso de conservacionismo e, por meio dos jornais, convidou os interessados. O curso seria certificado e contaria com um estágio no PNSO para aproximar os participantes dos problemas de administração e manutenção do parque. A partir do estágio, os alunos do curso deveriam, ao final, “elaborar em conjunto plano-piloto de aproveitamento em que entrem todos os aspectos da questão estudados nas aulas: recreativo, cultural, turístico, educativo, técnico e científico.”²¹⁶

O curso teria início dia 4 de março, estendendo-se até 30 de junho. A primeira conferência seria sobre conservacionismo, ministrada por Alceo Magnanini. Apesar de não trazer a carga horária, o seu currículo era bastante extenso. Incluindo mais de 50 tópicos, dentre os quais assuntos relacionados ao conservacionismo; estudo de solos, vegetação e fauna; fatores

²¹⁴ GOVERNADOR ABRIRÁ A I SEMANA DE CONSERVAÇÃO DA NATUREZA. *Correio da Manhã*. 26 ago. 1962, Caderno 1, p. 2.

²¹⁵ VIDA EXCURSIONISTA. *Correio da Manhã*. 21 set. 1962, Caderno 2, p. 3.

²¹⁶ CONSERVACIONISMO EM CURSO MOSTRA QUANTOS AMIGOS NATUREZA TEM. *Correio da Manhã*. 01 mar. 1963, Caderno 1, p. 7.

meteorológicos; modificações na paisagem; recursos naturais; legislação nacional e internacional; proteção especial de reservas, santuários, parques nacionais e monumentos; e educação conservacionista.²¹⁷

Ainda em 1963, depois do curso de conservacionismo ter começado, o CPFCN organizou uma visita do então governador Carlos Lacerda ao topo da Pedra Branca, ponto culminante do Estado da Guanabara, onde, no dia 6 de abril, técnicos apresentariam a ele a recomendação para criar o Parque Estadual da Pedra Branca. O professor Pedro Carauta, guia do C.E. Rio de Janeiro, aproveitando a ocasião, realizou a aula inaugural do I Curso de Sobrevivência naquele mesmo local, a convite de Harold Strang, o que deu tempo para que alguns clubes pudessem enviar os seus presidentes, com o objetivo de encontrar Carlos Lacerda.

O encontro pautou em boa parte a agenda pública das associações excursionistas até 1965, gerando uma cobrança, expressa nas colunas dos jornais, do que seria possível de ser realizado por meio do contato com Lacerda. Os clubes que compareceram ao encontro com o governador foram o Rio de Janeiro e o Carioca, juntamente com membros do CPFCN. Lá ofereceram as suas flâmulas a ele e foram informados de que Lacerda aprovava a minuta de criação do parque, que só foi concretizada em 1974. Além disso, foi acordado com Lacerda que o governo auxiliaria um congresso excursionista, a ser realizado na data de comemoração do quarto centenário do Rio de Janeiro, em 1965.²¹⁸ Alguns dias depois, a coluna *Vida Excursionista* trazia mensagem sobre as ações de reflorestamento levadas à cabo por excursionistas, com o intuito de ressaltar o elogio do Secretário de Economia, ao qual o CPFCN estava subordinado, Guilherme Borghoff, que havia chamado os excursionistas de “fiscais honoris-causa das matas cariocas”.²¹⁹

Ainda no mês de abril, uma comitiva de representantes dos dez clubes que estavam filiados à já extinta UBE se encontrou com representantes da Secretaria de Turismo e do Departamento de Recursos Naturais do Estado da Guanabara (DRN). A reunião tratou da inclusão dos excursionistas no calendário oficial do IV Centenário da cidade e da “colaboração efetiva dos clubes excursionistas, imediatamente, junto à secretaria de economia, por intermédio do DRN, em defesa da fauna e da flora cariocas”.²²⁰

²¹⁷ *Idem.*

²¹⁸ *Correio da Manhã*. 09 abr. 1963, Caderno 1, p. 2.

²¹⁹ VIDA EXCURSIONISTA. *Correio da Manhã*. 12 abr. 1963, 2º Caderno, p. 2.

²²⁰ VIDA EXCURSIONISTA. *Correio da Manhã*. 20 abr. 1963, 2º Caderno, p. 2.

O encontro ocorreu no dia 5 de maio daquele ano, junto a Harold Strang do CPFNCN, na sede do C.E. Brasileiro. No dia 3, a seção trouxe o que deveria ser negociado:

Como o *Correio da Manhã* noticiou, em reconhecimento à colaboração de excursionistas e montanhistas brasileiros na defesa permanente do patrimônio florestal, os referidos órgãos pretendem estudar modalidade que torne essa cooperação dos lagartixas espontânea, oficializada, doravante, nas campanhas de reflorestamento e nas comunicações sobre regiões devastadas, às autoridades competentes.²²¹

Em encontro posterior, Strang apresentou o regulamento que “disciplinará a cooperação dos presidentes e dos guias excursionistas na defesa florestal, que seriam credenciados com carteira expedida pela repartição competente da Secretaria de Economia”.²²² O modelo ficou pronto em agosto, quando a seção publicou:

Os presidentes e os guias de clubes excursionistas organizados e responsáveis, da Guanabara, receberão carteiras do Departamento de Recursos Naturais que os credenciarão como colaboradores daquele órgão da Secretaria de Economia carioca. Convênios serão firmados entre as agremiações de excursionismo e o DNR, para oficializar a cooperação que os lagartixas vêm prestando há muito tempo aos poderes públicos, na preservação da floresta e da fauna de nosso Estado e das regiões habitualmente visitadas nos fins de semana.²²³

O reconhecimento de autoridades públicas, por meio de manifestação de apreço, certamente tinha uma grande importância simbólica para as entidades. Isso pode ser percebido no trecho que ressaltou a aprovação do governador e a realização de uma cerimônia em ato solene com a sua presença na sede do governo:

“BOA IDEIA”

No despacho em que aprova a assinatura do convênio, o governador Carlos Lacerda acrescentou **Boa Ideia!** aplaudindo a iniciativa do DRN e a espontânea colaboração do excursionismo em defesa da Natureza. (...)

CONVITE

Para assinatura do convênio, os presidentes do **Centro dos Excursionistas, Ramos, Rio de Janeiro, Pico do Itatiaia, Carioca, Light e Guanabara** deverão entrar em contato com o Departamento de Recursos Naturais

²²¹ VIDA EXCURSIONISTA. *Correio da Manhã*. 03 mai. 1963, 2º Caderno, p.2.

²²² VIDA EXCURSIONISTA. *Correio da Manhã*. 10 mai. 1963, Caderno 2, p. 4.

²²³ VIDA EXCURSIONISTA. *Correio da Manhã*. 09 ago. 1963, Caderno 2, p. 2.

(Secretaria de Economia). O ato solene será no palácio Guanabara, com a presença do governador carioca.²²⁴

Apesar de a seção *Vida Excursionista* imprimir uma continuidade na ação dos excursionistas, dando a entender que havia a oficialização de um trabalho contínuo de preservação da natureza, o termo de convênio promovia a capacitação em conservação da natureza como requisito para a entrega das carteirinhas. Além disso, o DRN ainda forneceria mudas e sementes aos clubes para as ações de reflorestamento que estavam enraizadas nas campanhas florestais dessas associações.²²⁵ A seção *Vida Excursionista* seguiu noticiando o andamento das tratativas do acordo, demonstrando um esforço para incluir clubes que não faziam parte da já extinta UBE, em 1963, e acenando para a transmissão da cerimônia pela Rádio Roquette Pinto. A assinatura se deu no dia 25 de setembro, sem solenidade, durante a VII Exposição Agropecuária, no estande do DRN, que ocorreu no Campo de São Cristóvão. Foram sete os clubes que assinaram em um primeiro momento, os C.E.s Brasileiro, Ramos, Rio de Janeiro, Carioca, Pico do Itatiaia, Light e Guanabara.²²⁶ Além dos clubes excursionistas, o Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB), do qual Manes Bandeira era um dos fundadores e, à época, secretário, também fez parte do convênio. Após a assinatura, uma notícia especificou como os excursionistas realizariam a sua colaboração com DRN:

COLABORAÇÃO

De acordo com o convênio, os centros de excursionismo do Rio promoverão o plantio de mudas e distribuição de sementes. Aproveitando suas atividades nas matas do Estado, também informarão as autoridades sobre incêndios, ocorrência de erosão, devastações, desnudamentos, cortes de árvores, retirada de plantas, caça proibida, pesca nas lagoas protegidas, construção de barracos em florestas e quaisquer outras irregularidades no uso da terra, das águas e da mata.²²⁷

Os entendimentos sobre a questão foram realizados diretamente com Harold Strang, que estava à frente da iniciativa, por parte do governo estadual. Outros clubes poderiam posteriormente aderir ao convênio com o DRN.²²⁸

²²⁴ *Idem.*

²²⁵ *Idem.*

²²⁶ CONVÊNIO EM DEFESA DAS MATAS. *Correio da Manhã*. 25 set. 1963, Caderno 1, p. 8.

²²⁷ EXCURSIONISTA VAI FISCALIZAR MATAS. *Correio da Manhã*. 26 set. 1963, Caderno 1, p. 3.

²²⁸ MAIS CLUBES FISCALIZARÃO AS FLORESTAS. *Correio da Manhã*. 06 out. 1963, Caderno 2, p. 6.

O curso de conservacionismo para os excursionistas ocorreu apenas em 1964, na semana de 3 a 7 de fevereiro. Na segunda-feira, dia 3, Fuad Atala ministrou a primeira aula, sobre o “conceito de conservação da natureza, recursos naturais, solo, fauna, flora, pesquisa e educação, intervenção e divulgação”. Na terça-feira, Harold Strang falou sobre “códigos e leis de proteção aos recursos naturais (florestais em especial), estaduais, federais e internacionais, os parques e as reservas cariocas, e o CPFCN”. Na quarta-feira, Pedro Carauta se dedicou a destacar “métodos práticos de atuação dos excursionistas na conservação da natureza, orientação das populações adjacentes aos roteiros excursionistas e problemas de sobrevivência. Na sexta-feira, Oswaldo Guimarães, diretor do DNR, falou sobre “O departamento de Recursos Naturais e a legislação supletiva estadual (lei 948), assistência técnica, cessão de mudas e sementes, reflorestamento e repovoamentos, inclusive ao longo dos percursos”, encerrando o curso. Apesar de destinadas aos excursionistas e ao IAB, poderiam participar quaisquer interessados.²²⁹ O fim do curso foi marcado por um acampamento no cume da Pedra Branca, inicialmente previsto para os dias 13 a 15 de março, mas que só veio a ocorrer em 21 de setembro, Dia da Árvore.²³⁰ Foram, ao todo, 45 formados pelo I Curso de Treinamento em Conservação da Natureza - 17 excursionistas do C.E. Rio de Janeiro, 9 do C.E. Light, 5 do C.E. Carioca, 5 do C.E. Pico do Itatiaia, 4 do C.E. Brasileiro, 4 do IAB e um do C.E. Guanabara.

Figura 15 – Mais 45 defendem natureza carioca.

MAIS 45 DEFENDEM NATUREZA CARIOCA

Quarenta e cinco excursionistas que participaram do I Curso de Treinamento em Conservação da Natureza ministrado no início de janeiro pelo Centro de Pesquisas Florestais e Conservação da Natureza (CPFCN), habilitaram-se a receber a carteira que os credencia como guarda-colaboradores, na defesa da natureza carioca. A colaboração por “Lagartixas” espontânea, é prestada sem nenhum ônus para o Estado.

CONVÊNIO

O primeiro convênio firmado entre sete clubes de excursionismo do Rio e o Departamento de Recursos Naturais, da Secretaria de Economia da Guanabara inclui, entre outros itens, a disseminação de ensinamentos conservacionistas, distribuição de folhetos, mudas e sementes aos moradores

vos contendo textos apropriados. Mudas e sementes para reflorestamentos serão igualmente oferecidos com explicações sobre técnicas de utilização.

GUIAS

São os seguintes os guias excursionistas habilitados no curso de treinamento em conservação da natureza

Kern, Rubens de Castro B. Barros, Salomyth Fernandes, Tarcy Fernandes da Silva; “Guanabara”: — Luigi Inanace; Pico do Itatiaia: — Luiz Silva Cavalcante, Cleóbulo Cidri, Jorge Juarez de Souza, Jorge Marinho, Tererinha de Oliveira Domingues Cavalcante; Light: — José Joaquim da Costa, José Ernesto Mayr, Aylton Eymard, Adolpho Chaim Cardoso, Karl Mayr, Darcy de Souza Mendes, Nilo Pimentel, Sônia Oliveira Eymard e Ronaldo Fernando Martins Pínelro; Instituto de Arqueologia Brasileira: — Carlos Manes Bandeira, Alexandre Martin Mirilli, Braz Francisco Winkler Pepe e Odemar Ferreira Dias Jr.;

Fonte: MAIS 45 DEFENDEM NATUREZA CARIOCA. *Correio da Manhã*, 29 fev. 1964 p. 9.

²²⁹ EXCURSIONISTA VAI DEFENDER A NATUREZA. *Correio da Manhã*. 01 jan. 1964, Caderno 1, p. 5.

²³⁰ *Correio da Manhã*. 22 set. 1964, Caderno 1, p. 8.

2.4. Adensando relações

O final da década de 1950 e o início da de 1960 representaram um momento de adensamento de relações entre os grupos excursionistas e os conservacionistas. Essas conexões foram de grande importância para a incorporação do aparato conceitual conservacionista nos meios de compartilhamento das atividades excursionistas, assim como nos seus regulamentos. Considero que a formação realizada pelo CPFCN foi um marco, uma vez que realizou uma formação específica, contando com o que era estado da arte do conservacionismo à época.

Alguns dos principais dirigentes excursionistas daquele momento e das décadas seguintes passaram pelo curso de conservacionismo. Embora tenha sido um evento de curta duração, é possível dizer que a adesão se deveu à construção das relações entre conservacionistas e excursionistas. Entre os que representavam os diversos clubes de excursionistas, estavam expoentes do excursionismo e os mais conhecidos comunicadores do esporte. Manes Bandeira tinha sido o diretor da seção *Diário Excursionista* e Rosalvo de Magalhães, do C.E. Rio de Janeiro, ambos pertenceram aos quadros da FBCN, sendo que o segundo foi um dos seus fundadores. Expoentes do mesmo C.E. Rio de Janeiro, que estiveram em cargos de governança do clube, pelo menos até a década de 1980, como Salomith Fernandez, Tadeusz e Cionyra Hollup e Giuseppe Pellegrini, também, estiveram presentes. Do C.E. Brasileiro, Idalcio fora o principal comunicador excursionista até aquele momento; Antônio Ivo Pereira, que presidia o clube à época, foi, a partir do final de 1964, o principal comunicador excursionista na imprensa. Foi ele o primeiro a assumir a presidência da Federação Carioca de Montanhismo (FCM), em 1968, e da Federação de Montanhismo do Rio de Janeiro (FMERJ) em 1975.²³¹ É, em parte, em sua trilha que seguiremos no próximo capítulo.

²³¹ MAIS 45 DEFENDEM NATUREZA CARIOCA. *Correio da Manhã*. 29 fev. 1964, p. 9.

Capítulo 3 – Ética, Excursionismo, Conservação da Natureza e Conflitos (1964-1972)

Durante as décadas de 1960 e de 1970, após a aproximação entre conservacionistas e excursionistas, há um adensamento das relações institucionais entre esses grupos. Em primeiro lugar, em virtude da forma pela qual ambos atuavam na implementação das suas pautas. Ambos buscavam agir por meio da colaboração com o Estado ou com outras instituições. No caso dos excursionistas, era invocada a sua característica de “utilidade pública”. Por outro lado, os conservacionistas, formaram, muitas vezes parte do Estado em seus diferentes níveis: municipal, estadual e federal.

Neste capítulo, busco descrever parte desta trama a partir de algumas publicações excursionistas, principalmente dos jornais de grande circulação, embora complementado por boletins excursionistas. Sobre os boletins, é importante notar que o acervo do C.E. Rio de Janeiro não tem disponíveis as publicações da década de 1950 até 1974. Embora o acervo do C.E. Brasileiro esteja completo, a periodicidade da publicação variou em diferentes momentos, seja por influência da falta de uma pessoa para conduzir o processo de publicação ou pela escassez de recursos.

Quanto aos jornais de grande circulação, Ribeiro aponta para a transformação do mercado de jornais no Rio de Janeiro na década de 1960. A tiragem de jornais como o *Correio da Manhã*, no qual era publicada a seção *Vida Excursionista*, declinou. Ao mesmo tempo, o jornal *O Globo* manteve uma tiragem média de cerca de 200 mil exemplares diários, entre meados da década de 1960 e o final da década de 1970. Neste período, ocorreu um processo de concentração empresarial e *O Globo* foi um dos mais beneficiados por ele.²³²Foi a partir de 1965 que a seção *Montanhismo* se firmou em local de destaque na Edição Esportiva, ocupando por meia década um espaço nobre.

Ao mesmo tempo, seções que tiveram grande êxito na segunda metade da década de 1950 foram extintas até meados da década de 1960, como a *Vida Excursionista* (em 1964), *Diário Excursionista* (em 1962) e *Excursionismo* (em 1963). As seções *Vida Excursionista* e *Excursionismo* eram dirigidas por Idalício. Ele também dirigiu a seção *Montanhismo* até 1964,

²³² RIBEIRO, *Imprensa e História no Rio de Janeiro dos anos 50...* p. 94-95.

quando foi assumida por Antônio Ivo Pereira e Amélio Fabbri, figuras importantes nos clubes Brasileiro e do Rio de Janeiro. Houve, também, um processo de concentração da divulgação do excursionismo, uma vez que a seção no jornal *O Globo* se tornou o meio de comunicação com maior alcance entre o público que não tinha acesso às publicações dos clubes.

3.1. Montanhismo (O Globo)

A apresentação da seção *Montanhismo*, do jornal *O Globo*, passou por modificações de apresentação no editorial ao longo do tempo. Até o final de 1963, ela costumava compor as páginas finais de um dos cadernos matutinos do jornal às segundas feiras, geralmente a partir da página 12. No início de 1964, ela passou a ter um lugar de destaque na Edição Esportiva, publicada também na segunda-feira. Entre 1964 e 1969, a publicação ocupou espaço nas primeiras páginas pares do suplemento esportivo, geralmente a página 4. No entanto, a depender da quantidade de notícias relacionadas à seção de futebol, ela era antecipada para a página 2 ou deixada para as páginas pares seguintes: 6, 8 e 10. A partir do ano de 1970, a seção passou a ser publicada entre as páginas 8 e 10, na segunda metade do suplemento.

A seção *Montanhismo*, assim como o *Diário Excursionista*, foi ancorada nas páginas dos periódicos de forma mais consistente do que as pioneiras *Vida Excursionista*, do *Correio da Manhã*, e *Excursionismo*, esta última publicada no diário *A Noite*, na década de 1940. *Montanhismo* ocupava duas colunas do lado esquerdo da página. Contava com bordas grossas para a separar do restante do conteúdo. Trazia o nome da seção, seguido pelo assunto principal. Abaixo do assunto, trazia uma fotografia com uma legenda e, só então, o texto. A composição desse texto variou bastante ao longo do tempo. Os elementos permanentes eram: a) o desenvolvimento do assunto principal, b) a programação dos clubes, e c) notícias diversas. A conservação da natureza costumava figurar em diferentes posições dentro da seção, a depender da relevância conferida ao assunto pela direção. O mais comum é que constasse como assunto principal ou como notícia diversa. No entanto, poderia aparecer como um tópico isolado, parecido com aquele destinado à programação dos clubes. Na imagem abaixo, podemos perceber como o título “CONSERVAÇÃO DA NATUREZA” aparece depois do tópico “PROGRAMAS” e antes do “PETROPOLITANO EM CONQUISTAS”, dedicado ao clubes em razão da abertura de uma nova linha de escalada, e de “DAQUI E DALI”, dedicado a notícias diversas. Na imagem seguinte, podemos ver como a seção compõe o espaço da Edição Esportiva.

Figuras 16 e 17 – Seção Montanhismo e sua disposição gráfica.

MONTANHISMO

Repouso na Montanha



Mochilas ao chão e um sorriso no topo da montanha. (Foto de Paul Max Müller Filho, do CEB)

Realmente a satisfação de se alcançar o ponto culminante da montanha é acompanhado, como é natural de um justo repouso, quando o bate-papo alegre toma conta da turma.

É o momento de dar lazer aos músculos e abrir os faróis. É tomar gostoso banho de sol, suavizado pela brisa das alturas.

E "inundar" os olhos com a paisagem que se alarga sob os pés, ufanando-se intimamente com o triunfo de ter sobrepujado as alturas.

Tudo isto são prazeres somente conhecidos por montanhistas.

CONFIRMAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO EXCURSIONISTA — Apesar da instabilidade do tempo, teve-se um grande sucesso a concentração que os CE Brasileiro e CE Petropolitano realizaram na Serra da Tijuca, no primeiro domingo do corrente.

Foi uma verdadeira festa de confraternização de montanhistas que reuniu 42 excursionistas e 25 petropolitanos, no recesso da Floresta da Tijuca, servindo de teste para a fibra dos esportistas, pois o tempo nada ajudava.

Foi efetuada a escalada do Paredão Marumbi em uma cordada de oito elementos, entre eles o presidente Varanda do CEP, sob a direção de Hélio Barroso (CEB) com a colaboração de Luís Vogel (CEP). A escalada transcorreu muito bem, apesar dos chuviscos e chuva no final, tendo a cordada funcionado a contento, não obstante ser elevado o número de componentes.

Os demais excursionistas subiram o Bico do Papagaio e o Pico da Tijuca, vias usual e Costão. Serviram de guias os esportistas Alfredo Maciel, Reinhold Haack, Antônio Ribeiro da Cunha e Manuel de Sousa Lordeiro.

Muita alegria dominou as turmas, que vibraram quando o vento abria "janelões" na forte neblina, surgindo soberbos panoramas.

Entre outros assuntos de primordial importância será apresentada pela Fundação a idéia da criação no Núcleo Excursionista para Conservação da Natureza, composto de elementos de todas as entidades militantes. Haverá desta forma melhor entrosamento das autoridades com os esportistas que palmilham por regiões pouco frequentadas, constatando muitas vezes atentados criminosos contra a flora, fauna e monumentos geológicos.

Vem bem a propósito as palavras do Dr. Alceci Magalhães, administrador do Parque que compõe a prestigiosa agremiação de VS, são considerados por nós como elementos de alta valia no movimento para conservação do nosso patrimônio natural, inclusive através de uma utilização racional e inteligente de alguns recursos.

"Formulo assim os votos de que possamos estabelecer

A nota curiosa foi o fato de veterano guia ter anveredado pelo Caminho das Almas, com 17 participantes, e dar com os costados nas abas do Pico da Tijuca. Quando desistiu de a retornar, desembocou no mesmo caminho de ida. A "brincadeira" apesar de dar ensejo a apreciar ângulos pouco conhecidos do penhasco custou cerca de uma hora de caminhada. Disseram que o guia falou em almas penadas e elas se vingaram...

Mesmo assim, ainda, o célebre guia recebeu uma generosa ovação do grupo dos extraviados.

Ao término da excursão, no Mairink houve café com biscoitos e troca de saudações entre os presidentes Fernando Portela, do CEB, e Alvaro Varanda, do CEP, tendo o último apresentando aquele com lembranças da serra petropolitana.

Tomou parte também da concentração um grupo de alunos de Prof.^a Stela Arças, de Niterói, que muito apreciavam a atividade.

Promoções idênticas devem ser estimuladas mesmo entre clubes cariocas, para maior divulgação do esporte.

PROGRAMAS — Os CEBs farão realizar no fim desta semana as seguintes excursões:

Light — Recreativa à cidade Marquês de Valença a escalada à Pedra Maria Compeida. Guias: Adolfo e Taryl.

Guanabara — Caminhada à Pedra Branca e Escalada da Agulha do Inhangá. Guias: Manuel Armando e Guilherme Tell.

uma firme colaboração com o apoio de V.S. e dos seus companheiros, cuja atenção para nova lei solicito agora."

PETROPOLITANO EM CONQUISTAS — No dia 7 de setembro, Paulo Lúcio Loureiro e Sebastião Martins, do CEP Petropolitano, conquistaram o Paredão "Bealick", no Morro Meu Castelo, no flanco que olha para a baixada. O paredão mede cerca de 250 metros, sendo parcialmente facilitado pelo aclave suave, tendo somente fixado um grampo. A escalada é de 1.^o grau, e a caminhada sempre de cerca de 3 horas.

Está o CEP em pleno "rush" de conquistas pois tem seus grupos de pioneiros investindo na Chamimé Ladislau Carneiro e no Paredão 15 de Maio, o que proporcionará novos atrativos aos aficionados do esporte diferente.

DAQUI E DALI — Pleno êxito obteve as últimas apresentações de "slides" no CE Guanabara. Rosa e Manuel exibiram dispositivos tirados em viagem à países da América do Sul e escalada do Paredão 15 de Novembro, na Pedra Aguda. *** De malas prontas para a Europa e Raquel Mendonça, associada do mesmo clube. *** A presidente Simone, do CE Carioca, já esta quase restabelecida, porém, continua licenciada. O mesmo acontece com a diretora técnica Glomira que se acha em Idoras. Interimemente ocupam aqueles postos o veterano Georg Whitt e guia Carlos Alberto. *** O Corpo de Adestramento de Guias do

Rio de Janeiro — Escaladas do Dedo de Deus e Terceiro Dedinho, na Serra dos Órgãos e Chamimé Stop, no Pão de Açúcar. Guias: Cláudio, Carrozzino, Jair e Sílvio Rêgo.

Carioca — Escaladas do Paredão CEPI, no Pão de Açúcar e Chamimé Ungar, na Pedra da Gávea. Guias: Mário, Carlos Alberto e Schuster.

Petropolitano — Caminhada pesada no Morro do Taquaril. Guia: Reinhold Haack.

Brasileiro — Escaladas do Dedo de Deus (Face Leste) e Cabeça de Pelco. Guias: Decker, Vargas e Pitauaga; Recreativa à Aldeia (Arcozeiro) e cultural ao Museu Castro Maia. Guias: Ivo e Afrill.

CONSERVAÇÃO DA NATUREZA — Haverá na próxima quinta-feira, dia 15, às 19 horas, na sede do CE Bra-

CE Light, acaba de reconquistar o Paredão da Pedra de Inhangá. *** E pretende em meados de outubro "recuperar" a Pedra de Congonhas. *** Foi perdido um "oiito" de escalada no início da Chamimé Stop. Pedese a quem achá-lo deixar na sede do CE Brasileiro, com o Sr. Pestana, para Carlos Alberto que agradece.

CABEÇA DO INDIÓ INTERDITADA — O Departamento de Montanhismo do CE Brasileiro, atendendo as precárias condições desta escalada do Pico do Corcovado, houve por bem interdi-la. Serão tomadas providências para regularização da mesma.

CORRESPONDÊNCIA — A. Ivo Pereira e A. Fabbri — Rua Senador Dantas, 118, sala 411 — Rio — GB.

Após a despedida de Idalício do jornal, assumiram a seção, entre 1964 e 1967, Antônio Ivo Pereira e Amélio Fabbri. Em 1967, Fabbri deixou a seção, permanecendo apenas Ivo. De forma não muito distinta do que faziam Idalício e Manes Bandeira, Ivo e Fabbri dedicavam diversos textos para fazer propaganda do excursionismo e da natureza brasileira. Para tanto, publicavam textos próprios ou recebiam textos de terceiros, de diferentes clubes excursionistas do Rio de Janeiro ou de outras localidades.

A seção *Montanhismo*, portanto, deve ser entendida como um espaço no qual a atividade excursionista poderia ser descrita em suas mais diversas formas. Se, a princípio, é um local de propaganda da atividade, ela é também um espaço onde se descreve o excursionista ideal, a relação com a natureza e as negociações com outras entidades civis e, principalmente, com o poder público. Por esta razão, o presente capítulo trata de assuntos que estão bastante relacionados. O primeiro é o fortalecimento da ética excursionista, seja como prática, seja como apresentação de um modelo de conduta na natureza. O segundo é a interiorização da conservação da natureza, como forma de relação com o mundo natural, no âmbito da ética excursionista, nos estatutos e boletins. O terceiro é uma reflexão sobre o conflito entre excursionistas e o PNSO, no que diz respeito ao acesso àquele espaço público, expresso na seção *Montanhismo*, cujos textos remetiam à ética excursionista e aos vínculos com os conservacionistas, como forma de cobrar soluções do governo para o funcionamento do parque e como defesa do excursionismo organizado em relação às declarações das autoridades públicas.

3.1.1. O verdadeiro excursionista: ética e natureza.

Desde a década de 1940, após a fundação do C.E. Rio de Janeiro, os clubes excursionistas passaram a se dedicar institucionalmente à formação dos seus sócios. A primeira escola de guias foi, justamente, a do C.E. Rio de Janeiro (à época Clube Brasileiro de Excursionismo), fundada em 1939. O C.E. Brasileiro fundou a sua três anos depois, em 1944. A princípio, as formações eram dedicadas aos guias, sendo bastante abrangentes. Em sua pesquisa, Lucena elenca as disciplinas das matérias estudadas pelos guias:

(...) corografia do Brasil; topografia elementar; noções de história natural; primeiros socorros e higiene na excursão; preparativos técnicos para organização de excursões de qualquer tipo; sinalização Morse – visual e acústica; cordas e nós; técnicas de escalada; acampamentos; noções de condução animal e motorizada; técnicas de navegação; observação, anotação

e relatórios; noções de arte fotográfica e cinematográfica; histórias e curiosidades das regiões; ética excursionista.²³³

Ao longo dos anos, no entanto, a formação variava. Em um relatório da direção, de 1961, escrito por Jessé Ferreira, que decidiu pela suspensão dos cursos naquele ano, há farto material sobre o que foi ensinado na Escola de Guias do C.E. Brasileiro, entre 1950 e 1960. Além dos conhecimentos considerados mais técnicos, de atendimento de urgência e cuidado com cobras, durante todo este período o C.E. Brasileiro ensinava Legislação Florestal. A partir de 1954, passou a oferecer a matéria “Excursionismo e Ética Excursionista”. Nos anos seguintes, ela chegou a mudar de nome ou a ser agrupada com outros conhecimentos, como “Ética excursionista e organização e realização de excursões”, em 1956, e Ética e Noções de Liderança, em 1960.²³⁴

Apesar de temas ambientais estarem presentes, seja no conhecimento científico necessário para uma excursão, como o estudo de geografia física ou de história natural, percebe-se como foco de ação pela proteção da natureza o estudo da Legislação Florestal, para o reconhecimento de crimes ambientais e, progressivamente, de Ética Excursionista. A palavra Ética funcionava como um termo guarda-chuva, um conceito que abrangia princípios de comportamento e condutas a serem seguidas pelos excursionistas. Ou seja, a ideia de ética passou a representar princípios de ação e condutas prescritas de forma oral ou escrita ao longo do tempo. A partir do final da década de 1950, aumentam as referências à ética excursionista, assim como o nível de descrição dos comportamentos modelares a serem praticados.

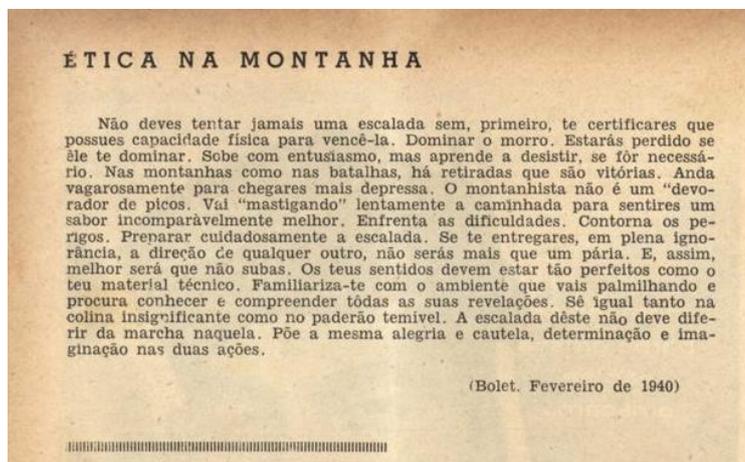
Um exemplo do fortalecimento do termo ética é a republicação de um texto do ano de 1940 em um boletim de 1962. Nele, alguns atributos eram associados à conduta excursionista. Entre eles estão: a cooperação, a convivência harmônica, a disciplina, a deferência cívica à natureza e a admiração por ela. A cooperação, bastante citada em diferentes contextos, representava tanto a cooperação entre os participantes de uma excursão quanto com as autoridades competentes, reforçando a ideia de “utilidade pública”. A não-competição, geralmente aparece em contraponto a outros esportes e dialoga diretamente com a característica amadora do excursionismo, evocando, inclusive, um caráter de superioridade sobre outras atividades físicas. A disciplina é costumeiramente relacionada ao respeito ao estatuto dos

²³³ LUCENA, *História do Montanhismo no Rio de Janeiro...* p .160.

²³⁴ CENTRO DOS EXCURSIONISTAS. Relatório de 10 de janeiro de 1961. Rio de Janeiro, 1961, 6 p.

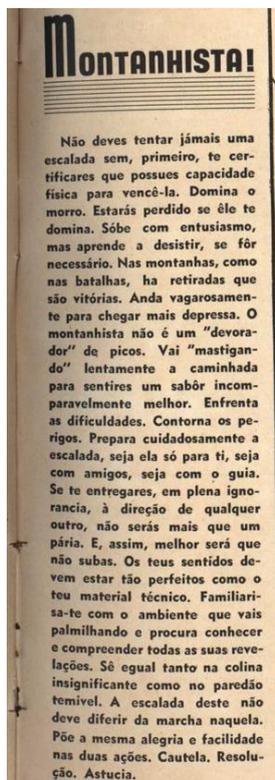
clubes, as suas regras, a seguir as ordens do guia e ao respeito pelas leis. Isto aproximava o excursionista a uma cidadania modelar.²³⁵

Figura 18 – Ética na Montanha.



Fonte: ÉTICA NA MONTANHA. *Boletim do Centro dos Excursionistas*. Centro dos Excursionistas, Rio de Janeiro, abr, 1962, p. 18.

Figura 19 – Montanhista!



Fonte: MONTANHISTA! *Boletim do Centro Excursionista Brasileiro*. Centro Excursionista Brasileiro, Rio de Janeiro, fev, 1940, p.9

²³⁵ MONTANHISTA! *Boletim do Centro Excursionista Brasileiro*. Centro Excursionista Brasileiro, Rio de Janeiro, fev, 1940, p.9; ÉTICA NA MONTANHA. *Boletim do Centro dos Excursionistas*. Centro dos Excursionistas, Rio de Janeiro, abr, 1962, p. 18.

Como se pode ver, o texto de 1940, chamado “Montanhista!”, que propõe um *ethos* para a prática esportiva, foi renomeado, em 1962, quando Antônio Ivo Pereira era presidente do C.E. Brasileiro, como “Ética na Montanha”.

Uma das primeiras definições mais completas sobre a ideia de Ética Excursionista, no boletim do C.E. Brasileiro, surgiu no texto *Excursionismo e Ética*, de Odette Toledo, no ano de 1958. Chama a atenção o fato de Toledo apresentar a prática excursionista como uma atividade que não é apenas recreativa, mas “um fator de educação” física e moral.²³⁶ O primeiro contribui para “a coordenação cinética, a flexibilidade muscular, o ativamento das funções orgânicas e consequente restauração das energias vitais”. Aqui é importante diferenciar o texto de Toledo daqueles apregoados nas décadas de 1930 e de 1940, que salientavam a superioridade do excursionismo como atividade de “melhoramento da raça”. No caso de Toledo, os argumentos se voltam mais para o desenvolvimento físico individual e a preservação da saúde do corpo a partir de uma vida balanceada.

O se referir ao aspecto moral, Toledo coloca o esporte como “uma verdadeira escola de disciplina e dignidade”, cujo “primeiro mandamento” é o respeito à natureza, não se admitindo “(...) a colheita indiscriminada nem a poluição, nem o conspurcamento dos locais palmilhados”.²³⁷ A ética partia do pressuposto de respeito à natureza como um todo, incluindo plantas, animais e pedras, mas com maior destaque para os seres humanos. Para Toledo, a prática do excursionismo, norteadas por esta ética, leva a renunciar a atitudes vulgares e ao aprimoramento das “qualidades mais nobres”. O excursionista transcenderia o “simples terreno material para outro plano realmente mais alto – o das regiões do espírito”.²³⁸

O excursionista, portanto, é aquele que “tem o dever de conduzir-se exemplarmente, poupando a natureza e auxiliando os companheiros”. Toledo finaliza o texto ressaltando a função da natureza e dos grupos excursionistas como escolas de vida:

A lição da montanha é permanente e incontrastável. Ouçamo-la todos nós com a reverência e o reconhecimento de nossa simples condição humana, de nossa humílima situação de viandante em presença da majestade granítica, da altaneria da serra, da vastidão do mar...²³⁹

²³⁶ TOLEDO, Odette. *Excursionismo e Ética*. *Boletim do Centro dos Excursionistas*. Centro dos Excursionistas, nov/dez, 1958. p. 8.

²³⁷ *Idem*.

²³⁸ *Idem*.

²³⁹ *Idem*.

Esta passagem, na qual se reconhece a “simples condição humana” e a reverência à montanha, chama a atenção por se aproximar da noção de *Ehrfurcht*, de Albert Schweitzer, cuja tradução mais comum é “reverência pela vida”. De acordo com Nash, a conotação do seu uso vai ao encontro da “reverência humilde em face de um poder vasto e misterioso”. Nash ainda afirma que a “preservação, promoção e o melhoramento da vida em geral se tornaram a âncora da ética de Schweitzer”.²⁴⁰ Esta percepção mais transcendentalista, que encontra eco tanto em Schweitzer quanto em Henry S. Salt e Henry David Thoreau, está presente no texto de Toledo.

Outro elemento que se encontra no texto de Toledo é o não reconhecimento do excursionista que pratica a atividade sem seguir as regras éticas. Para ela, “um excursionista sem ética não será, em verdade, excursionista; apenas estará excursionando...”.²⁴¹ O desrespeito aos princípios e condutas com relação à natureza desqualificam aquele que excursiona, propondo-se, portanto, uma separação entre aqueles que excursionam e os excursionistas.

Esta separação estabelecida por Toledo, mas que provavelmente emerge de ideias dos excursionistas sobre os próprios praticantes, torna-se mais enfática em um texto publicado por Ivo em 1963, quando era presidente do C.E. Brasileiro. Dedicada ao excursionista iniciante, a publicação foi realizada em três números consecutivos do boletim, maio/junho, julho/agosto e setembro/outubro. O texto reúne, de forma didática, a ideia de uma ética composta por princípios norteadores e por condutas pormenorizadamente esperadas. Embora a ética esportiva em atividades amadoras seja descrita como algo não-escrito e socialmente sancionado, como afirma Donnelly, além destas, o excursionismo, naquele momento, era uma atividade que tinha códigos escritos e uma estrutura de transmissão de conhecimentos bastante consolidada, ao menos nos maiores clubes.²⁴²

No boletim de maio/junho, Ivo buscou delinear a sua ideia de ética e os “procedimentos” de conduta. Para ele, ética é uma “doutrina racionalmente elaborada e sistematizada sobre os princípios práticos da vida sobre o BEM e o MAL, [que] tem suas raízes na Consciência e na Educação”. Sendo a consciência o “sentimento ou percepção do que se passa em nós, aprovando ou reprovando os nossos atos, é, por excelência, a máxima orientadora das atitudes humanas”. E a educação era “aquele conjunto de processos adaptados pela sociedade para realizar no

²⁴⁰ NASH, Roderick Frazier. *The Rights of Nature: A History of Environmental Ethics*. Madison: University of Wisconsin Press, 1989, p. 60.

²⁴¹ TOLEDO, Excursionismo e Ética..., p.8.

²⁴² DONNELLY, Peter. Take my word for it: Trust in the context of birding and mountaineering. *Qualitative Sociology*, v. 17, n. 3, p. 215–241, 1994.

indivíduo os ideais do bom viver em comum constitui um poderoso baluarte da conduta do homem”.²⁴³

Não menos importante, são as bases para os referidos “ideais do bom viver” e os “preceitos basilares” desta ética. Os ideais são:

“a) cumprimento dos deveres da educação normal; b) condições para o indivíduo conviver em ambiente de compreensão, cordialidade, disciplina e simpatia; c) proteção e aprimoramento moral do próprio excursionista; d) preservação do bom nome do Excursionismo.

Assim como os seus “preceitos basilares”:

“FAZEI O BEM E NÃO O MAL”

“NÃO FAÇA AOS OUTROS O QUE NÃO QUERES QUE TE FAÇAM”

“O DIREITO DE CADA UM TERMINA ONDE COMEÇA O DO PRÓXIMO”

“AMAI-VOS UNS AOS OUTROS”.²⁴⁴

Ao longo do texto, Ivo dividiu os procedimentos necessários para cumprir esses princípios em quatro partes. O primeiro é o *procedimento individual*, que está baseado na tripé da *suficiência*. O excursionista deve ter *suficiência física*, ou seja, deve estar preparado fisicamente, e em condições de realizar a atividade proposta. Não basta estar bem de saúde, é necessário ter a capacidade física e técnica para a sua realização. Ele deve ter a *suficiência moral*, que “apoia-se nas qualidades inerentes ao bom cidadão e ao bom esportista e no preparo psicológico”. Além disso, são elencadas uma série de qualidades desejáveis, como “Alegria, Serenidade, Prudência, Boa Vontade, Persistência, Lealdade, Altruísmo, Iniciativa, Decisão, Simpatia, Civismo, Adaptação, Engenho, Senso de Responsabilidade, Entusiasmo, Coragem, Cooperação, Camaradagem, Gratidão e Cortesia”.²⁴⁵ Por último, há a *suficiência material*, na qual o excursionista deve se encarregar de possuir todo material individual necessário à excursão. Seja material técnico adequado, itens de vestuário e comida. Para isso, é necessário realizar o planejamento para cada excursão, de modo a não se depender do próximo, ou se

²⁴³ PEREIRA, Antônio Ivo. Ética e Iniciação Excursionistas. *Boletim do Centro Excursionista Brasileiro*. Centro Excursionista Brasileiro, mai/jun, 1963, p. 7.

²⁴⁴ *Idem*.

²⁴⁵ *Idem*.

abusar do altruísmo dos companheiros, que, na falta de algo, irão se prontificar a suprir a falta.²⁴⁶

O segundo passo é o *procedimento geral do bom excursionista*, que se divide em 5 partes: i) a cortesia, que se pauta no trato com os companheiros, na moderação do tratamento com o outro; ii) o decoro, no qual se atenta, por exemplo, à linguagem e à forma de se vestir; iii) a disciplina, que diz respeito aos regulamentos impostos, como Regimentos dos Parques Nacionais, Estatutos dos Clubes e manutenção da boa ordem nos locais frequentados; iv) ajuda material e moral, que é a ajuda na concretização do objetivo, seja colaborando na distribuição justa dos trabalhos nas excursões, do transporte de materiais, pelo altruísmo quando algo falta ao companheiro ou buscando ajudar com uma palavra de incentivo o montanhista temeroso; e por último, v) o respeito ao alheio, que aqui compilo:

O respeito ao alheio impede a execução de atos que possam causar danos ao alheio, seja nos bens públicos e propriedades de outrem, seja às pessoas, aos direitos, sossego, higiene, costumes e tradições dos locais visitados. Todos os lugares e coisas serão deixados nas mesmas condições em que foram encontrados, e que não haja hesitação quando se puder melhorá-los.²⁴⁷

Assim como a disciplina, que fala sobre o respeito aos códigos, o respeito ao alheio também pode ser compreendido como o respeito ao patrimônio público, no qual os Parques Nacionais e a natureza de áreas públicas ou privadas se incluem.

O terceiro passo é o *procedimento em particular para com o guia*. Ivo escreve que “deveremos ao guia: **OBEDECER, PRESTIGIAR, SUGERIR, COOPERAR E NÃO PERTURBAR**. E uma frasesinha de advertência: NÃO ESPERE QUE O GUIA, NO OUTRO EXTREMO DA CORDA, SEJA O ‘GUINDASTE INTEIRO’! FAÇA A SUA ‘FORCINHA’ TAMBÉM!...”.²⁴⁸ Aos participantes que também fossem guias, recomendava-se que não interferissem se não fosse solicitado, para não “roubar” a excursão do colega. Em troca, o guia também deveria se orientar por algumas qualidades: senso de responsabilidade, técnica adequada, previdência, informação, prudência, equanimidade, determinação, tenacidade, energia, compreensão, simpatia e humanidade. Ele devia se comportar não como um “Comandante de Batalhão”, mas como um “Companheiro-Chefe”, devia cultivar relações públicas com outros grupos que se encontrem nos mesmos locais e abrigos. A temperança do

²⁴⁶ *Ibid*, p.12.

²⁴⁷ PEREIRA, Antônio Ivo. Ética e Iniciação Excursionistas. *Boletim do Centro Excursionista Brasileiro*. Centro Excursionista Brasileiro, jul/ago, 1963, p. 7.

²⁴⁸ *Idem*.

guia encontra diversos paralelos com os ideais do amadorismo, um código de conduta entre “cavalheiros”.²⁴⁹

Na última parte do texto, publicada em setembro/outubro, Ivo traz o *procedimento em particular para com a Natureza*. Em suas palavras:

Respeitai a Árvore! Protegei-a! Tudo fazei por ela! Não cortar o mato sem ser absolutamente necessário! Cuidado com o Fogo! Reflorestai sempre que puderdes! Protegei a fauna, os mananciais, as grutas e demais monumentos geológicos! e os sons da floresta?

De fato. Esta maravilha da eletrônica, tornando os rádios extremamente portáteis, já é uma obsessão para muitos, e, pouco a pouco, vai se assenhoreando das hostes excursionistas! Vamos restringir o uso dos transistores?²⁵⁰

Entre aquilo que deve ser protegido estão: a) a árvore, símbolo do culto à natureza como culto da pátria, b) a natureza como recurso natural, que deve ser submetida ao uso racional, c) a proteção aos monumentos geológicos, à fauna, às grutas e sons da floresta, que se aproximam mais aos atributos estéticos, aproximando-se também da ideia de transcendência.

Aqui é interessante salientar que o cumprimento dos preceitos da ética adquire um significado duplo. O primeiro é entendê-la como um processo educativo, promovido pelos clubes e entidades representativas, por meio de publicações próprias e dos jornais de grande circulação. O segundo é o reconhecimento do “verdadeiro excursionista” como praticante dessa ética. Os *procedimentos* defendidos por Ivo, embora não colocassem em primeiro plano a relação com a natureza, como em Toledo, consideravam-na em diferentes aspectos, pois o excursionista aparecia como protetor da floresta ou mantenedor da experiência estética, devia respeitar os locais visitados e ser disciplinado diante dos códigos dos clubes e das unidades de conservação.

O que torna as ideias de Ivo relevantes neste contexto não é apenas a trajetória dele dentro do C.E. Brasileiro, onde teve grande influência sobre a publicação dos boletins até o início da década de 1980. Como diretor da seção *Montanhismo*, ele foi capaz de, de diferentes

²⁴⁹ HOLT, The Amateur Body and the Middle-class Man...

²⁵⁰ PEREIRA, Antônio Ivo. Ética e Iniciação Excursionistas. *Boletim do Centro Excursionista Brasileiro*. Centro Excursionista Brasileiro, set/out, 1963, p. 7.

modos, enunciar suas ideias, ou mesmo as ideias de companheiros, legitimando-as nos debates públicos.

O texto de Ivo chegou a ser reproduzido em uma ocasião, em agosto de 1966, quando um leitor enviou um relato do comportamento de excursionistas a bordo de um vagão de trem no estado de São Paulo. Segundo o relato, os excursionistas contaram “piadas picantes e fora de propósito”, causando a indignação dos presentes.²⁵¹ Antes de dar início à transcrição das palavras da publicação de 1963, o leitor indignado afirmou:

O nosso amigo incorre no mesmo erro de muitos, infelizmente usual, de atribuir aos verdadeiros excursionistas tudo o que é praticado por estes fazedores de piqueniques, excursionistas improvisados, que em grupos, organizam seus fins de semana em bases de tipo carnavalesco, onde entram sempre a baderna e o álcool.

Quando estes “excursionistas” se alojam em um parque nacional, então, é de estarrecer: na sua passagem, vão semeando a sujeito, escrevendo em paredes e outras coisas mais, como a depredação da flora e da fauna.

Não: nunca incluía os verdadeiros EXCURSIONISTAS, filiados a clubes, com estes pobres ignorantes que procedem de acordo com a sua escuridão mental, e que infelizmente são “excursionistas”, porém improvisados.

Os verdadeiros excursionistas têm um passado pautado em rigoroso Código de ÉTICA a zelar e transmitir aos novos, razão por que são sempre solicitados por entidades as mais diversas, e por autoridades, para colaborarem em assuntos que exijam elementos de alto gabarito. Para esclarecimento, citamos o fato de que existem 80 guias pertencentes a todos os clubes do Rio, reconhecidos em convênio firmado, como colaboradores das autoridades na vigilância e defesa das matas e parques do Estado.²⁵²

Além do texto de Ivo, o texto de Toledo, de 1958, foi publicado dez anos depois. Outros textos também foram publicados. Ainda em 1968, publicou-se *O guia perante a ética*, estabelecendo que a conduta do “bom guia” devia ser de respeito com os seus companheiros e ao Código Florestal e de amor à natureza. Em 1970, Ivo publica um texto mais voltado ao conservacionismo como parte da ética excursionista, *O montanhista em face do conservacionismo*, que também foi escrito para o boletim do C.E. Brasileiro. Em maio de 1971, Ivo escreveu *Montanhista – Vigilante do Conservacionismo*, onde cita novamente a incorporação das ideias conservacionistas aos estatutos da Federação Carioca de Montanhismo

²⁵¹ MONTANHISMO. *O Globo*, 15 ago. 1968, Edição Esportiva, p. 4.

²⁵² *Idem*.

(FCM) e do C.E. Brasileiro.²⁵³ Percebe-se aqui a paulatina aproximação da ética excursionista para se pensar a relação com a natureza, assim como para defender os interesses excursionistas, como veremos mais adiante no embate com o administrador do PNSO, Elyowald Chagas. Antes disso, no entanto, é importante compreender a trajetória de Ivo.

3.1.2. Antônio Ivo Pereira

Chamo a atenção para o texto de Ivo uma vez que, a partir da década de 1960, ele se tornou um dos mais participativos membros dos quadros do C.E. Brasileiro. Foi aquele que mais recebeu homenagens do clube, em razão do tempo praticamente ininterrupto de sua participação. Nas homenagens, era descrito como um guia exemplar, não deixando de realizar excursões, de servir os seus companheiros ou de admirar e proteger a natureza.

Ivo entrou para o C.E. Brasileiro em 1929, tornando-se sócio benemérito menos de 10 anos depois, em 1936. Recebeu homenagens pelos 20 anos de clube, em 1949 (Figura 18), pelos 25, em 1954 e pelos 30 anos de excursões, em 1957 - considerando que havia começado a excursionar em 1927. Em 1977, voltou a ser homenageado por 50 anos de atividades praticamente ininterruptas. E uma das últimas homenagens foi realizada pela poeta Odette Toledo, no texto *O sentido de uma homenagem*, por seus 50 anos de C.E. Brasileiro, em 1979.

Por meio das homenagens foi possível traçar a sua trajetória dentro e fora do C.E. Brasileiro. Na de 1949, em homenagem escrita por Aroldo Moreira, são ressaltados os cargos que ocupara dentro do clube. Ivo se tornou guia em 1930, por sua frequência regular no clube. No mesmo ano, tornou-se parte da Comissão Técnica. Em 1931, passou a Diretor Técnico, onde ficou por quatro anos. Em 1936, vai para o setor de Propaganda e Publicidade. Em 1938, alcança o posto de Diretor Técnico Geral e a posição de Conselheiro Efetivo. Em 1941, tornou-se Secretário Administrativo.²⁵⁴

O texto de 1977, afirmava que ele era, naquele momento, o guia mais antigo em atividade no Brasil. Apresentava também uma extensão de sua biografia. Ivo fora um dos estruturadores da FCM, da qual foi presidente entre 1968 e 1970. Foi também o primeiro presidente da Federação de Montanhismo do Rio de Janeiro, sucessora da FCM. Era lembrado

²⁵³ MONTANHISMO. *O Globo*, 02 dez. 1968, Edição Esportiva, p. 4; MONTANHISMO. *O Globo*. 10 mai. 1971, Edição Esportiva, p. 9; MONTANHISMO. *O Globo*. 09 mar. 1970, Edição Esportiva, p. 8B; MONTANHISMO. *O Globo*, 29 abr. 1968, Edição Esportiva, p. 4.

²⁵⁴ MOREIRA, Aroldo. Antônio Ivo Pereira. *Boletim do Centro dos Excursionistas*. Centro dos Excursionistas, mar, 1949, nº 158, p. 3-4.

por seus lemas e objetivos – “Admiração e Proteção da Natureza”, “Levar muitos amigos a Conhecerem as Belezas do Nosso Torrão” e o “Inestimável Prazer de Servir” – e por ter se tornado Sócio Honorário do Clube Excursionista Rio de Janeiro, em razão de sua participação em ações em prol da proteção e conservação da natureza.²⁵⁵ Era frequentemente lembrado como Ivo Chuva, fenômeno climático persistentemente presente em suas excursões, e pelo brado “A montanha será nossa!”, que costumava animar os colegas nas atividades mais exigentes.

Além de ter exercido a presidência do C.E. Brasileiro no biênio 1962-1963, Ivo colaborou com o boletim em diversos momentos, seja com trabalho, seja por meio dos seus textos, e assumiu a sua coordenação de forma ininterrupta entre 1970 e 1978. Pode-se afirmar que teve influência sobre a regularidade do boletim nos períodos em que esteve na presidência e na coordenação do clube. Entre 1939 e 1955, o boletim se consolidou como uma publicação interna de regularidade, normalmente mensal. Entre 1955 e 1961, a regularidade flutuou, chegando o boletim a ter seu tamanho reduzido e se tornar um noticiário, sem a encadernação que recebera antes. Em 1962, Jayme Pitalunga Filho, afirma na edição janeiro/fevereiro que o boletim estava descontinuado e que foi retomado graças à gestão de Ivo. Entre 1964 e novembro/dezembro de 1970, a publicação ocorre de forma irregular, chegando a perder o seu formato entre 1967 e 1970, quando passa a ser mimeografado em folhas tamanho Ofício. Em novembro/dezembro de 1970, Ivo assume a coordenação do boletim e se mantém até o início de 1978, retomando o formato original da publicação e garantindo a sua regularidade. Entre 1978 e 1983, o boletim volta à irregularidade, sendo coordenado ora por ele, ora Odette Toledo, ora por Jayme Quartin Filho.

Ivo, em razão dos espaços de fala que tinha, dentro e fora dos veículos excursionistas, foi uma das vozes mais enfáticas na defesa e divulgação de uma ética excursionista. Ao defender a “utilidade pública” da atividade e a ideia de uma cidadania modelar oriunda do excursionismo, como uma forma de aprendizado para a vida, condenava os falsos excursionistas, destruidores das matas e do aparelho público, principalmente a partir de meados da década de 1960, quando se inicia um embate com o PNSO, que levou a diversas restrições de uso daquela unidade de conservação durante a gestão de Elyowald Chagas.

²⁵⁵ 50 ANOS DE MONTANHISMO. *Boletim do Centro Excursionista Brasileiro*. CEB, jan/fev, 1977, p. 7-8.

3.2. Instituições e a Conservação nos Estatutos

No início da década de 1960, com a saída de Secundo da presidência da UBE, a entidade não conseguiu seguir regularizada junto ao CND. Em agosto de 1962, os representantes de clubes excursionistas membros da UBE se reuniram na sede do C.E. Rio de Janeiro com o objetivo de, novamente, regularizar a entidade.²⁵⁶ Uma semana depois, junto ao CND, os clubes passaram a considerar a extinção da UBE, instituindo em seu lugar uma “Comissão Permanente de Excursionismo” para lidar com as questões que os envolviam. A Comissão garantiria a renovação dos alvarás de funcionamento dos clubes, necessários, à época, para que pudessem se enquadrar como associações esportivas. Caso contrário, os clubes teriam que se enquadrar como associações recreativas.²⁵⁷ A votação que extinguiu a UBE demorou a ocorrer. Em novembro de 1962, em assembleia-geral, decidiu-se pela sua extinção. O único voto contrário partiu do C.E. Petropolitano, de acordo com a seção de Idalício. O CND foi notificado sobre a extinção e, também, sobre a formação da Comissão Permanente.²⁵⁸

Embora a decisão pela extinção tenha sido quase unânime, havia a ideia da substituição do modelo representativo da UBE pelo modelo federativo. Nesta proposta, a UBE seria substituída por uma Federação Carioca de Excursionismo, a qual todos os clubes do país poderiam se filiar. A partir do surgimento de federações em outros estados, seria fundada a Confederação Brasileira de Excursionismo. A proposta chegou perto de se tornar realidade em razão da realização do I Congresso Brasileiro de Excursionismo, que ocorreu em 1965, na cidade de Alegre – ES. O ânimo partiu do apoio oferecido pelo Estado da Guanabara, quando o governador Carlos Lacerda ofereceu incluir o Congresso nas comemorações do IV Centenário da Cidade. A fundação de uma federação serviria para dar mais institucionalidade ao congresso excursionista.²⁵⁹

Ao longo da década de 1960, o excursionismo passou a institucionalizar a conservação da natureza como parte de sua ética. Na pesquisa, não foi possível encontrar os estatutos da UBE, embora se saiba que a sua última atualização ocorreu no ano de 1959. Apesar do ensino da disciplina de Ética Excursionista estar consolidada na década de 1950, o ensino da conservação da natureza e a sua presença nos estatutos dos clubes se consolidaram principalmente em meados da década de 1960. Em 1968, a instituição da Federação Carioca de

²⁵⁶ MONTANHISMO. *O Globo*, 28 ago. 1962, Edição Matutina, p. 14.

²⁵⁷ MONTANHISMO. *O Globo*, 04 set. 1962, Edição Matutina, p. 16.

²⁵⁸ MONTANHISMO. *O Globo*, 20 nov. 1962, Edição Matutina, p. 16.

²⁵⁹ MONTANHISMO. *O Globo*, 21 mai. 1963, Edição Matutina, p. 12.

Montanhismo estabeleceu a conservação como uma prática a ser seguida pela coletividade de associações excursionistas.

Não obstante, nos clubes de excursionistas ocorreram mudanças internas, incorporando a conservação em seus boletins, estatutos e cursos de formação de montanhistas e guias na década de 1960. Durante a década de 1950 as formações relacionadas com os assuntos da proteção da natureza geralmente estavam dentro das matérias de Legislação Florestal e Ética Excursionista. O C.E. Pico do Itatiaia, por exemplo, incorporou ao seu “curso de adestramento”, oferecido em 1964, a disciplina de Conservação da Natureza.²⁶⁰ Em 1965, o C.E. Brasileiro tinha em seu estatuto a Conservação da Natureza.²⁶¹ O C.E. Light, de Manes Bandeira, chegou a anunciar a aprovação de um plano de cooperação com o CPFCN e a Reserva Biológica de Jacarepaguá. Não pude esclarecer, no entanto, os termos dessa cooperação, mas a notícia ressalta a utilidade “à coletividade”.²⁶²

Nesse sentido, o primeiro estatuto da FCM parece ter sido o primeiro de uma entidade excursionista que apresentou a conservação como finalidade. Ivo, naquele momento diretor da seção *Montanhismo* e presidente da FCM publicou o trecho referente a esta parte na seção. A alínea *d* trazia como uma das finalidades da FCM “promover o conhecimento e a observância dos princípios da conservação do solo, da flora, da fauna e em geral da natureza”.²⁶³ A alínea constava do documento ratificado em 29 de junho de 1968, quando a FCM foi fundada. A incorporação, no entanto, foi parte de ações que já estavam sendo desenvolvidas naquele momento.

3.2.1. Conservacionistas e Excursionistas: os caminhos da parceria

Se desde a fundação da FBCN a maior parte da cooperação entre conservacionistas e excursionistas se deu por meio de instituições de Estado, como o CPFCN, após o Curso de Conservacionismo, do início de 1964, a cooperação deu sinais de que prosseguiria desta maneira. O CPFCN, com o objetivo de disseminar o conhecimento sobre a natureza, enviava

²⁶⁰ O curso de adestramento contava com as seguintes disciplinas: Ética Excursionista, Liderança, Topografia, Primeiros Socorros, Técnica de Escaladas, Legislação Florestal, Conservação da Natureza e História do Excursionismo, além de treinamento prático de montanha. MONTANHISMO. O Globo, 23 mar. 1964, Edição Esportiva, p. 4.

²⁶¹ ESTATUTO. CEB, Rio de Janeiro, 1965, p8.

²⁶² MONTANHISMO. O Globo, 30 ago. 1965, Edição Esportiva, p. 6.

²⁶³ MONTANHISMO. O Globo, 19 ago. 1968, Edição Esportiva, p. 4; Pensava-se em uma instituição federativa pelo menos desde o início da década de 1960, ao final do mandato de Secundo da Costa Netto. Seria a Federação Carioca de Excursionismo – FCE. MONTANHISMO. O Globo, 24 out. 1961, p. 12.

suas publicações aos clubes, como o livro Flores da Restinga, e os clubes se esforçavam para retomar as ações como guardas-florestais honorários. No entanto, após a finalização do curso, foram muitos os cursistas que deixaram de receber as carteirinhas de identificação como agente do Estado.²⁶⁴ Apesar de cooperações pontuais, como entre o C.E. Light e a CPFCN em ações de reflorestamento e de combate ao desmatamento, foi apenas a partir de 1966, com a atividade mais aguda e organizada da FBCN que os grupos se engajaram em uma prolífica cooperação.

Como afirma Franco, a partir de 1966, ano em que José Cândido de Melo Carvalho foi eleito para a presidência, tendo Alceu Magnanini como diretor executivo e Carlos Manes Bandeira como Secretário-Geral, que se iniciou uma nova fase da FBCN.²⁶⁵ De acordo com Magnanini, foi naquele ano que a FBCN começou a desenvolver projetos e a publicar o seu boletim. O próprio Magnanini escreveu artigos sobre conservação do solo, das águas e da floresta, buscando estimular a circulação de ideias e informações sobre o conservacionismo.²⁶⁶

Foi, também, a partir deste período, que a seção *Montanhismo* passou a acompanhar de perto os conservacionistas. A participação dos dirigentes conservacionistas e dos que eram mais conhecidos pelo público excursionista, como Magnanini, Harold Strang, Carvalho e Wandervilt passou a ser frequente nas páginas da coluna. Ganhavam destaque viagens internacionais para estudos ou participação em congressos, divulgação de textos excursionistas e, principalmente, ações comuns para a conservação da natureza.

Dentre os eventos, *Montanhismo* anunciou uma viagem de Strang e Magnanini aos Estados Unidos da América, entre outubro e dezembro de 1965. Nela, a seção afirmou que eles se dedicariam “a estudos das organizações de parques florestais e conservação da natureza²⁶⁷. Foi informado também o seu retorno, em dezembro, referindo-se a ambos como “os velhos amigos dos montanhistas”. A seção também noticiou a participação da FBCN na 2ª Mesa Latino-Americana de Informação sobre a Conservação da Natureza em 1967, na Assembleia Latino-Americana de Conservação da Natureza de 1968, a missão de José Cândido de Carvalho da UNESCO na Europa em 1968, e a representação de Harold Strang na Assembleia Geral da IUCN na Índia em 1970.

²⁶⁴ MONTANHISMO. O Globo, 24 ago. 1964, Edição Esportiva, p. 4 e 9.

²⁶⁵ FRANCO, A Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza... p. 173-174; MAGNANINI, Alceu. Conceitos de Conservação. Boletim Informativo. Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza, nº1, 1966, p. 13-22.

²⁶⁶ URBAN, Teresa. Saudade do Matão: Relembrando a História do Conservacionismo no Brasil. Curitiba: UFPR/Fundação O Boticário/Fundação MacArthur, 1998, p. 122-130.

²⁶⁷ MONTANHISMO. O Globo, 11 out. 1965, Edição Esportiva, p. 4.

Algumas nuances da trajetória institucional eram anunciadas, principalmente quando se referiam a postos de interesse do excursionismo. Em 1966, foi noticiada a alocação de Strang e Magnanini em uma comissão do Ministério da Agricultura encarregada “de reestruturar os parques nacionais em bases modernas”²⁶⁸. Em 1968, quando Magnanini se tornou diretor do Departamento de Pesquisa e Conservação da Natureza do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), sua posse foi anunciada e comemorada na seção.

Do mesmo modo, era comum noticiar a nomeação de excursionistas para posições de destaque na FBCN. A que teve mais impacto foi a de Manes Bandeira, justamente em 1966. É possível que a presença de Manes Bandeira tenha ajudado na repercussão das notícias da FBCN, que se tornaram mais constantes a partir daquele ano. E, certamente, teve influência na cooperação realizada entre os grupos. Em junho de 1966, a seção *Montanhismo* repercute um anúncio do próprio Manes Bandeira, no qual anuncia a “importância dos excursionistas na difusão educativa” e que “os clubes serão convocados a participar nesta campanha de alto interesse nacional”.²⁶⁹

De acordo com a seção, os excursionistas foram convidados a ingressar na FBCN sem qualquer oneração de mensalidades ou taxas, buscando pessoas para “trabalhar pelo Brasil”. Embora, seja importante ressaltar que em 1966 a FBCN não cobrava anuidades. O primeiro boletim tornava claro que a preocupação da nova diretoria era ampliar o quadro social, “com a inscrição do maior número de pessoas interessadas possível”. Buscavam a participação e a contribuição voluntárias dos seus membros.²⁷⁰ Além disso, o convite oferecia aos excursionistas uma possibilidade de colaborar em algo próximo à realidade e às práticas dos clubes, o replantio de áreas desmatadas em espaços urbanizados e nas imediações do Rio de Janeiro. De acordo com o texto seria “atacada de imediato a solução do problema paisagístico do Rio, com o replantio de áreas desmatadas, na serra da Carioca e outras.”²⁷¹

Ainda em 1966, as publicações da FBCN davam atenção à importância da recreação e à necessidade de contato com a natureza em uma sociedade cada vez mais urbanizada. Em uma de suas primeiras contribuições, Alceu Magnanini aborda os *Conceitos de Conservação*. Após fazer um levantamento da ideia de conservação, ele “sugere para meditação” alguns tópicos.

²⁶⁸ MONTANHISMO. *O Globo*, 07 mar. 1966, Edição Esportiva, p. 4.

²⁶⁹ MONTANHISMO. *O Globo*, 13 jun. 1966, Edição Esportiva, p. 4.

²⁷⁰ RESOLUÇÕES. *Boletim Informativo*. Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza, nº1, 1966, p. 11.

²⁷¹ MONTANHISMO. *O Globo*, 13 jun. 1966, Edição Esportiva, p. 4.

Entre eles estão: conservação dos solos, conservação das águas, conservação de plantas, conservação da vida selvagem, conservação da paisagem e conservação dos recursos humanos. A conservação da paisagem aponta para algo caro aos excursionistas, os “recursos cênicos e recreacionais”. Cabe a descrição:

Nossos recursos cênicos e recreacionais consistem nos elementos cênicos naturais tais como a terra e o céu, bem como nos elementos feitos pelo Homem os quais podem ser associados harmonicamente na área a céu aberto.

Hoje em dia a população tem mais tempo livre do que nunca. Há uma grande necessidade de fazer uso mais efetivo das horas de lazer. Com o aumento demográfico e a conseqüente pressão do trabalho, muitas pessoas estão redescobrando as maravilhas da vida ao ar livre.

(...)

O aproveitamento dos recursos cênicos é universal. O uso racional requer a cooperação de todos.

A conservação dos recursos cênicos depende dos bons hábitos e maneiras. A eliminação do vandalismo e da desordem é de grande importância.

Considerável prazer pode ser assegurado pelos recursos cênicos em nossos estados e País. Todo cidadão deve tomar uma inteligente decisão a este respeito.²⁷²

O acordo firmado com os excursionistas, portanto, parece ter sido concebido a partir da busca pela ampliação de participantes na FBCN e da compreensão dos recursos naturais como recursos cênicos e educativos. Além dos excursionistas, cuja documentação aponta mais para um “contrato de cavalheiros”, menos institucionalizado, a FBCN chegou a estabelecer o seu Departamento de Escotismo junto à União dos Escoteiros do Brasil, buscando integrar as “atividades do Escotismo com a do Conservacionismo”.²⁷³ Cabe destacar que entre os objetivos estava:

Motivar a juventude através do escotismo para a causa do conservacionismo por meio de atividades adaptadas aos diversos ramos e modalidades. Tais atividades serão baseadas no escotismo mateiro, expedições para exploração, projetos de proteção e aproveitamento de parques nacionais e reservas, busca e proteção de bens do patrimônio histórico em locais que proporcionem atividades afins.²⁷⁴

²⁷² MAGNANINI, Conceitos de Conservação..., p. 20.

²⁷³ DEPARTAMENTO DE ESCOTISMO. *Boletim Informativo*. Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza, n.4, 1969, p. 13.

²⁷⁴ Idem.

Mais adiante neste número do boletim, ressaltava-se que os escoteiros estavam servindo no Parque Nacional da Tijuca, onde realizavam os seguintes trabalhos:

- 1) CARTA GERAL TOPOGRÁFICA COM OS SEGUINTE COMPLEMENTOS:
 - a. Levantamento de cobertura vegetal e estudo comparativo com levantamentos anteriores para determinação de onde, como e por que se processam derrubadas.
 - b. Busca e preservação de ruínas, caminhos e marcos coloniais para o PATRIMÔNIO HISTÓRICO.
- 2) Localização cartográfica de grutas e abrigos naturais, com estudos a cargo do Sr. Carlos Manes Bandeira.²⁷⁵

Manes Bandeira desenvolvia diversas atividades. Atuava no C.E. Light, na organização do escotismo e junto ao Instituto de Arqueologia Brasileira. Embora nesta pesquisa eu não tenha me deparado com fontes mais específicas sobre ele, é possível levantar a hipótese de que Bandeira tenha tido grande influência sobre os acordos selados com excursionistas e escoteiros.

O acordo se desenrolou em setembro, quando os dirigentes dos clubes excursionistas e a direção eleita da FBCN se reuniram para “debaterem assuntos de interesse recíproco”²⁷⁶. Na reunião, que ocorreu na sede do C.E. Brasileiro, discutiu-se um plano para que os excursionistas pudessem exercer papel de “vigilância das florestas, da fauna e mananciais do Estado”²⁷⁷. Em um encontro posterior, ainda em setembro, a seção noticiou a ideia da formação dos “Núcleos Excursionistas para a Conservação da Natureza”, ligados diretamente à FBCN.²⁷⁸

O acordo rendeu um texto na seção, referindo-se à criação da FBCN, em 1958, a seus ideais e à busca de construção de uma política em prol da conservação da Natureza. O texto também convocava os excursionistas para a palestra do presidente da FBCN, José Cândido de Melo Carvalho, que ocorreu em outubro na sede do C.E. Brasileiro. Nela, os clubes apresentaram os representantes do Núcleo Excursionista para Conservação da Natureza e o que se esperava dos excursionistas, sobretudo, dos guias (Figura 19):

²⁷⁵ COUTO, Tito de Paula. *Boletim Informativo*. Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza, n.4, 1969, p. 32-33.

²⁷⁶ MONTANHISMO. *O Globo*, 29 ago. 1966, Edição Esportiva, p. 4.

²⁷⁷ MONTANHISMO. *O Globo*, 19 set. 1966, Edição Esportiva, p. 4.

²⁷⁸ MONTANHISMO. *O Globo*, 26 set. 1966, Edição Esportiva, p. 4.

Entre os nobres princípios da Fundação que após regular número de anos de existência, quase desconhecida, tem graças aos seus atuais dirigentes, o firme propósito de dinamizar as atividades.

Um dos setores visados é a colaboração inestimável que pode dar o excursionista, que, pelas suas andanças por terrenos pouco palmilhados, pode ser o vigilante do tesouro que é a nossa Natureza.

E, assim, haverá depois de amanhã, dia 5, às 20h30m na sede do CE Brasileiro (...) uma palestra do Prof. José Cândido de Melo Carvalho, presidente da FBCN, sobre o que é o conservacionismo da Natureza e o que se espera dos excursionistas em geral.

Na ocasião serão apresentados os representantes dos clubes especializados, para articulação dos Núcleos Excursionistas para Conservação da Natureza.

Convoca-se a presença de todos que tenham vontade de colaborar, especialmente os guias, que têm o dever moral de comparecer.²⁷⁹

Outro aspecto que deve ser destacado é a conservação da natureza como uma obrigação moral a ser cumprida. O guia era entendido como um sujeito com grandes responsabilidades, não só diante dos clubes excursionistas, mas para a humanidade. Antes, a natureza que era percebida mais como patrimônio natural nacional, passa a figurar como um patrimônio da humanidade e, por isso, sua preservação passa a ser percebida como um dever de todos.²⁸⁰ Esta percepção se fortalece no contato com o conservacionismo e se desenvolve com mais vigor na década de 1970.

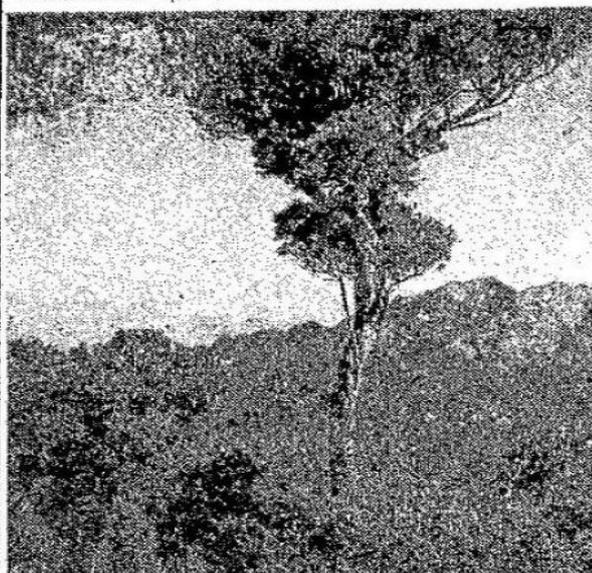
Figura 21 – Natureza e Excursionismo

²⁷⁹ MONTANHISMO. *O Globo*, 03 out. 1966, Edição Esportiva, p. 4.

²⁸⁰ MONTANHISMO. *O Globo*, 26 nov. 1966, Edição Esportiva, p. 4.

MONTANHISMO

Natureza e Excursionismo



Árvore em Itatiaia. Foto de Moacir Alves, do CE Brasileiro. Infelizmente diminui de ano para ano o número de árvores deste porte nas encostas do altiplano onde se erguem as Agulhas Negras e outros monumentos geológicos.

Criada em 28 de agosto de 1958, a Fundação Brasileira para Conservação da Natureza tem na sua Ata de Constituição relevante Declaração de Princípios que, em síntese, compreende o seguinte:

Relembrando que as idéias conservacionistas apreendidas por Andre Rebouças em 1878, apesar da sua transcendental importância não surtiram o efeito esperado em face da fraqueza das providências adotadas.

Aponta também o desinteresse das autoridades e a pouca receptividade pública por se considerar inesgotável o manancial generoso da Natureza brasileira, refletindo assim na ausência da política em prol da conservação da mesma.

Fonte: MONTANHISMO. *O Globo*, 03 out. 1966, Edição Esportiva, p. 4.

Apesar disso, a referência à natureza como patrimônio nacional permanece forte. Na semana de 10 de outubro, quando abordou as falas de José Cândido de Melo Carvalho e de Alceu Magnanini na noite de 5 de outubro, a seção *Montanhismo* articulou uma sequência de notícias, entre as quais uma sobre montanhistas do C.E. Petropolitano realizando uma homenagem à bandeira nacional no topo da Pedra do Retiro, intitulada *Montanhistas e Civismo*, com as riquezas naturais e, em seguida, uma outra com a descrição da reunião com os conservacionistas, em *Natureza e Excursionismo*.²⁸¹

²⁸¹ MONTANHISMO. *O Globo*, 10 out. 1966, Edição Esportiva, p. 4.

Na reunião de 05 de outubro, como vimos, falaram aos excursionistas os dirigentes da FBCN José Cândido de Melo Carvalho e Alceo Magnanini. Este último explicou como os excursionistas poderiam colaborar com a FBCN para conservar a natureza:

Ao constatar efeitos depredatórios, tais como derrubadas, queimadas, caçadas, mutilação de paisagem etc. o excursionista deverá dentro do possível mostrar ao causador o erro que está incorrendo e as penalidades que poderá sofrer de acordo com a lei.

O fato deverá ser comunicado à FBCN o mais breve possível, através do seu clube ou diretamente à Fundação que funciona no Museu Nacional, Quinta da Boa Vista.

Os guias preencherão os “relatórios de campo” que serão fornecidos pelos departamentos técnicos toda vez que se fizerem necessários.

Note-se que o conservacionismo da natureza é meta perseguida pelos CEs através dos seus estatutos, regulamentos, códigos de ética e ensinamentos em cursos de guias.

Isso em vista do ambiente do qual o excursionista é usuário e que este portanto deve ser o seu guardião, principal interessado na preservação do legado precioso que ficará para futuras gerações.

Portanto o bom excursionista sentir-se-á plenamente recompensado cooperando na defesa do inestimável patrimônio que, em última análise, é um bem da humanidade.²⁸²

Apesar desta forma de ação excursionista ter sido divulgada pela seção *Montanhismo* e pelos boletins excursionistas até, pelo menos, 1977, não foi possível averiguar se algum relatório foi preenchido ou enviado à FBCN. A partir de novembro de 1966, a seção anunciou que os Relatórios de Campo estavam sendo distribuídos aos interessados. Nos anos seguintes, o preenchimento dos relatórios foi divulgado em diferentes meios excursionistas. A divulgação envolvia uma campanha preventiva, de disseminação de informações, pedindo que os excursionistas acatassem “as instruções preconizadas pelos seus clubes no respeito à Natureza”, e uma campanha de “vigilante ativo, observando nas suas caminhadas as irregularidades cometidas pelo homem”.²⁸³ (Figura 20)

Figura 22 – Como o excursionista colabora.

²⁸² *Idem.*

²⁸³ FBCN – CONSERVAÇÃO DA NATUREZA, COMO O EXCURSIONISTA COLABORA. *Boletim do Centro Excursionista Brasileiro*. CEB, Rio de Janeiro, n. 314, jan/fev, 1977, p. 8.

CONSERVAÇÃO DA NATUREZA COMO O EXCURSIONISTA COLABORA

Na campanha de "preservar o ambiente natural sob todos os seus aspectos, como sejam: água, solo, flora, fauna e paisagens" o excursionista pode colaborar por dois modos: 1) acatando as instruções preconizadas pelos seus clubes no respeito à Natureza; 2) ser um vigilante ativo, observando nas suas caminhadas as irregularidades cometidas pelo homem. Tais irregularidades conforme "relatório de campo" da Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza, compreendem: a) Derrubada de Matas; b) Abate de árvores; c) Queimadas; d) Fabricação de carvão; e) Retirada de plantas; f) Mutilação da paisagem; g) Depredação de bens; h) Extração de pedras, saibro ou areia; i) Poluição das águas; j) Constatação de caçadas ou pescarias; l) Construção de barracos; m) Presença de marginais; n) Comércio ilegal de plantas ou animais; o) Outras ocorrências.

Fonte: CONSERVAÇÃO DA NATUREZA, COMO O EXCURSIONISTA COLABORA. *Boletim do Centro Excursionista Brasileiro*. CEB, n. 314, jan/fev, 1977, p. 8.

Nos anos seguintes, a relação dos excursionistas com os conservacionistas dependeu das posições em que se encontravam. A presença de Magnanini e de José Cândido de Melo Carvalho no IBDF, criado dentro do Ministério da Agricultura, em 1967, levou a novas nuances, incluindo conflitos de interesse que marcaram as discussões sobre a precariedade da estrutura do PNSO e o impacto da visita de excursionistas. Ao mesmo tempo, a FBCN seguiu presente na seção *Montanhismo*. A seção destacava o trabalho dos membros do C.E. Light, Carlos Manes Bandeira e Antônio Paracampos Dias, em funções dentro da FBCN e pedindo doações para manter o seu funcionamento.

3.3. PNSO, IBDF e Excursionismo: entre críticas e colaborações

Como abordado anteriormente, a inserção da conservação da natureza como um componente da ética excursionista tem um duplo fito. O papel educacional, que tinha por base um modelo de comportamento dos excursionistas, e um papel voltado para a formação de uma imagem virtuosa do excursionismo organizado. Nesta, buscava-se apresentar o excursionismo como um grupo coeso, disciplinado e que pratica as condutas esperadas das associações diante da sociedade. E, embora possam apresentar contradições, estas dimensões não são excludentes entre si.

O final da década de 1960 e o início da de 1970 foi, certamente, uma das mais documentadas por boletins e por meios de grande circulação, ao menos antes do surgimento das modernas tecnologias da informação do século XXI. Na tensão entre excursionistas e o PNSO, é possível compreender parte do emprego da ética excursionista nas relações internas, entre os próprios membros, e externas, no caso, com o poder público e com outras instituições, como a FBCN. Abaixo, buscarei apresentar as tensões e a relação com o conservacionismo e a ética excursionista. Primeiramente, descrevendo os problemas com o PNSO. Depois, como a questão da conservação surgia nos periódicos e nos boletins, principalmente do C.E. Brasileiro.

3.3.1. Montanhismo interrompido

As tensões que grassavam as relações entre excursionistas e o PNSO eram multifatoriais. Os excursionistas relatavam o abandono do patrimônio público por parte dos gestores do parque, com destaque para a deterioração dos abrigos que, à exceção do nº 1, foram destruídos ou degradados sem manutenção. Por outro lado, o diretor do parque, Elyowald Chagas, culpava também a falta de recursos destinados àquela instituição e, algumas vezes, o público, incluindo excursionistas, pela destruição.

As tensões começaram em meados da década de 1950. Em 1955, os excursionistas pleitearam a reforma dos abrigos no PNSO. A gestão, alegando a falta de orçamento, informou a impossibilidade da sua realização. Em contrapartida, os clubes excursionistas se ofereceram para arcar com a reforma dos abrigos, custeando a mão-de-obra e o material da reforma.²⁸⁴ Em 1955, a gestão do parque acenou que teria concordado com o plano, embora nos anos seguintes ele não tenha sido implementado. Foi também em 1955 que a gestão do PNSO insinuou que um incêndio teria sido provocado pelos excursionistas, o que levou a uma reação imediata de defesa das associações.²⁸⁵

Foi a partir de 1963, quando o abrigo 4 foi destruído, que as cobranças dos excursionistas aumentaram sobre o poder público.²⁸⁶ No boletim de maio/junho de 1963, Jaime Pitalunga Filho redigiu um texto repudiando a destruição do abrigo por “falsos excursionistas”. Em tom elevado, acusa os autores da ação exclamando: “Abrigo 4, juramos, não foram

²⁸⁴ ROCHA, Francisco Pacheco da. Novos Abrigos (Serra dos Órgãos). *Boletim do Centro dos Excursionistas*. CEB, Rio de Janeiro, mai/jun, 1955, p. 1.

²⁸⁵ INCÊNDIO NA SERRA DOS ÓRGÃOS. *Boletim do Centro dos Excursionistas*. CEB, Rio de Janeiro, jul/ago/set, 1955, p. 2 e 4;

²⁸⁶ MONTANHISMO. *O Globo*, 04 dez. 1962, Edição Matutina, p. 16; MONTANHISMO, *O Globo*, 14 jan. 1963, Edição Esportiva, p. 2; MONTANHISMO. *O Globo*, 15 abr. 1963, Edição Esportiva, p. 6.

excursionistas os que te destruíram. Foram bandidos! Foram assassinos!”.²⁸⁷ A destruição do abrigo levou à aproximação entre excursionistas e o PNSO, que passaram a buscar um entendimento para o uso do parque. Em uma reunião, os assuntos foram transformados em 20 itens priorizados pelas duas partes. Entre eles, alguns que mostram características das excursões do passado, como o pleito do parque de proibir o uso de machados e de armas de fogo. No geral, as questões estavam em torno: a) do controle dos visitantes do parque, uma vez que muitos dos caminhos para as escaladas no PNSO não saem da sede; b) da abertura de novos caminhos; e c) dos abrigos, no que diz respeito à reserva de lugares, a sua manutenção e a reconstrução do abrigo 4. Foi acordado, também, um contato maior entre as partes, estabelecendo a realização de uma reunião semestral.²⁸⁸ O entendimento, no entanto, parece ter permanecido no papel.

As reclamações sobre o PNSO retornam com mais força em março de 1965, quando a seção *Montanhismo* relata, novamente, as condições das trilhas e dos abrigos, em dois textos: “SOS para o PNSO” e “SOS para o PNSO (2)”. Por meio deles, os excursionistas se disponibilizaram a fornecer o projeto e os materiais para a reconstrução do abrigo 4. O autor do projeto era o arquiteto e uma das principais lideranças do C.E. Carioca, Ricardo Menescal. Até onde foi possível acompanhar, não houve resposta do parque.²⁸⁹ Os protestos seguem no boletim do C.E. Brasileiro, onde o sócio Luiz Gonçalves relembra a reunião de novembro de 1963, ressaltando a falta de ação do poder público.²⁹⁰ Uma nova conversa com Elyowald Chagas ocorreu apenas em 1966, no qual o administrador prometeu mudanças e se queixou da escassez de recursos do parque.²⁹¹

As relações se deterioraram mais a partir de 1967, quando o IBDF anunciou o fechamento do PNSO após um incêndio supostamente causado por excursionistas no dia 9 de setembro. A seção *Montanhismo* apurou que Elyowald, em entrevista a um matutino carioca, teria, no encerramento de sua fala, proferido a seguinte frase: “Quanto mais escondermos o parque será melhor”.²⁹² Além disso, teria dito que a causa do incêndio foi uma fogueira que não foi apagada por excursionistas. A seção não poupou críticas à administração do PNSO,

²⁸⁷ PITALUNGA FILHO, Jaime. Abrigo 4. *Boletim do Centro dos Excursionistas*. Centro dos Excursionistas, nº 276, mai/jun, p. 3.

²⁸⁸ MONTANHISMO. *O Globo*, 05 nov. 1963, Edição Matutina, p. 16; ÚLTIMA HORA. *Boletim do Centro Excursionista Brasileiro*. CEB, n. 279, nov/dez, 1963, p. 24.

²⁸⁹ MONTANHISMO. *O Globo*, 22 mar. 1965, Edição Esportiva, p. 2; MONTANHISMO. *O Globo*, 15 mar. 1965, Edição Esportiva, p. 2

²⁹⁰ GONÇALVES, Luiz. Um protesto. *Boletim do Centro Excursionista Brasileiro*. CEB, n. 281 jul/ago, 1965, p. 13.

²⁹¹ MONTANHISMO. *O Globo*, 11 abr. 1966, Edição Esportiva, p. 4.

²⁹² MONTANHISMO. *O Globo*, 25 set. 1967, Edição Esportiva, p. 4.

buscando explicar onde ocorreu o incêndio e que o local não era frequentado por excursionistas. Além disso, apontou para a suposta omissão dos guardas do PNSO, que:

(...)tiveram nas mãos o possível incendiário e este se defendeu apenas negando a prática do ato. Era o caso de este e de outros suspeitos serem entregues à polícia para uma inquirição devida e não apenas informal. Preferiu-se aproveitar mais uma vez a oportunidade para se lançar aos montanhistas a pecha de depredadores do parque, quando eles, mais que ninguém, têm o máximo de interesse em conservar o inestimável patrimônio público.²⁹³

Em janeiro do ano seguinte, excursionistas articularam um encontro com Elyowald na sede do C.E. Brasileiro. Lá, ele explicou a interdição do PNSO e a razão de ainda não estar novamente aberto. O parque não teria condições. Estaria formando os seus guardas-parque em conservação, legislação ambiental e conhecimento do PNSO. De acordo com Chagas, o parque passava por uma adaptação à conservação e à silvicultura, conhecimentos que não eram necessários para o diretor do parque.²⁹⁴

O parque reabriu apenas em julho de 1968, depois de 10 meses fechado, com novas normas de uso.²⁹⁵ Entre elas estavam restrições quanto aos locais de acampamento, à abertura de novos caminhos e modificações nos caminhos e, também, no tempo de permanência no parque. Ao final do texto, com as reservas e insatisfações demonstradas, Ivo conclui que “o importante para nós é que o PNSO esteja aberto ao uso público, que é uma das principais razões da sua existência”.²⁹⁶

Cerca de um ano depois, em julho de 1969, o PNSO foi novamente interditado em razão de um incêndio.²⁹⁷ O período, no entanto, excedeu os dez meses anteriores, estendendo-se por 26 meses. As críticas a Elyowald e ao IBDF não mudaram de tom. Acusou-se o fechamento de irregular, uma vez que não estaria sendo praticada a determinação do Código Florestal de 1965 de conciliação da “proteção integral da flora, da fauna e das belezas naturais com a utilização para objetivos educacionais, recreativos e científicos”.²⁹⁸ Criticou-se o IBDF pela situação de precariedade dos parques nacionais, incluindo a questão dos abrigos,²⁹⁹ e pela suposta tentativa

²⁹³ MONTANHISMO. *O Globo*, 25 set. 1967, Edição Esportiva, p. 4.

²⁹⁴ MONTANHISMO. *O Globo*, 22 jan. 1968, Edição Esportiva, p. 4.

²⁹⁵ MONTANHISMO. *O Globo*, 01 jul. 1968, Edição Esportiva, p. 4.

²⁹⁶ *Idem*.

²⁹⁷ MONTANHISMO. *O Globo*, 11 ago. 1969, Edição Esportiva, p. 4.

²⁹⁸ MONTANHISMO. *O Globo*, 02 mar. 1970, Edição Esportiva, p. 8.

²⁹⁹ MONTANHISMO. *O Globo*, 16 mar. 1970, Edição Esportiva, p. 8B; MONTANHISMO. *O Globo*, 20 set. 1971, Edição Esportiva, p. 9; MONTANHISMO. *O Globo*, 21 dez. 1970, Edição Esportiva, p. 9.

de transformação do PNSO em uma Reserva Biológica,³⁰⁰ além de acusar Elyowald de privilegiar construções desnecessárias na região da sede do parque para o seu próprio conforto.³⁰¹

Ao mesmo tempo, Ivo buscou, por meio dos regulamentos firmados pelos clubes e na legislação florestal, defender as associações excursionistas e colocá-las como um dos grupos mais interessados na conservação da natureza. São diversos os textos que, durante a interdição do PNSO, buscam apontar para a conservação como o mais caro valor para os excursionistas. Em “O montanhista em face do conservacionismo”, de março de 1970, Ivo escreve:

Quase todos demais clubes também preceituam nos seus estatutos determinações semelhantes, ratificando o que consta de códigos de ética excursionista, compreendendo o que mais caro existe para o bom montanhista: a conservação da natureza. Isto é perfeitamente lógico, pois todos os lemas de CEs encerram, direta ou indiretamente, um convite ao conhecimento do que tem de belo o Brasil. Portanto, por dever, necessidade e própria satisfação, o excursionista preserva e defende a natureza.³⁰²

Em outros momentos, argumentos semelhantes eram usados para relacionar excursionistas e conservacionismo.³⁰³ O excursionista buscaria preservar e defender a natureza motivado por “dever, necessidade e própria satisfação”.³⁰⁴

O anúncio da reabertura do PNSO ocorreu na semana do Dia da Árvore de 1971. É curioso notar que, no dia 21 de setembro daquele ano, José Cândido de Mello Carvalho, à época Assessor-Chefe do Gabinete do Presidente do IBDF, proferiu a palestra *Situação Atual do Conservacionismo no Brasil*, na sede do C.E. Brasileiro. Três meses depois, em dezembro, presidiu a reunião na qual se negociou a reabertura da parte alta do PNSO.³⁰⁵

³⁰⁰ MONTANHISMO. *O Globo*, 07 dez. 1970, Edição Esportiva, p. 9.

³⁰¹ MONTANHISMO. *O Globo*, 16 mar. 1970, Edição Esportiva, p. 8B.

³⁰² MONTANHISMO. *O Globo*, 09 mar. 1970, Edição Esportiva, p. 8B.

³⁰³ MONTANHISMO. *O Globo*, 10 mai. 1971, Edição Esportiva, p. 9; MONTANHISMO. *O Globo*, 14 jun. 1971, Edição Esportiva, p. 9.

³⁰⁴ MONTANHISMO. *O Globo*, 20 set. 1971, Edição Esportiva, p. 9.

³⁰⁵ REABERTA A SERRA DOS ÓRGÃOS. *Boletim do Centro Excursionista Brasileiro*. CEB, Rio de Janeiro, jan/fev, 1972, p. 5.

3.3.2. Conservacionismo debatido

Se por um lado, a seção dirigida por Ivo tecia críticas sobre a atuação do poder público, principalmente à figura de Elyowald, por outro, a partir dos fechamentos entre 1967 e 1971, os excursionistas buscaram compreender melhor a Conservação da Natureza. Em março de 1968, o boletim do C.E. Brasileiro de março anunciava que os clubes excursionistas estavam se reunindo para examinar a interdição do PNSO e constituir a FCM. A questão da conservação esteve presente nos dois momentos. A constituição da FCM institucionalizou a conservação da natureza como a forma de os clubes e ela filiados se relacionarem com o ambiente natural. Por outro lado, para lidar com a questão do PNSO, os excursionistas buscaram especialistas para compreender o conservacionismo no Brasil, o processo de erosão e a proteção da flora e da fauna.³⁰⁶ Neste caso, é preciso considerar que, no IBDF, estavam lotadas figuras como José Cândido de Mello Carvalho e Alceu Magnanini.

Além da divulgação interna dos clubes, as palestras foram divulgadas para todos os interessados na seção *Montanhismo*. Na tabela abaixo, compilo datas de palestras divulgadas nos boletins daquele ano, enquanto o PNSO estava fechado, sobre esses assuntos:

Tabela 1 – Palestras sobre conservação no Centro Excursionista Brasileiro em 1968.

Data	Palestrante	Tema
12/03/68	José Cândido de Melo Carvalho	Excursionismo e Conservação da Natureza
19/03/68	Harold Strang	Parques Nacionais do Brasil
26/03/68	Walter Curvello	Excursionismo e Conservação contra a erosão
2/04/68	Walter Curvello	Geografia
16/04/68	Jorge Xavier da Silva	Erosão
23/04/68	Jorge Xavier da Silva	Geomorfologia dos Estados do Rio de Janeiro e Guanabara
21/05/68	Jorge Xavier da Silveira	Erosão

Fonte: Boletins do Centro Excursionista Brasileiro, 1968.

³⁰⁶ *Boletim Informativo*. CEB, Rio de Janeiro, fev, 1968, p. 3.

Como se pode perceber pelos palestrantes e pelos temas, havia grande preocupação em aproximar o excursionismo da conservação da natureza, assim como abordar um dos temas de principal relevância para o fechamento do PNSO, a erosão. A abertura de novas trilhas e criação de atalhos foi citado como um fator de preocupação pela gestão do PNSO à época.³⁰⁷ Além disso, convidaram membros da FBCN, como José Cândido de Melo Carvalho, seu presidente à época, e Harold Strang. Os temas mais técnicos ficaram à cargo do Walter Curvelo, naturalista do Museu Nacional, e de Jorge Xavier da Silva, apresentado como geólogo especialista da Universidade do Brasil e da Universidade do Rio de Janeiro.

As palestras, além de oferecer as perspectivas de conservacionistas aos excursionistas sobre estas questões, também foram momentos nos quais diferentes sujeitos puderam compartilhar o mesmo espaço. Um dos mais relevantes foi, certamente, a palestra ministrada por Jorge Xavier da Silva, cujo diferencial destacado foi a presença de Alceu Magnanini na plateia. O boletim de junho do C.E. Brasileiro e a seção *Montanhismo* noticiaram a presença de Magnanini, cuja posse como diretor do Departamento de Pesquisa e Conservação da Natureza (DPCN), do IBDF, aconteceu no início do mês de maio. De acordo com a seção, o departamento era responsável pela “supervisão dos parques nacionais” e a nomeação de Magnanini era “alvissareira para o montanhismo”.³⁰⁸ Em entrevista aos excursionistas, Magnanini falou sobre as dificuldades que enfrentaria no novo cargo e buscou reconhecer os excursionistas, escoteiros e bandeirantes como colaboradores para a conservação da natureza, como afirma Ivo:

(...) o Dr. Magnanini que crê na boa-vontade dos excursionistas em geral bem como dá grande valor à colaboração que os mesmos poderão prestar. Tanto que pretende ainda no semestre em curso convocar uma reunião dos representantes dos CEs, escoteiros e bandeirantes para dentro de temário previamente estabelecido, a fim de em conjunto firmar a regulamentação dos parques nacionais. Isto numa posição de reconhecimento da identidade de vistas entre as autoridades e os usuários, cuja tônica é a conservação da natureza.³⁰⁹

Quando compareceu à palestra de Xavier no C.E. Brasileiro, Magnanini reforçou como os excursionistas poderiam colaborar com a conservação, por meio de solicitação de sugestões dos “Clubes Excursionistas para a boa conservação e utilização dos Parques”.³¹⁰

³⁰⁷ MAGNANINI, Alceu. Conceitos de Conservação. *Boletim Informativo*. Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza, nº1, 1966, p. 13-22.

³⁰⁸ MONTANHISMO. *O Globo*, 06 mai. 1968, Edição Esportiva, p. 4.

³⁰⁹ *Idem*.

³¹⁰ *Boletim Informativo*. Centro Excursionista Brasileiro, Rio de Janeiro, jun, 1968, p. 4.

A solicitação de tal parecer ficou registrada na seção *Montanhismo* de 12 de agosto daquele ano, quando foi anunciada a eleição da composição da FCM. Ivo se tornaria presidente da diretoria da FCM e Fernando Parga Nina, presidente do C.E. Brasileiro e um dos responsáveis pelas palestras no clube, ficou como presidente da assembleia da FCM. Além de regularizar os clubes perante o CND, a nova gestão da FCM ficou responsável por realizar um estudo sobre a regulamentação e utilização dos parques nacionais, que seria submetido ao departamento do IBDF comandado por Magnanini.³¹¹ O relatório foi entregue três anos depois, em 1971, pela FCM ao IBDF, de acordo com boletins do C.E. Rio de Janeiro de novembro e de dezembro de 1974.³¹²

A cooperação entre FCM e IBDF, no entanto, parece não ter saído do papel. Cerca de um ano após a reunião, Ivo chegou a perguntar, depois de citar nominalmente Magnanini, em uma seção: “será que as autoridades do IBDF não encaram com seriedade a importância dos Parques Nacionais?”.³¹³ De todo modo, a situação em que se encontrava o IBDF era bastante precária. Se havia esperança sobre uma mudança na política de Parques Nacionais com a criação do IBDF, a entrevista de Magnanini publicada no livro *Saudade do Matão*, aponta para a governança precária que o IBDF tinha sobre os Parques Nacionais:

A primeira proposta de nome para a nova instituição era “Instituição de Conservação de Recursos Naturais”, mas resolveram colocar Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, porque a palavra da moda era desenvolvimento. A maioria dos funcionários vinha do Instituto do Pinho e só tinham experiência com pinho, quando tinham experiência. O presidente era o general Silvio Pinto da Luz, antigo interventor do Instituto do Pinho que, talvez por isso mesmo, deixou de gastar o crédito especial liberado para implantação do IBDF, que era um volume enorme de dinheiro. O general só empregou 20 ou 30% da verba. O restante foi recolhido. E eu com mais de seiscentos pedidos de liberação de estoques de pele de animais, borboletas etc., porque a Lei de Proteção à Fauna já estava em vigor e o IBDF tinha que analisar cada caso. Seiscentos pedidos e nenhum funcionário. Além disso, todos os parques nacionais e todas as estações de experimentação. Se cada funcionário de parque fizesse um relatório, eu e a minha secretária tínhamos que nos suicidar, porque não havia tempo nem para ler os relatórios.³¹⁴

³¹¹ MONTANHISMO. *O Globo*, 12 ago. 1968, Edição Esportiva, p. 4.

³¹² PARA QUE LEMBREMOS. Boletim do Centro Excursionista Rio de Janeiro. CERJ, nov, 1974, p. 15-16; PARA QUE LEMBREMOS (CONT.). Boletim do Centro Excursionista Rio de Janeiro. CERJ, dez, 1974, p. 12-13.

³¹³ MONTANHISMO. *O Globo*, 24 mar. 1969, Edição Esportiva, p. 4.

³¹⁴ URBAN, Teresa. *Saudade do Matão: Relembrando a História do Conservacionismo no Brasil*. Curitiba: UFPR/Fundação O Boticário/Fundação MacArthur, 1998, p. 127.

Para retomar a 1968, é importante informar que o ritmo das palestras no C.E. Brasileiro desacelerou a partir de maio. No entanto, o tema conservação da natureza continuou fazendo parte das formações no clube. Realizadas principalmente por Estanislau Kostka Pinto da Silveira, elas buscavam falar sobre o conservacionismo e da própria vocação do excursionista para tal. Além disso, com o passar dos anos, os textos publicados no boletim passaram a encampar as influências das ideias ecológicas emergentes no final da década de 1960. Abaixo apresento duas tabelas, a primeira com palestras e a segunda com textos sobre os novos assuntos.

Tabela 2 – Palestras sobre conservação no Centro Excursionista Brasileiro (Parte 2)

Data	Palestrante	Tema
27/09/68	Estanislau Kostka Pinto da Silveira	Aspectos da Conservação da Natureza, especialmente a fauna
11/10/68	Estanislau Kostka Pinto da Silveira	Conservação da Natureza - Fauna
10/11/68	Estanislau Kostka Pinto da Silveira. Condução especial por Jayme Pitalunga Filho e Jorge Uchôa.	Visita à Reserva Biológica de Jacarepaguá
21/01/69	Estanislau Kostka Pinto da Silveira	Principais animais peçonhentos
3/06/69 e 29/06/69	Estanislau Kostka Pinto da Silveira	A Evolução da Vida na Terra
25/06/71	Estanislau Kostka Pinto da Silveira	Evolução dos Tamanduás e Conservacionismo e sua importância imediata
21/09/71	José Cândido de Mello Carvalho	Situação atual do conservacionismo no Brasil
25/07/72	Estanislau Kostka Pinto da Silveira	Proteção Indireta da Nossa Fauna e Domesticação de Alguns Elementos Exóticos

Fonte: Boletins do Centro Excursionista Brasileiro, 1968-1972.

Silveira era pesquisador pelo Centro de Conservação da Natureza do Estado da Guanabara, órgão que sucedeu ao CPFCN em suas funções. Em uma breve pesquisa, percebe-se que os seus estudos se voltavam para a vida de animais em cativeiro, principalmente mamíferos. Ele chegou a publicar notas no *International Zoo Yearbook* em pelo menos quatro ocasiões, entre 1968 e 1975. Entre as espécies estudadas estavam a codorna, o peixe-boi, o lobo-guará e a jaguatirica.³¹⁵ Em suas palestras no C.E. Brasileiro, nota-se o destaque concedido à fauna, embora também trate de temas relacionados à evolução da vida na terra.

Tabela 3 – Publicações sobre conservação da natureza nos boletins do C.E. Brasileiro, 1971-1974.

Boletim	Autor	Título
Março/abril 1971	Odette Toledo	O Velho e o Novo
Maiο/junho 1971	Estanislau Kostka Pinto da Silveira	O significado do conservacionismo
Julho/agosto 1971	Estanislau Kostka Pinto da Silveira	O papel do excursionista na conservação da natureza
Novembro/dezembro 1971	Estanislau Kostka Pinto da Silveira	A preservação ambiental na atualidade
Novembro/dezembro 1972	Antônio Ivo Pereira	O excursionista em face do conservacionismo
Setembro/outubro 1974	Odette Toledo	Excursionismo e Reflorestamento

Fonte: Boletins do Centro Excursionista Brasileiro, 1968-1972.

Entre 1967 e meados de 1969, o boletim do C.E. Brasileiro geralmente não trazia textos de outros autores, apenas o editorial, a programação e algumas notícias. É possível que, por esta razão, a publicação de textos de associados sobre conservacionismo tenha perdido espaço. Apesar disso, os textos publicados por Silveira representavam as concepções de

³¹⁵ SILVEIRA, Estanislau K. P. A brief note on the Little tinamou *Taoniscus nanus* in Brasilia Zoo. *International Zoo Yearbook*, London, v. 8, n. 1, p. 212–212, 1968; SILVEIRA, Estanislau K. P. Da notes on the care and breeding of the Maned wolf *Chyrocyon brachyurus* at Brasilia Zoo. *International Zoo Yearbook*, London, v. 8, n. 1, p. 21–23, 1968; SILVEIRA, Estanislau K. P. A case of cannibalism among ocelots (*Felis pardalis mitis*) at Brasilia Zoo. *International Zoo Yearbook*, London, v. 12, n. 1, p. 182–183, 1972; SILVEIRA, Estanislau K. P. The management of Caribbean and Amazonian manatees in captivity. *International Zoo Yearbook*, London, v. 15, n. 1, p. 223–226, 1975.

conservacionismo e a sua relação com o excursionismo no final da década de 1960. Silveira já compartilhava de uma visão mais apocalíptica adotada pela ecologia à época, buscando, inclusive, associar o tema da poluição à conservação. Em seu texto *O significado do conservacionismo*, ele descreve as formas de poluição como o maior problema enfrentado pela humanidade. Além disso, percebe o excursionismo, em sua ludicidade, como uma forma de enfrentar a progressiva automatização do ambiente humano, que o aparta da natureza, levando a transtornos nervosos e outros problemas de saúde. Para Silveira, o mundo, em constante transformação, é dirigido pelo ser humano para o “tão temido Apocalipse”, por meio da destruição do mundo biológico. Ao final, convida todos à reflexão e à inversão do processo de “demolição da biosfera”.³¹⁶

No mês seguinte, Silveira apresentou um novo texto, chamado “O papel do excursionista na Conservação da Natureza”. Nele, Silveira apresenta alguns dos argumentos que mais aproximam o excursionista da conservação da natureza. O primeiro é o de que as associações foram criadas para proporcionar “aos seus associados o contato íntimo com a Natureza, sob a forma de excursões, as mais diversas, bem como a prática do montanhismo e outros esportes”. O bom excursionista, portanto, é um amante da natureza e se torna, com o tempo, “num tipo de naturalista amador”, que:

Coopera, também, direta ou indiretamente, com as corporações de bombeiros, escotismo, guarda-florestal, polícia, radioamadores, salvamento e resgate., Forças Armadas etc., nas mais variadas operações que envolvam áreas naturais próximas ou distantes; e, quando frente a quaisquer situações difíceis, onde a solidariedade humana é ressaltada. Serve de guia a quaisquer das corporações citadas, ou ainda, individualmente, avisando as autoridades competentes, de qualquer alteração nos ambientes naturais que presencie ou tome conhecimento, seja ela causada pela ação negativa humana, ou seja ocasionada pela própria Natureza e que redunde em prejuízo para a coletividade, direta ou indiretamente.³¹⁷

O texto reitera o argumento de Ivo sobre o bom excursionista, aquele cujo conhecimento e comportamento segue os regulamentos dos clubes para bem representá-los. Ivo defende que os clubes são capazes de sancionar os que divergem do comportamento correto, afirma que a

³¹⁶ SILVEIRA, Estanislau Kotska Pinto da. O significado do conservacionismo. *Boletim do Centro Excursionista Brasileiro*. Centro Excursionista Brasileiro, mai/jun, 1971, p. 5-6.

³¹⁷ SILVEIRA, Estanislau Kotska Pinto da. O papel do excursionista na Conservação da Natureza. *Boletim do Centro Excursionista Brasileiro*. Centro Excursionista Brasileiro, jul/ago, 1971, p. 5-6.

presença no interior de um Parque Nacional de excursionistas pertencentes a clubes não deveria ser proibida.

O terceiro texto de Silveira foi publicado no boletim de novembro/dezembro de 1971, chamado “A preservação ambiental na atualidade”. Ele trata das diferentes formas de fomentar a preservação, entre elas: Educação, Recreativismo, Paisagismo, Parques Nacionais e Reservas Naturais e a Ecologia aplicada ao conservacionismo. É ressaltado o recreativismo e o incentivo ao público para frequentar ambientes naturais e artificiais, aprendendo a fazer “higiene mental, relaxação corporal e inalação de ar puro”. A parte referente à educação está relacionada à educação de forma geral, envolvendo a primeira educação familiar e, posteriormente, a educação formal, com vistas a “despertar amor e interesse pela Natureza, desde o ambiente familiar e através da subsequente idade escolar”. Ainda, no que toca a educação, realizar a divulgação de “artigos de cunho popular”, incluindo escolas, universidades, escolas técnicas, museus, jornais de alto gabarito, clubes excursionistas, organizações de campismo e outros.³¹⁸

Mais uma vez, o que se destaca é a percepção que os excursionistas tinham de si mesmos como prestando um serviço de “utilidade pública”, como conservacionistas por vocação e como difusores de uma educação voltada para a valorização da natureza e do patrimônio público em geral. Não obstante tratar-se de uma autopercepção, vale ressaltar que, de fato, havia uma disposição dos clubes de excursionistas de informar, formar e contribuir, das mais diversas formas, para a conservação da natureza

³¹⁸ SILVEIRA, Estanislau Kotska Pinto da. A preservação ambiental na atualidade. *Boletim do Centro Excursionista Brasileiro*. Centro Excursionista Brasileiro, Rio de Janeiro, nov/dez, 1971, p. 8-9.

CONCLUSÃO³¹⁹

Durante o percurso da pesquisa, o entendimento que se consolidou foi o de que a relação entre excursionistas e natureza era – e ainda é – múltipla e complexa, sendo informada por diversos aspectos. No curso do trabalho, alguns deles foram enfatizados, com destaque para o vínculo emocional e a imersão estética dos diferentes indivíduos em cada ambiente, o uso legal destinado a cada tipo de área protegida, a compreensão científica do mundo natural, a motivação para a proteção das áreas frequentadas e a percepção da natureza como representação do vínculo com a nação.

Buscando compreender essas relações, a realização deste trabalho se baseou em intensa pesquisa documental, que consistiu no levantamento e na descrição de determinadas tipologias, principalmente a dos boletins e das seções de excursionismo nos jornais da grande imprensa. O intuito deste levantamento foi o de explicitar a existência da expressão textual e das ações de excursionistas em favor da conservação da natureza ao longo do século XX.

Ao longo do trabalho de descrição, foram identificadas duas linhas de interpretação relacionadas com a conduta dos excursionistas e montanhistas: i) "utilidade pública" e ii) "ética". Por meio das fontes estudadas, foi constatado que a atividade excursionista, para além de seu caráter lúdico e esportivo, era percebida pelos excursionistas como a prestação de um serviço de “utilidade pública”, sem interesses financeiros. Este serviço era prestado em cooperação com o poder público ou de forma independente. Além do mais, o entendimento, por parte dos excursionistas era de que o grupo ao qual pertenciam devia se pautar, e se pautava, por uma “ética” rigorosa, que devia servir de exemplo para moldar as identidades no conjunto mais amplo da “nação”. Tratava-se, portanto, de legitimar o grupo mais restrito por intermédio de sua identificação com os ideais a serem perseguidos pela totalidade da nação.

Nos capítulos 1 e 2, que abordam as décadas de 1930 e 1950, constatou-se que o mais comum era a referência a atividades realizadas pelas associações que eram categorizadas como de "utilidade pública". No que concerne à proteção e conservação da natureza, destacavam-se a promoção de campanhas de reflorestamento e a "propaganda" das belezas naturais do Brasil. O entendimento dos excursionistas era que o uso racional dos recursos naturais e a divulgação das belezas do país teriam um impacto positivo sobre a economia e sobre o desenvolvimento do Brasil, além de promover uma ligação mais forte e mais profunda, transcendente, com a

³¹⁹ Parágrafo modificado após a defesa da dissertação.

nação, resultando na proteção destas áreas. A "utilidade pública", no entanto, era uma referência mais direcionada às associações do que aos indivíduos.

Ao longo dos capítulos 2 e 3, que se referem às décadas de 1950, 1960 e 1970, a referência à "ética" se torna mais frequente e direcionada à conduta do indivíduo. Percebe-se que, apesar de existir prescrições que normatizam as condutas excursionistas em períodos anteriores, eles passam a ser amalgamados de forma mais consistente sob o conceito de "Ética Excursionista" a partir da década de 1950. Com a adesão mais direta de excursionistas à conservação da natureza, esta passou a fazer parte da descrição do que é a *Ética Excursionista* e foi inserida nos estatutos dos clubes, das federações e, principalmente, nos boletins e nos jornais. Junto às declarações de "utilidade pública", a afirmação da existência de uma ética que se tornara parte da formação dos membros dos clubes também se tornou uma ferramenta que resguardava os clubes excursionistas nos embates com o poder público, como foi percebido na relação com o PNSO.

Apesar do levantamento, faltaram algumas camadas de análise bastante pertinentes, a serem desenvolvidas em trabalhos posteriores. A primeira foi uma análise mais detida das relações que os indivíduos e as próprias associações mantinham com o poder público. A segunda foi explorar os termos "utilidade pública" e "ética" a partir da perspectiva da história política.

Além disso, o levantamento documental, que foi bastante extenso, em razão do recorte temporal inicialmente proposto, entre as décadas de 1910 e de 1990, acabou por se deparar com questões que não foram abordadas. Uma delas explica, em parte, a palavra ecologia no título da dissertação. John McCormick aponta que os movimentos ambientalistas surgidos nas décadas de 1960 e de 1970 se pautavam por uma nova forma de agir, influenciados pelo modo de operar e pensar o mundo dos movimentos pelos direitos civis da década de 1960.³²⁰ Esses grupos, nacionais e internacionais, tiveram grande influência sobre as ideias que passaram a circular dentro dos clubes, principalmente nos boletins do C.E. Rio de Janeiro, nas décadas de 1970 e de 1980. Certamente também foram de grande relevância nos textos e boletins do Grupo de Ação Ecológica, a primeira Organização Não-Governamental ecológica formada por montanhistas no Brasil, a partir do final da década de 1980, no emblemático caso do Morro da

³²⁰ MCCORMICK, John. Rumo ao Paraíso: A História do Movimento Ambientalista. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.

Pedreira. O pensamento ecológico, parte de um contexto mais amplo de transformação social, marcou, portanto, uma mudança no montanhismo brasileiro.

Nesse sentido, creio que esta pesquisa, que teve início buscando compreender a conduta dos excursionistas nos Parques Nacionais em sua relação com a Ética Excursionista, lança luz sobre os discursos e ações desse grupo em sua relação com a natureza. Foi constatado que estes sujeitos incorporaram a conservação da natureza em seus discursos oficiais e preocupavam-se, formal e informalmente, com a difusão dessas ideias dentro das suas associações. Foi mais uma forma de, por meio das noções de “utilidade pública” e de “ética”, demonstrarem o que, na sua percepção, era um vínculo indissolúvel das organizações excursionistas com o que seriam os interesses maiores da nação.

Referências Bibliográficas:

1. Fontes – Programas, Boletins e Estatutos:

1.1. Boletins:

BOLETIM INFORMATIVO FBCN, números de 1966 a 1977.

ESTATUTO. Centro Excursionista Brasileiro, 1965.

PROGRAMAS E BOLETINS DO CENTRO EXCURSIONISTA BRASILEIRO, números de 1937 a 1989.

PROGRAMAS E BOLETINS DO CENTRO EXCURSIONISTA RIO DE JANEIRO, números de 1939 a 1974. Disponível em: <https://cerj.org.br/> (acesso em 8/11/2023)

REVISTA BRASIL EXCURSIONISTA. Centro Excursionista Brasileiro, números de 1935 a 1936.

REVISTA O EXCURSIONISTA. Centro Excursionista Brasileiro, números de 1932 a 1934.

1.2. Seções de Excursionismo/Montanhismo em jornais:

SEÇÃO DIÁRIO EXCURSIONISTA. *Diário de Notícias*. Edições de 24 de junho de 1956 a 19 de março de 1961.

SEÇÃO EXCURSIONISMO. *A Noite*. Edições de 7 de novembro de 1940 a 18 de fevereiro de 1955.

SEÇÃO MONTANHISMO. *O Globo*. Edições de 23 de março de 1959 a 2 de abril de 1973.

SEÇÃO VIDA EXCURSIONISTA. *Correio da Manhã*. Edições de 28 de janeiro de 1955 a 19 de junho de 1964.

1.3. Artigos de revistas e periódicos:

LOYOLA, Hollanda. Montanhismo: um esporte que deve predominar nas preferências da juventude do Brasil. *Educação Física*, n. 62-63, jan-fev., p. 40- 43, 1942.

EXCURSIONISMO: o excursionismo e o pensamento do Conselho Nacional de Desportos. *Educação Física*, n. 77, mar, p. 18- 19, 1944.

SILVEIRA, Estanislau K. P. A brief note on the Little tinamou *Taoniscus nanus* in Brasilia Zoo. *International Zoo Yearbook*, London, v. 8, n. 1, p. 212–212, 1968. DOI: 10.1111/j.1748-1090.1968.tb00488.x.

SILVEIRA, Estanislau K. P. Da. notes on the care and breeding of the Maned wolf *Chyrocyon brachyurus* at Brasilia Zoo. *International Zoo Yearbook*, London, v. 8, n. 1, p. 21–23, 1968. DOI: 10.1111/j.1748-1090.1968.tb00426.x.

SILVEIRA, Estanislau K. P. A case of cannibalism among ocelots (*Felis pardalis mitis*) at Brasilia Zoo. *International Zoo Yearbook*, London, v. 12, n. 1, p. 182–183, 1972. DOI: 10.1111/j.1748-1090.1972.tb02320.x.

SILVEIRA, Estanislau K. P. The management of Caribbean and Amazonian manatees in captivity. *International Zoo Yearbook*, London, v. 15, n. 1, p. 223–226, 1975. DOI: 10.1111/j.1748-1090.1975.tb01405.x.

UNIÃO BRASILEIRA DE EXCURSIONISMO. Excursionismo. *Educação Física*, n. 78, abr, p. 33, 1944.

2. Bibliografia:

BRASIL, Eric; NASCIMENTO, Leonardo Fernandes. História digital: reflexões a partir da hemeroteca digital brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 69, p. 196–219, 2020. DOI: 10.1590/s2178-14942020000100011.

CARVALHO, Alessandra Izabel. Montanhas e memórias, uma identificação cultural no Marumbi. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas - SP, 2005.

CARVALHO, José Murilo de. The edenic motif in the Brazilian social imaginary. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, n. spe1, p. 111–128, 2000. DOI: 10.1590/S0102-69092000000500008.

CENTRO EXCURSIONISTA BRASILEIRO. *Centro Excursionista Brasileiro: um século de conquistas*. Rio de Janeiro: E-papers, 2019.

DAFLON, Flávio; DAFLON, Cíntia. *Escale melhor e com mais segurança*. Rio de Janeiro: Editora Companhia da Escalada, 2014.

DIAS, Cleber Augusto Gonçalves. *Urbanidades da natureza: o montanhismo, o surfe e as novas configurações do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

DIAS, Cleber Augusto Gonçalves; MELO, Victor Andrade De; ALVES JUNIOR, Edmundo D. *Os estudos dos esportes na natureza: desafios teóricos e conceituais*. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, Porto, v. 7, p. 358–367, 2007.

DIAS, Cleber; MAIA, Tauan Nunes. Conhecendo o Rio de Janeiro a pé: “excursionismo”, “pedestrianismo” e “montanhismo” entre os séculos XIX e XX. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. 13, p. 523–534, 2017.

DONNELLY, Peter. Take my word for it: Trust in the context of birding and mountaineering. *Qualitative Sociology*, v. 17, n. 3, p. 215–241, 1994. DOI: 10.1007/BF02422253.

DRUMMOND, José Augusto. *Devastação e preservação ambiental no Rio de Janeiro*. Niterói - RJ: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1997.

DRUMMOND, José Augusto. A Legislação ambiental brasileira de 1934 a 1988: comentários de um cientista ambiental simpático ao conservacionismo. *Ambiente & sociedade*, São Paulo, v. 2, n. 3–4, p. 127–149, 1999.

DUARTE, Regina Horta; OSTOS, Natascha Stefania C. Entre ipês e eucaliptos: comemorações do “Dia da Árvore”. In: FRANCO, José Luiz de Andrade; SILVA, Sandro Dutra E; DRUMMOND, José Augusto; TAVARES, Giovana Galvão (org.). *História Ambiental: fronteiras, recursos naturais e conservação da natureza*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. v. 1p. 237.

FRANCO, José Luiz de Andrade; DRUMMOND, José Augusto. *Proteção à natureza e identidade nacional no Brasil, anos 1920-1940*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2009. a.

FRANCO, José Luiz de Andrade; DRUMMOND, José Augusto. Wilderness and the Brazilian Mind (II) the First Brazilian Conference on Nature Protection (Rio de Janeiro, 1934). *Environmental History*, Chicago, v. 13, n. 1, p. 82–102, 2009. b.

FRANCO, José Luiz de Andrade. A Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza (FBCN): História das áreas protegidas e das espécies ameaçadas de extinção no Brasil. In: MALTA, Elenita. *Protección a la naturaleza*. Buenos Aires: Editorial Teseo, 2020, p. 171. Disponível em: <https://www.teseopress.com/coleccionargentinabrasilv1>. Acesso em: 19 maio. 2023.

FRANK, Alison F. The Air Cure Town: Commodifying Mountain Air in Alpine Central Europe. *Central European History*, Cambridge, v. 45, n. 2, p. 185–207, 2012. DOI: 10.1017/S0008938912000027.

GELLY, Rosângela. *Dedo de Deus: a montanha impossível*. Rio de Janeiro: Ed. da Autora, 2022.

GODOY, Letícia. O Sistema Nacional de Esporte no Brasil: Revelações e Possíveis Delineamentos. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

GÓIS, Edivaldo. Revista Educação Physica e a Higiene dos Corpos (1932-1945). *Recorde: Revista de História do Esporte*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 1–13, 2013.

GÓIS JUNIOR, Edivaldo. Alberto Torres e os higienistas: intervenção do Estado na educação do corpo (1910-1930). *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 23, n. 4, p. 1445–1457, 2014. DOI: 10.1590/S0104-12902014000400026.

GÓIS JUNIOR, Edivaldo; MELO, Victor Andrade de; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. Para a construção da nação: debates brasileiros sobre educação do corpo na década de 1930. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 36, n. 131, p. 343–360, 2015. DOI: 10.1590/ES0101-73302015120113.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Elogio da Beleza Atlética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HANSEN, Peter. *History of British Mountaineering*. Harvard University, Cambridge, Massachusetts, 1991.

HANSEN, Peter H. Albert Smith, the Alpine Club, and the Invention of Mountaineering in Mid-Victorian Britain. *Journal of British Studies*, Cambridge, v. 34, n. 3, p. 300–324, 1995. DOI: 10.1086/386080.

HOFBAUER, Andreas. Roquette-Pinto: uma vida dedicada ao progresso da nação. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 44, p. 562–568, 2009. DOI: 10.1590/S0103-21862009000200014.

HOLT, Richard. The Amateur Body and the Middle-class Man: Work, Health and Style in Victorian Britain. *Sport in History*, London, v. 26, n. 3, p. 352–369, 2006. DOI: 10.1080/17460260601065953.

KELLER, Tait. *Apostles of the Alps: mountaineering and nation building in Germany and Austria, 1860-1939*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2016.

KREIN, Kevin. Reflections on Competition and Nature Sports. *Sport, Ethics and Philosophy*, London, v. 9, n. 3, p. 271–286, 2015. DOI: 10.1080/17511321.2015.1067249.

LUCENA, Waldecy Mathias. *História do Montanhismo no Rio de Janeiro: dos primórdios aos anos 1940*. Rio de Janeiro: Publit, 2008.

MAIA, Tauan Nunes. *O montanhismo no Rio de Janeiro: eugenia, higienismo e a febre esportiva, c.1900-1920*. 2019. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

MCCORMICK, John. *Rumo ao Paraíso: A História do Movimento Ambientalista*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.

MCNEILL, J. R.; ENGELKE, Peter. *The Great Acceleration*. Cambridge & London: Harvard University Press, 2014.

MELO, Victor Andrade De. *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

MELO, Victor Andrade. Trânsitos culturais: as experiências dos primeiros clubes athleticos do Rio de Janeiro (1873-1883). *Movimento (ESEFID/UFRGS)*, Porto Alegre, v. 25, p. 1–13, 2019. DOI: 10.22456/1982-8918.90653.

NASH, Roderick Frazier. *The Rights of Nature: A History of Environmental Ethics*. Madison: University of Wisconsin Press, 1989.

PÁDUA, José Augusto. *Um sopro de destruição: pensamento político e crítico no Brasil escravista (1786-1888)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

PÁDUA, José Augusto. The Dilemma of the “Splendid Cradle”: Nature and Territory in the Construction of Brazil. In: PÁDUA, José Augusto; SOLURI, John; LEAL, Claudia (org.). *A Living Past: Environmental Histories of Modern Latin America*. New York: Berghahn, 2018. v. 1p. 91–114.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Imprensa e História no Rio de Janeiro dos anos 50*. Tese (Doutorado em Comunicação) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

ROCHA, Leonardo. A situação fundiária do Parque Nacional da Serra dos Órgãos. In: CRONEMBERGER, Cecília; CASTRO, Ernesto B. Viveiros de (Orgs.). *Ciência e Conservação na Serra dos Órgãos*. ICMBio, Brasília, 2007, p. 39-66.

ROLSTON, Holmes. *Environmental ethics: duties to and values in the natural world*. Philadelphia: Temple University Press, 1988.

SCHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SCHUT, Pierre-Olaf. Sport as a Major Player in the Development of Tourism: The History of Mountaineering in the Pelvoux Massif, France, from 1861 to 1914. *The International Journal of the History of Sport*, London, v. 30, n. 12, p. 1329–1350, 2013. DOI: 10.1080/09523367.2013.784272.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; SILVA, Alberto da Costa E; CARVALHO, José Murilo De; GOMES, Angela Maria de Castro; REIS FILHO, Daniel Aarão; KOSSOY, Boris (ORG.). *História do Brasil nação: 1808-2010*. Rio de Janeiro: Madrid: Objetiva ; Fundación Mapfre, 2011.

SERRANO, Celia Maria de Toledo. *A invenção do Itatiaia*. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1993.

SILVA, Filipe Oliveira da. O Conselho Florestal Federal: Um Parecer de sua Configuração Institucional (1934-1967). *Historia Ambiental Latinoamericana y Caribeña (HALAC) revista de la Solcha*, v. 7, n. 2, p. 101–129, 2018.

SOUZA, Fabíola Amaral Tomé. “*Gangsters da caridade*”: Sistema político subvencional brasileiro e a manutenção de formação de clientela eleitoral no período de 1946 a 1964. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, RJ, 2019.

SPANNER, Júlio; SPANNER, Igor. *Guia da Região de Itatiaia – Escaladas e Montanhismo*. 2ª ed, Rio de Janeiro, 2019.

TAYLOR, Joseph E. *Pilgrims of the Vertical*. Cambridge, Massachusetts: HARVARD UNIVERSITY PRESS, 2010.

URBAN, Teresa. *Saudade do Matão: Relembrando a História do Conservacionismo no Brasil*. Curitiba: UFPR/Fundação O Boticário/Fundação MacArthur, 1998.

WILLIAMS, Raymond. *Problems in materialism and culture: selected essays*. London: Verso, 1980.

WORSTER, Donald. Para fazer História Ambiental. *Estudos Históricos*, v. 4, n. 8, p. 198-215, 1991.